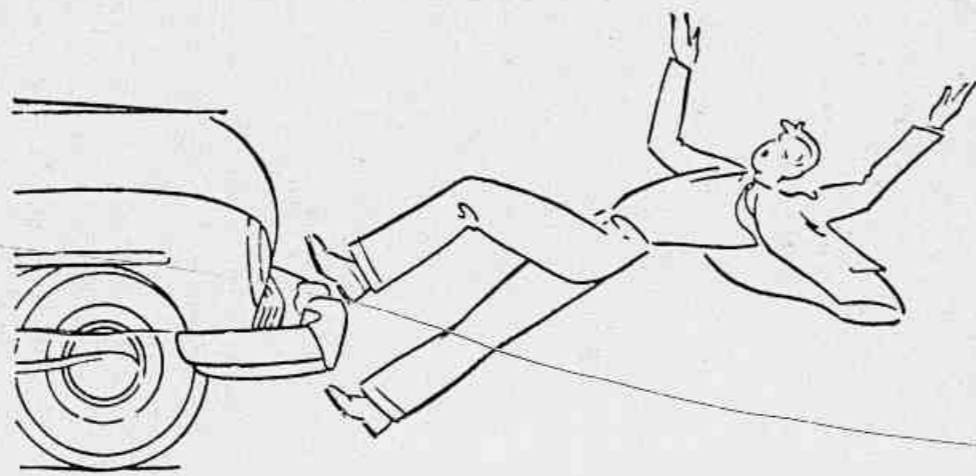




Illustração de
Brazileira



O ACIDENTE pode vir de longe...

Você é prudente. Deve ser. Mas ninguém sabe de onde vem o perigo. Pode vir de longe, sempre inesperado, e suas consequências podem ser gravíssimas: a hospitalização dispendiosa, por dias ou semanas, o abandono do trabalho, a perda dos rendimentos.

Contra esses riscos ou riscos ainda mais

sérios, você deve estar prevenido com sabedoria e inteligência: protegendo-se com uma apólice de Acidentes Pessoais da Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes. Mediante taxa extremamente módica, ela garantirá sua manutenção e tratamento em caso de acidente, ou poderá ser o amparo de sua família.

9 CARTEIRAS DE SEGUROS:

ACIDENTES DO TRABALHO
ACIDENTES PESSOAIS
ANIMAIS
AUTOMÓVEIS
FIDELIDADE E FIANÇA
HOSPITALAR OPERATÓRIO
INCÊNDIO
TRANSPORTES
RESPONSABILIDADE CIVIL

COM 82 CENTAVOS DIÁRIOS APENAS

VOCÊ PODERÁ MANTER UM SEGURO
DE CRS 200.000,00 NA SUL
AMÉRICA TERRESTRES, MARÍTIMOS
E ACIDENTES

SUL AMÉRICA TERRESTRES, MARÍTIMOS E ACIDENTES

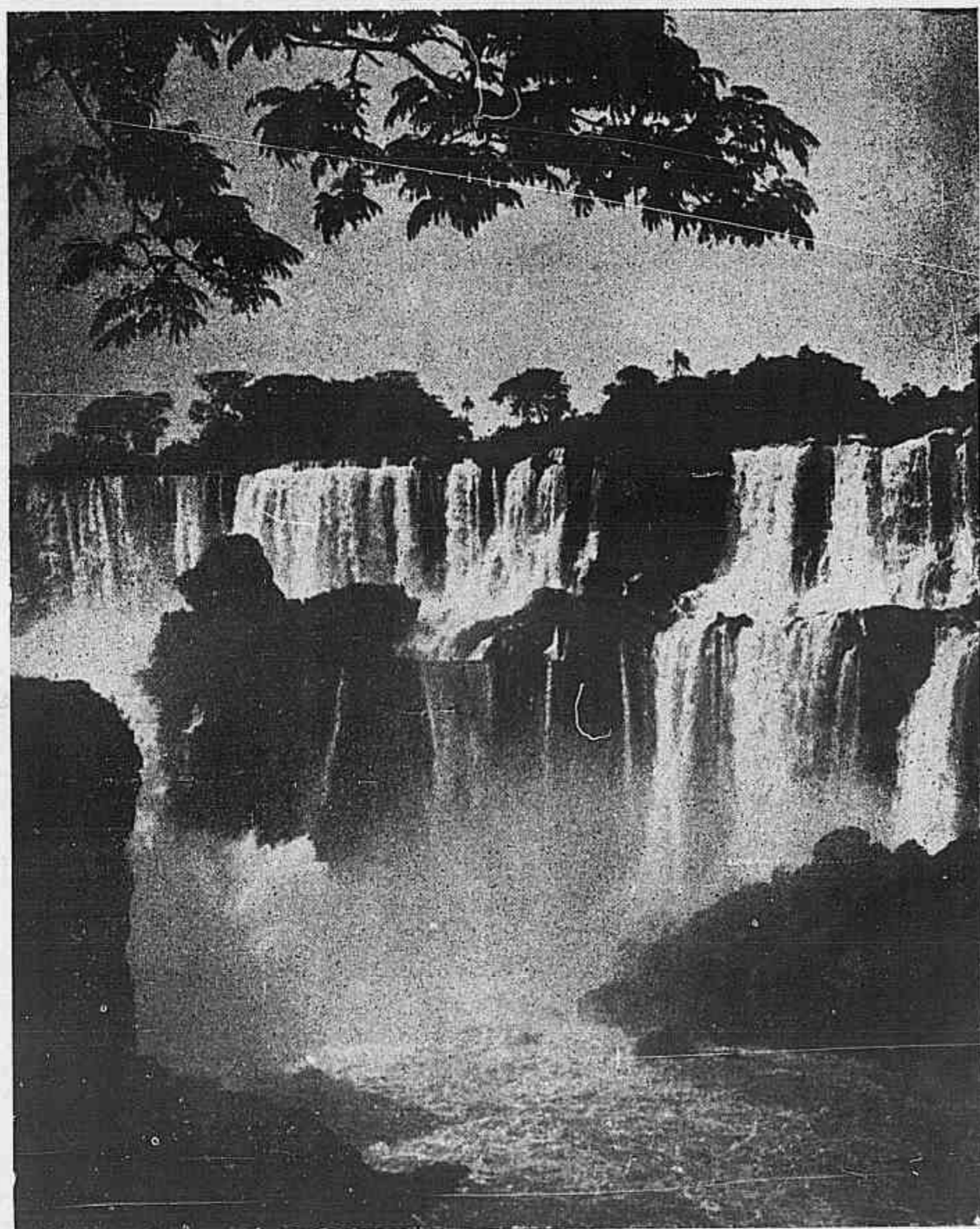
A maior Companhia de Seguros em seu gênero da América Latina
Rio de Janeiro





OS PARQUES NACIONAIS NAHUEL HUAPI E IGUAÇÚ

se destacam no panorama
turístico argentino pela
beleza de suas paisagens.



Quando viajar pela Argen-
tina inclua em seu itinerá-
rio uma visita a êsses
dois sacrários da flora
e da fauna indígena.

Peça informes ao
DEPARTAMENTO DE
TURISMO

da Administração Nacional de Parques Nacionais e Turismo,

MINISTERIO DE OBRAS PUBLICAS

REPUBLICA ARGENTINA.

JUNCAL 1130

BUENOS AIRES

Ilustração Brasileira

FUNDADA EM 1909

Edição da S. A. "O Malho"

Grande prêmio na exposição do Centenario, em 1922 — Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 — Diploma de honra da Feira Internacional de Nova York em 1940.

Órgão oficial da Exposição do Centenario, em 1922, do Centenario da Pacificação dos Movimentos Políticos de 1842, do Instituto Historico nas comemorações do Centenario no Nascimento de D. Pedro II, do Centenario da Confederação do Equador, do Cincoentenario do Cerco da Lapa, e do Cincoentenario da Fundação da Academia Brasileira.

DIRETORES:

Oswaldo de Souza e Silva
Antonio A. de Souza e Silva

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Senador Dantas, 15 - 5.º Andar
Telefones: 22-9675 — 22-0466 — 22-0745
Caixa Postal 880 — End. Tel.: "OMALHO"
Rio

PREÇOS DAS ASSINATURAS

(REMESSA SOB REGISTRO POSTAL)

Brasil, países da América e Espanha:

12 meses Cr\$ 120,00
6 meses Cr\$ 60,00

Demais países:

12 meses Cr\$ 140,00
6 meses Cr\$ 70,00

Número avulso Cr\$ 10,00

ANO XXXIX — N.º 162 — OUTUBRO, 1948

NOSSA CAPA

FLORES — Tela de Armando Pacheco.

CURIOSIDADES DO BRASIL

HISTORICA DESOBEEDIENCIA DE D. PEDRO I

Em 24 de Abril de 1821, vinha de Lisboa, uma lei pela qual as còrtes declaravam independentes do Rio de Janeiro, todos os governos provinciais, que ficavam sujeitos aos tribunais de Portugal. Tinha por fim esta lei, quebrar os laços que uniam em um só corpo as provincias do Brasil, e por isso desagradou muito aos brasileiros e tambem ao principe-regente D. Pedro, cuja autoridade ficava assim muito enfraquecida. O primeiro resultado dessa lei, foi negar-se a junta governativa da Bahia a obedecer ao principe-regente, deste modo reduzido a simples governador do Rio de Janeiro, de Minas e de São Paulo, que continuaram a obedecer à sua autoridade. Recebeu ainda a 10 de Dezembro, os Decretos N.ºs. 124 e 125, que as cortes arrojaram contra o Brasil, "abolindo os tribunais mais importantes, que no Rio de Janeiro tinham sido creados, chamando o principe à Europa, onde teria de aprimorar a sua educação viajando pela França, Inglaterra, e Hespanha e dispondo que o Rio de Janeiro ficasse governado por uma junta que se elegeria dentro de dois mezes". Estes decretos anunciavam a recolonização do Brasil. Os brasileiros começaram a conspirar; as sociedades secretas trabalharam ativamente. Joaquim Gonçalves Ledo e Januario da Cunha Barbosa, escrevendo o periodico "Reverbero", foram, na imprensa os órgãos das idéas e da causa do Brasil. O advogado capitão-mór José Joaquim da Rocha, o coronel Luiz Pereira da Nobrega e o franciscano frei Sampaio, foram os chefes de um clube patriótico, que prestou os mais relevantes serviços, resolveu promover representações em opposição à retirada do principe, e ato continuo, partiram Paulo Barbosa da Silva para Minas Gerais, e Pedro Dias Paes Leme, depois Marquez de Quixerabobim para São Paulo, afim de moverem as juntas dessas provincias a representar no sentido deliberado. A Provincia de São Paulo acudiu logo ao convite patriótico; a sua junta provisoria, de que era vice-presidente José Bonifacio de Andrade e Silva, representou em data de 24 de Dezembro, e o senado da camara de São Paulo satisfez o mesmo dever a 31 de Dezembro, pedindo ao principe que suspendesse seu regresso à Portugal. Os patriotas do Rio de Janeiro, apressaram-se a fazer assinar pelo povo uma representação, pedindo ao principe regente que ficasse no Brasil, e recolhidas mais de oito mil assinaturas, foi ela no dia 9 de Janeiro de 1822, apresentada ao principe-regente pelo senado da camara, que para esse fim se dirigiu em corporação, sendo acompanhado de imenso concurso do povo. Depois de uma hora de ansiedade para os patriotas, apareceu em uma das janelas do palacio o presidente do senado da camara José Clemente Pereira, e em alta voz repetiu a resposta do principe: "Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico". Esta historica desobediencia do D. Pedro I, precipitou a proclamação da independencia do Brasil.

DA CASCATINHA AO "PICO DA MARAVILHA"

A Cascatinha é a primeira queda d'agua que se oferece a quem do Alto da Boa Vista caminha para o Norte. É ameno o sitio. O ininterrupto, unisono e cristalino fragor das águas que se despenham de uma altura de trinta metros enche o espaço de frescura e a alma de tranquillidade. A natureza encontra-se ali solenemente representada. As Naiades que a mitologia grega desenha com tanta doçura não podiam ter dado vida e amor a cenário mais belo, nem a solidão mais cariciosa. Em franjas de jaspe, em lençóis de cristal a água desce, batendo nos diferentes planos da rocha cujas arestas vai quebrando, e, de seculo em seculo, afeiçoando o todo ás conveniencias do seu infinito rolar. O passeiante detem-se invariavelmente diante deste quadro cativante e não lhe escapa a alegria do inanimado expressa naqueles vegetais que estendem seus ramos para a clareira humida, cada dia mais verdes, cada dia mais viçosos, e sempre como que bemdizendo a líquida visinhança, e aumentando em surdina as vozes da cascata. A estrada continua larga e flanqueada de arvoredos; a inclinação é suave. Caminha-se uma, duas, três horas, à sombra, ouvindo apenas o chilrear da passarada, o murmurio das folhas que a aragem balança. Aquí, um regato, ali uma grotta, adiante uma ponte rustica sobre um hiato da montanha; de quando em vez uma abertura na mata, geixando que a vista dardeje o panorama longinquo da cidade. Ao cabo de 2.851 metros tem-se chegado ao planalto



AGUA PURA
SAUDE SEGURA
SO' COM VELAS
ESTERILISANTES

SENUN

denominado "Bom Retiro", o que não somente exprime homenagem ao estadista que deliberou fundar a Floresta da Tijuca, como também traduz a serenidade poetica desse remanso, a 658 m., 96 de altitude. Outra curva do caminho conduz ao "Excelsior", 693 metros sobre o nível do mar. É um mirante prodigioso. A parte Norte da cidade, e da bahia, toda se oferece ao espectador maravilhado. O bairro de S. Cristovão daí se vê, aberto, delineado como em uma carta topografica. Os pequenos morros, cobertos de casaria, mal deixam perceber o seu relevo. O porto cheio de embarcações, as ilhas assemelhando-se a outros tantos navios de formas caprichosas; ao oriente a linha sinuosa das montanhas do Estado do Rio, e a península em que está edificada a sua capital, Niterói. Os quadros sucedem-se, o clima torna-se cada vez ameno. a solidão é cada vez mais empolgante. A árvore é nossa companheira desde o principio até o fim da jornada. Um barranco. uma nascente, um desfilar de aljofares por entre musgos esmeraldinos, tudo está subordinado à arvore, tudo é vasalo do genio da Floresta. Os saís, os João de Barros, os coleiros, os galos da serra, os sabiás, os gaturamos, os camaxirras, os bemtevis, alternada ou conjuntamente vozeam seus cantares; mas as suas melodias não ultrapassam a melodia sublime de Eolo soprando nas franças e nas l'anas a sinfonia da Eternidade. Mais alguns quilômetros, e alcança-se uma altitude de 1.021,68m. É o Pico da Tijuca. Que maravilha! Não há espetaculo que se compare com o que se gosa desse alto cume da Serra da Tijuca. Avista-se a bah'a, com seus trinta quilômetros, da barra até a Piedade; descortina-se a cidade inteira. O imerso anfiteatro em que se exercita a atividade de dois e meio milhões de habitantes, desenrola-se como um panorama, e entretém demoradamente o olhar extasiado. Que maravilha!

BRASILIO MACHADO E SEU CENTENARIO

Brasílio Augusto Machado de Oliveira — poeta, professor, tribuno, jurista, educador, administrador, jornalista e patriota — nasceu na cidade de São Paulo, a 4 de Setembro de 1848, há cem anos. Era filho do brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira. Ingressou no Seminário Episcopal, de onde, saía em 1868, para matricular-se na Faculdade de Direito. Não era apenas o estudante assíduo e o jornalista poderoso, que sabia focalizar com maestria os problemas palpitantes, mas também o poeta inspirado, que anos mais tarde o seu livro "Madresilvas", havia de consagrar. Em 1872 recebia o diploma de bacharel, obtendo em 1873, a nomeação para promotor publico de Piracicaba, então chamada Constituinte, onde confirmou sua reputação de orador, já revelada durante o curso academico. Em 1875, defendeu tese na Faculdade de Direito e colou grau de doutor, enfrentando a austera congregação. Em 1882, voltou à Academia de Direito, agora para disputar uma catedra. Alcançou vitoriosamente seu objetivo. Quando em 1890, como catedratico pasou a lecionar Filosofia de Direito e em 1891 professava Direito Comercial, já era considerado um dos mais brilhantes professores. Deu cursos que abrangiam quasi todos os departamentos do Direito. Suas aulas sempre foram concorridas e apreciadas. Até mesmo alunos de outros anos, faziam empenho em ouvir sua exposição clara, vazava numa forma elegante, que maior encanto emprestava às preleções. Amavel e severo, arguia sempre a sorrir. Na banca dos exames, sua maneira de perguntar era a um tempo carinhosa e tremenda. Quando Brasílio Machado, mestre emerito do Direito Comercial, deixou a catedra em 1911, para assumir a presidência do Conselho Superior do Ensino da Republica, cargo que desempenhou pelo espaço de quasi dois lustros, era um insuperavel penalista, dominador da arte da palavra falada. Foi ele por dilatados anos, a figura obrigatoria em todos os rumorosos processos debatidos no Juri de São Paulo e do interior. Sua presença na tribuna judiciaria atraía para o Tribunal Popular, todo o São Paulo culto do seu tempo. As defesas de Brasílio Machado reunidos em volume, firmariam uma obra verdadeiramente util e apreciavel. Seus discursos e conferencias proferidos em varias oportunidades, constituem legítimas joias, dignas de se destacar em antologias. Ainda como administrador, Brasílio Machado deu sobejas provas de sua capacidade. Como presidente da Provincia do Paraná, realizou nos anos de 1884 e 1885, trabalho notavel, granjeando e reconhecimento publico dos paranaenses e do Governo Imperial. Foi sincero e operoso paladino da libertação dos escravos. Mas a politica não conseguiu empolgá-lo, após uma tentativa mal sucedida para se eleger deputado. Como jornalista, colaborou no "Correio Paulistano", no "Diario Popular", no "Comercio de São Paulo", e "Diario da Manhã". Fundou e dirigiu o "O Piracicaba" e "A Constituinte". Leão XIII deu-lhe a medalha "Pro Ecclesia et Pontifice" e Pio X. concedeu-lhe o titulo de "Barão Romano". Patriota fervoroso, servido por uma cultura vasta e solida, Brasílio Augusto Machado de Oliveira é um nome que honra e prestigia um povo. Sempre se bateu pelas causas justas, tendo como objetivo permanente a grandeza de São Paulo e do Brasil.

Caspa?
Petroleo
Soberana



ULTIMAS NOVIDADES

EM
VESTIDOS
BOLSAS
SWEATERS
BIJOUTERIES

LINGERIE FINA
ENXOVAIS PARA NOIVAS

RUA SENADOR DANTAS, 23-A
FONE 22-2464 - RIO DE JANEIRO



Dê uma

Expressão Extra

aos seus momentos de festa com

BRAHMA

Extra



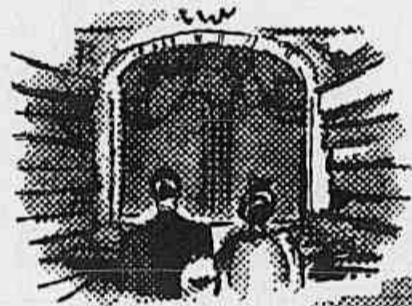
PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. B. - RIO DE JANEIRO - S. PAULO - CURITIBA - P. ALEGRE - P. FUNDO

A INGLATERRA

aguarda sua visita...

Belos recantos para todas as predileções —

eis o que o Senhor encontrará na velha Albion! Quer o Snr. prefira a ópera,



os parques,



as competições espor-

tivas,



as reuniões sociais — tudo



encontrará na Inglaterra com as notas inconfundíveis da atmosfera britânica.

Sua viagem a Londres será um marco indelével em toda sua vida.

E porque não aproveitar, desde aqui, o



ambiente de cortezia dos

aviões da British? Voe a Londres pela B.S.A.A. Reserve, desde já, sua passagem.



BRITISH SOUTH AMERICAN AIRWAYS

Av. Franklin Roosevelt, 194-C - Tel: 42-4046 (rede interna)
RIO

Alameda Barão de Limeira 114 - Tel: 6-1352
SÃO PAULO

**O HOMEM
PREHISTORICO DE
LAGOA SANTA**

Em 8 de Dezembro de 1825, chegou ao Brasil, o dinamarquez Peter Wilhelm Lund, com a idade de vinte e quatro anos. Demorou-se três anos, estudando a flora e a fauna dos arrabaldes do Rio de Janeiro, viajando tambem por Campos e Nova Friburgo. Partiu para a Europa e viajou pela Alemanha, Italia, Sicilia e França, voltando ao Brasil em 1833. Resolveu efetuar uma importantte viagem de estudos, na companhia do botanico alemão Riedel. Em Lagoa Santa, modesta povoação mineira, Lund adquiriu uma pobre habitação, que imediatamente acomodou a seu modo especial de vida. E iniciou às suas explorações científicas pelas cavernas calcareas, onde descobriu ossadas fosseis. Pelos estudos de Lund fica positivamente provada a existência do homem, anterior aos tempos históricos. E essa prova insofismavel foi encontrada exatamente em Minas Geras. Resta-nos agora saber quem foram esses antiquissimos habitantes do Brasil, de que raça eram, qual a sua civilização, em suma o grau da sua intelligencia. Estudou com habilidade os craneos mais ou menos completos, que encontrou em Lagoa Santa. Efetivamente a estreiteza da testa, a proeminencia dos ossos zigomaticos, o angulo facial, a forma da maxilla e da orbita, tudo designa a esses craneos o lugar entre os mais característicos da raça americana. E' sabido que a raça que mais se aproxima da raça americana é a mongolica, e que um dos caracteres mais salientes, pelos quais se distinguem entre si, é a maior depressão da testa na primeira. Fica pois provado, que os povos, que em tempo remotissimos habitaram, nesta parte do novo mundo, eram da mesma raça descobertas paelontologicas repercutiram no mundo inteiro. Grandes mestres da ciencia foram atraídos à Lagoa Santa, como Burnesfer, Richard Burton, Henzer e uma pequena parte da expedição científica da Agassiz, composta de Orestes St. John, John A. Allen, George Sceva e outros. O Imperador D. Pedro II e o Conde D'Eu lá estiveram em visita ao sab'o dinamarquez. Mais numerosas foram as visitas do professor Reinhardt, que fez estudos notaveis em

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
Á VENDA EM TODA A PARTE

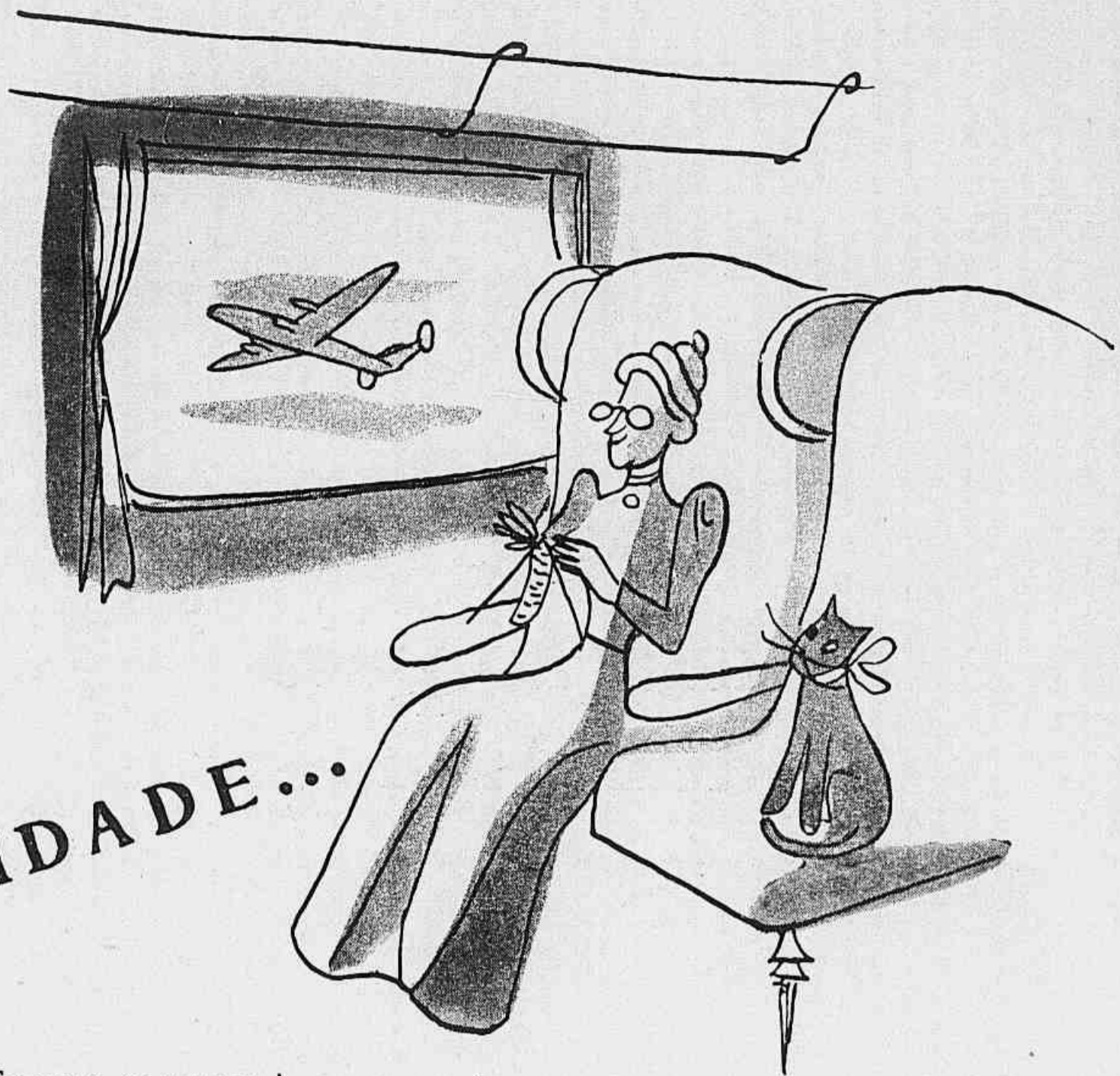
Lagoa Santa e que transportou as ricas colleções de Lund para o Museu de Copenhague.

MINISTRO POR POUCAS HORAS

Houve um estadista, no Imperio, Bernardo Pereira de Vasconcellos que nomeado ministro e secretario dos Negocios de Estado, aos 22 de julho de 1840, não poudo ocupar o cargo senão durante nove horas. Os motivos, que obrigaram Pereira de Vasconcellos a renunciar tão rapidamente o

honroso cargo, acham-se exmlicados em sua "Declaração". Sentimos não poder publicar o notavel escrito. Por mais que rebuscassemos em nossos arquivos, não nos foi possivel encontrar vestigios do precioso papel. Sabemos, entretanto, que a "Declaração" foi inserta, áquela época, numa das edições do "D. Pedro II", jornal que aparecia em Fortaleza duas vezes por semana e passou, sob o regimen republicano, a denominar-se "Brasil".

SERENIDADE...



Foram-se os tempos das aventuras aéreas...

Hoje em dia, todos podem gozar os benefícios de uma viagem aérea, pelo Brasil ou para o Exterior, nas velozes e confortáveis aeronaves da Panair do Brasil. Proporcionando aos passageiros o máximo de comodidade, aliado ao máximo de rapidez, a Panair do Brasil fá-los sentirem-se a bordo, como se estivessem em casa. As viagens aéreas que tornaram o mundo pequeno, são hoje em dia, tão simples e cómodas, que ninguém foge ao prazer de utilizar o avião para cobrir grandes ou pequenas distâncias, sem abandonar o bem estar doméstico. Consultem nossas agências sobre os seus planos de viagens.

PANAIR DO BRASIL

A MAIOR REDE AEROVIÁRIA SUL-AMERICANA





Satisfação para
quem fuma



-orgulho para
quem oferece

É um cigarro para homens... e um cigarro que as senhoras
aceitam sempre com satisfação. Mistura das mais felizes,
HOLLYWOOD é um distintivo de bom gosto e paladar apurado.

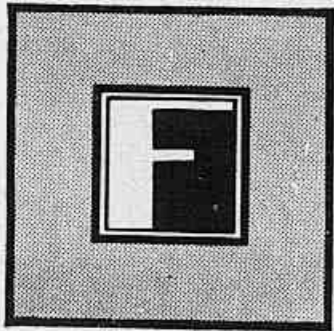
CIGARROS

hollywood

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE O MELHOR EM SUA CLASSE

COMPANHIA DE CIGARROS Souza Cruz

Chateaubriand



rançois — René — Chateaubriand, o visconde, o estilista, o autor de livros como o "Genio do Cristianismo", "Os Mártires" e "O ultimo dos abencerragens", vastos poemas em prosa, foi nas letras do século XIX um paladino da Musa cristã e um retardatario das Cruzadas. A mais logica das suas dignidades era o diploma de cavaleiro da Ordem do Santo Sepulcro, em que os padres católicos da Terra Santa o iniciaram, dentro de um oratorio ameaçado por infieis, otomanos ou sarracenos, janízaros ou beduimetano. — "A ideia cristã é o futuro do mundo". nos, salteadores ou incendiarios do credo mahomético — propalava na conclusão das "Memorias", envelhecendo, o nobre ainda mais enobrecido pelo toque religioso da espada de Godofredo de Bouillon, na capela dos monges latinos, entre as reliquias de um tesouro evangelico.

François-René-Chateaubriand, o visionario atraído a este continente pela miragem glacial do mundo antártico, desfeito no amago das selvas, em cujo misterio concebeu "Atala", o sonho fatal de "René", o mito sanguinario dos "Natchez", romaneando as paixões das tribus indomaveis, com os seus heroes e as suas virgens, os seus amores e as suas guerras, foi o precursor de algumas creações do romantismo brasileiro. Glorificado seja por essa idealidade romantica, esse americanismo literario, fonte da qual derivam, esteticamente harmoniosos, dois livros para o Brasil — o "Guarani", aventura e amplexo das raças, fusão

de almas do branco e do selvícola; "Iracema", flor morena das tabas, flor de terras cingidas por ondulações dos nossos mares — os "verdes mares bravios", de Alencar, os "lindos e alegres mares" de Graça Aranha.

Mas não é só a imaginação e que se evoca neste centenario dos seus funerais: sobre as ficções avulta-lhe a personalidade, através das "Memorias", em quadros de uma existencia romanesca e de um ciclo dramatico. Sonhador nas costas da Bretanha e nas matas do Canadá, soldado em Valmy, exilado na Inglaterra, adversario de Bonaparte, sectario da Restauração, embaixador nas côrtes europeias, cavaleiro andante da realza da fé e da liberdade, Chateaubriand viveu a mais intensa das vidas na sua época, melhor diremos no seu teatro.

Por fim, adveiu o crepúsculo do mundo interior com o ostracismo e a velhice. Baixaram desse intelligencia alcantilada as sombras da "Vie de Rancé", o gentilhome que se fez eremita. Num epílogo de brumas e cinzas, tão grave quanto o ermo das preces e dos jejuns, monologava o escritor: — "Que posso eu ver no futuro?" Nuvens pairando sobre uma cabeça envelhecida".

Como nuvens de oiro e de rosa, desvaneceram-se briand, desde Pauline de Beaumont a Juliette Recamier; pouco e pouco outros perfis de mulher nos seus romances — Atala, Amelie, Blanca, Veleda.

Estilizadas pelo huril do mago, porém, sobreviverem-lhe ainda hoje no imperio das letras e no palacio dos sonhos as memorias, as descrições, as imagens, filhas encantadoras do genio, formas seculares e poeticas da beleza, do amor e da gloria.

CELSO VIEIRA
DA ACADEMIA BRASILEIRA



PANORAMA

O UNIVERSO AMAZONICO

Os constituintes de 1946 é bem de vêr que não descobriram o universo amazônico. Mas o dispositivo da Magna-Carta, que veio assegurar os recursos orçamentários federais à execução de um plano efetivo de valorização econômica do Vale, chamou sobre as suas inexauríveis possibilidades revitalizadas toda a curiosidade — ou melhor, a ansiedade — dos povos avançados em cultura mas esgotados em civilização.

Compreenderam, com absoluta clarividência, os fundadores do novo pacto fundamental da Nação, o descortino que revelaram os representantes das populações setentrionais no garantir, em texto inamóvel da Lei Suprema, vinte anos pelo menos de trabalho recuperador, visando a solução dos complexos, fecundos e fascinantes temas da Amazônia.

Quando me coube a honra—e considero-me largamente compensado do esforço com que, nesse sentido, procurei justificar o mandato e a confiança da nossa intrépida gente nortina — de submeter aos debates da 3.^a Constituinte republicana a emenda de que resultou o equacionamento básico dos problemas da grande rechan equatorial, declarei, interpretando, de resto, o ponto de vista unânime dos homens planiciários, que o assunto da Amazônia não se nos apresentava, como não se nos apresenta, apenas sob o ângulo de justas, amarguradas reivindicações regionais.

Tratava-se, na realidade, de um problema nacional; um problema de unidade, de restauração brasileira; um problema que, ao cabo de contas, revestia — e reveste — o caráter medularmente nosso; mas um problema que haveríamos de enfrentar sem demora, ou, por força inevitável dos determinismos da hora presente, teria de se nos impôr no aspecto continental, senão internacional, quero dizer mundial, de um momento para outro, à nossa revelia.

Foi o que lembrei, evocando a lição de Euclides, quando nos advertiu que, sem uma imposição permanente do nosso amor ao Brasil, mais cedo ou mais tarde destacaria a Amazônia da comunhão federativa, — “naturalmente, irresistivelmente, como se despega um mundo de uma nebulosa, pela expansão centrífuga do seu próprio movimento”.

Ora, o vivacíssimo interesse, mais vivo do que nunca, que está suscitando no mundo inteiro a valorização econômico-social da Amazônia, merece, por sua vez, e mais do que nunca também, o sentido alerta do nosso patriotismo. O tempo que estamos vivendo, dominado pelo clamor das massas que aspiram aos direitos de viver em liberdade e em paz, contra a servidão do sofrimento e do medo, da necessidade e da miséria, aviltantes da condição humana, — o tempo que vivemos, eletrizado pelos rumores da guerra, encerra, e com acentuado relêvo, a advertência que nos fez, há mais de três décadas, o painelador genial d' "Os Sertões".

A Amazônia é, sem duvida alguma, e quase toda ela, patrimônio inalienável de nossa raça; é terra brasileira, do povo que o devassou e o incorporou, de direito e de fato, ao acervo histórico e jurídico de sua soberania; conquista exclusiva do heroísmo, a energia e o sangue de nossa gente, e não “terra prometida às raças superiores, tonificadoras e vigorosas”, que “um dia virão (ali) assentar a definitiva obra de civilização”, — como da metáfora de Alberto Rangel. Mas, nem porisso, nos seria lícito, por abandono ocioso ou displicência romântica, muito menos por méro sentimento egoístico de posse e senhorio, sequestrar as maravilhosas promessas da região prodigiosa ao espírito de solidariedade e cooperação, à fome de espaço e humanidade, dos povos sacrificados, sófregos e exaustos, no instante porventura mais dramático da história moderna.

Eis, num rápido esboço, o pensamento constitucional de 46, pela redenção da Amazônia.

LEOPOLDO PERES

O FUTURO NACIONAL

A pesar das dificuldades espirram por todos os lados, somos otimistas quanto ao futuro nacional. Temos apenas um século de vida livre, em território imenso, com metade de climas difíceis, numa existência accidentada, postos ante os mais graves problemas de adaptação ao solo e do ajustamento aos grupos sociais, que já enfrentaram povos e nações do Ocidente. E não desmerecemos. A resistência da nossa gente aos climas mais asperos, aos aspectos de vida mais difíceis, ao isolamento o mais desolador, à economia a mais boemia, é atestado indiscutível de possuímos uma essência étnica capaz de produzir uma das mais energicas e solidas civilizações.

A. CARNEIRO LEÃO

DE IDÉIAS

MEDICINA E MEDICOS NO BRASIL

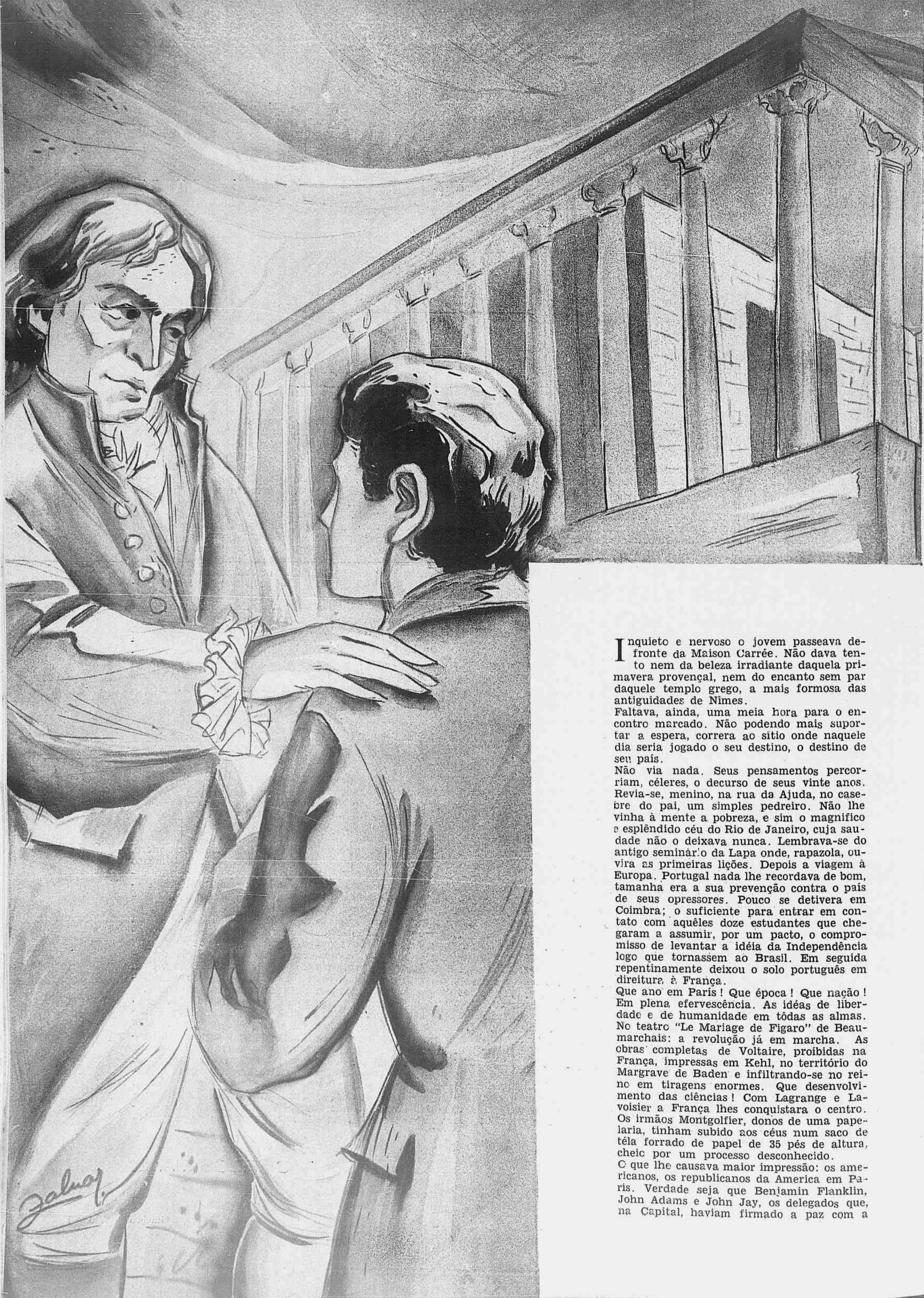
A medicina que acompanha à humanidade como a sombra à luz, nasceu com o homem. O Egito 3000 anos antes de Cristo mostrou grande poderio sob o rei Zoser, isto talvez devido a um medico, Imhotep que lhe fora ministro, e que posteriormente foi endoado na Grecia com o nome de Esculapio. A Helada também se celebrou por um grande medico, Hipócrates, cognominado o Pai da Medicina. O Brasil houve grandes medicos na historia da sua civilização; basta apontar os mais recentes como Torres Homem, Francisco de Castro, Saboia, Osvaldo Cruz, Miguel Couto e Carlos Chagas. A Academia Brasileira, o mais alto cenaculo da cultura nacional, conta no seu computo seis medicos, e já passaram por lá, como imortais, Francisco de Castro, Osvaldo Cruz, Miguel Couto e Afranio Peixoto. Não há talvez outra profissão que atraia mais a cultura espiritual e humanistica do que, entre nós, a medicina. Entretanto esta não está na altura a que a têm elevado os medicos. Faltam-nos recursos materiais que fazem da profissão uma das mais graves na historia da nossa civilização. Há carencia de hospitais, de grandes institutos de pesquisas, de técnicos dedicados, em formulas beneditinas, trabalho constante, abnegação patriótica para que o nosso país se quede na vanguarda do continente, especialmente no setor latino-americano. **Nada resiste ao trabalho, e quem pára se atraza.** O bom êxito pessoal nada significa diante da grandeza nacional. **Sempre adiante.** pois o cansaço profissional ou científico é medalha de honra. Vencer é verbo simpatico para o individuo, porém muito mais importante para a nação. O brasileiro constitui-nos a unidade precípua do bem, e do dever. Cumpre-nos zelá-lo desde a infancia até a idade do vigor humano, prepará-lo para a robustez eficiente que nos corresponda a ansia do maior e do melhor que é a divisa universal da humanidade. O clima que nos coube em sorte é bom, e a nossa raça, misturada e adaptada ao meio, encerra o tipo essencial para a nossa vitoria, no concerto das nações civilizadas. Não ha raças superiores ou inferiores; há etnias uteis ao desenvolvimento dos povos. Não sejamos maldizentes de nós mesmos, e afastemos o desanimo que é droga amarga e fetida, duas razões, segundo Dubois, para ser rejeitada. S. Paulo está dando o exemplo da arrancada para a vitoria. Um pouco de boa vontade dos governos conduzir-nos-á ao porto do triunfo, no dominio da medicina nacional que deve ter como lema: **o zelo ao brasileiro e amor à cultura científica.**

A. AUSTREGESILLO

A LITERATURA BRASILEIRA CONTINUA...

A literatura brasileira continúa, graças a Deus, no ponto em que se encontrava em 1908, quando da morte de Machado de Assis, isto é, no campo largo dos valores individuais. Houve, em 1922, um movimento que se dizia "modernista", encabeçado pelo sexagenario Graça Aranha, e ao qual se filiaram alguns rapazes estouvados e meia duzia de varões espertos que andavam na casa dos quarenta. Inculcavam-se de nacionalistas, mas na realidade eram apenas politicos que sonhavam para o pensamento uma disciplina totalitaria à moda de Marinetti. O que fazem ainda hoje, escandalosamente padronizado, mostra os seus intuitos de destruição da personalidade. A Academia Brasileira, com todos os seus defeitos, era e é um baluarte das tradições culturais do país. A "revolução" aranhista, precisaria atingi-la e desmoralizá-la para alcançar o seu objetivo. E foi como um verdadeiro cavalo de Troia que o autor de "Canaan" desencadeou a tempestade no seio da instituição ilustre cuja dignidade, então, deveria ter sido por ele defendida e não vilipendiada pela forma porque se processou o ataque de surpresa dentro em seus muros. Mas a Casa de Machado de Assis resistiu ao embate e o herege passou a pontificar na sua nova capela. Repetiu-se o velho fenomeno dos grupos do elogio-mutuo para as campanhas de publicidade: o louvor sistemático aos da confraria, a omissão ingenua dos que a ela não pertencessem. Isso que por aí anda com rotulo de "romance social" e "poesia do povo" não difere dos modelos classicos, senão nos exageros da pornografia. Em alguns as mudanças não vão além da forma errada de escrever a lingua. E a maior novidade poetica foi a invenção de um "soneto" com quatorze versos... sem rima. Fora desses aspéto, o que se observa é a existencia de uma especie de cangaço inetectual com a aparição de bandos que desejem impor pela violencia dos desaforos a sua originãlidade. Mas, há mais de um século que as "revoluções" literarias agitam o mundo. Mudam de rotulo, e nada mais. Romantismo, parnasianismo, naturalismo, simbolismo, sur-realismo, e outros ismos, apenas deixaram da sua passagem a marca daqueles que tinham algo de interessante para dizer. E será sempre assim. Inutil é pensar que a agitação das aguas lhes suprimirá a superficie, mas em seguida voltará, pela força do proprio peso, ao repouso do fundo. A literatura tem um sentido de perenidade que pertence ao individuo, e contra ele nada poderão os agrupamentos subversivos que marcham com os antolhos do fanatismo a perturbar-lhes a visão da realidade...

CARLOS MAUL



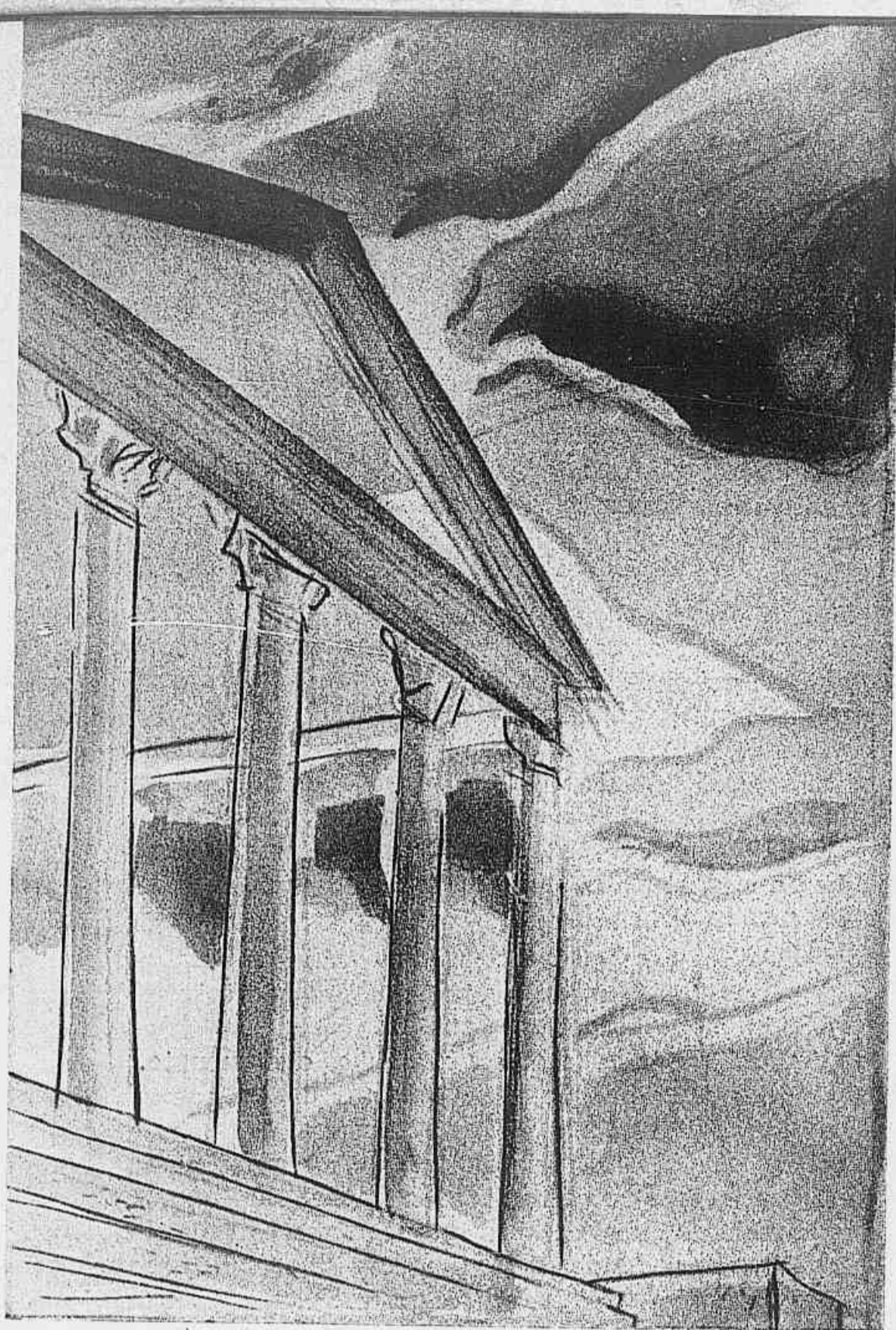
Inquieto e nervoso o jovem passeava de frente da Maison Carrée. Não dava tento nem da beleza irradiante daquela primavera provençal, nem do encanto sem par daquele templo grego, a mais formosa das antiguidades de Nimes.

Faltava, ainda, uma meia hora para o encontro marcado. Não podendo mais suportar a espera, corraera ao sitio onde naquele dia seria jogado o seu destino, o destino de seu país.

Não via nada. Seus pensamentos percorriam, céleres, o decurso de seus vinte anos. Revia-se, menino, na rua da Ajuda, no casebre do pai, um simples pedreiro. Não lhe vinha à mente a pobreza, e sim o magnifico e esplêndido céu do Rio de Janeiro, cuja saudade não o deixava nunca. Lembrava-se do antigo seminário da Lapa onde, rapazola, ouvira as primeiras lições. Depois a viagem à Europa. Portugal nada lhe recordava de bom, tamanha era a sua prevenção contra o país de seus opressores. Pouco se detivera em Coimbra; o suficiente para entrar em contato com aquêles doze estudantes que chegaram a assumir, por um pacto, o compromisso de levantar a idéia da Independência logo que tornassem ao Brasil. Em seguida repentinamente deixou o solo português em direitura à França.

Que ano em Paris! Que época! Que nação! Em plena efervescência. As idéas de liberdade e de humanidade em tôdas as almas. No teatro "Le Mariage de Figaro" de Beaumarchais: a revolução já em marcha. As obras completas de Voltaire, proibidas na França, impressas em Kehl, no território do Margrave de Baden e infiltrando-se no reino em tiragens enormes. Que desenvolvimento das ciências! Com Lagrange e Lavoisier a França lhes conquistara o centro. Os irmãos Montgolfier, donos de uma papelaria, tinham subido aos céus num sacco de tela forrado de papel de 35 pés de altura, cheio por um processo desconhecido.

O que lhe causava maior impressão: os americanos, os republicanos da America em Paris. Verdade seja que Benjamin Franklin, John Adams e John Jay, os delegados que, na Capital, haviam firmado a paz com a



em face daquela pompa, daquela elegância, daquele gosto apurado do rico gentil-homem da Virginia.

Paris tornou-se, ao cabo de certo tempo, inconveniente à saúde periclitante do brasileiro franzino. Em busca de clima mais ameno, foi para Montpellier, a mais velha Faculdade de Medicina da França e onde não eram raros os estudantes brasileiros. Encontrou ali fervorosos partidários da Independência: Domingos Vidal Barbosa, José Mariano Leal e José Pereira Ribeiro.

Os quatro moços pobres instalaram-se num quatinho da cidade meridional, impregnada, desde os tempos de Rabelais, de tonalidades universitárias. Ouvindo, de dia, as aulas dos professores, à noite punham-se a ler febrilmente o livro em que o abade Raynal descrevia todas as peripecias da independência norte-americana.

E, um dia, resolveu agir. Escreveu ao Embaixador, servindo-se do pseudônimo "Wendek". Jefferson, bom psicólogo, enternecido pelo falar sincero de um coração, dispôs-se a um encontro em Nimes.

O moço estudante estava meditando...

os portugueses favoráveis à Independência? Que tropas regulares? Qual o valor dos oficiais? Sabem manobras? Conhecem a arte da guerra? Póde-se contar com eles?

As demais perguntas referiam-se ao clero, à nobreza, aos letrados, aos analfabetos. Há armas? Que farão os escravos? Que possibilidade teria a Espanha num ataque pelo Sul? Um exercito poderia subjugar Minas? Qual o valor do porto do Rio?

Depois vieram as indagações economicas referentes ao trigo, à carne e a outros alimentos. Que é que vocês podem comprar-nos. Têm navios? Sabem maneja-los? A seguir, inquirições financeiras. Como custear a Revolução? Quais as rendas das minas de diamantes e pedras preciosas?

Durou quasi uma hora esse questionario metódico e Jefferson mostrou-se agradavelmente surpreendido pelas informações precisas que lhe dava esse estudante. Foram estas as ultimas palavras do Embaixador:

— Não tenho do meu Governo instruções que me autorizem a dizer uma só palavra a tal respeito. Limitarei a comunicar-lhe idéias pessoais sobre a sua causa. Os americanos do norte não estão em condições de comprometer a nação numa guerra com Portugal cuja amizade desejam cultivar. Tanto assim que com ele acabam de fazer um vantajoso tratado de comercio. Mas, não obstante essas considerações, os brasileiros devem estar certos de que uma revolução feliz no sentido de sua independência, não poderia deixar de excitar interesse nos Estados Unidos. A esperança de consideraveis vantagens atraí-

Encontro em Nimes

Inglaterra, assegurando a plena independência das 13 colônias, já se tinham ido embora. Mas a impressão que deixara Franklin andava em todas as bocas.

Que personificação da República este homem que eripuit coelo fulmen sceptrumque tyrannis! En torno dele se agrupavam os filósofos franceses. Só se falava em Franklin e seus discipulos de Paris. Estes, discutindo com ele a Constituição americana, preparavam-se para debater as leis futuras da Revolução francesa. Repetiam-se as palavras do grande americano: "Quem transportar para o Estado politico os principios do cristianismo primitivo, mudará a face do mundo".

Franklin tornara ao seu país. O embaixador que, então, representava a Republica em Paris era um nome não menos famoso: Thomas Jefferson. O grande Jefferson, autor da célebre "Declaração dos Estados Unidos" de 4 de Julho de 1776, o novo evangelho que o brasileiro entusiasta tanto repetira que o sabia de cór, e que começava com estas palavras: "Se, no transcurso dos sucessos humanos, necessário se torna a um povo romper os laços politicos que o prendem a outro..." até o final que reboia como os sinos de uma catedral: "E, para apoio desta declaração, firmemente confiantes na proteção da Providência Divina, empenhamos, uns e outros, nossas vidas, nossos bens e nossa honra sagrada". Eis o falar orgulhoso de uma nação livre! Eis o exemplo que o Brasil deverá seguir!

De uma feita vira o Embaixador em vistosa carruagem. Estudante pobre, metido num fato velho, sentira-se esquelado e canhestro

Sentiu que alguém lhe tocava no ombro com firmeza e brandura.

— Tem razão de se absorver nessa maravilha! Que misterio nessas proporções singelas! Pode-se lá imaginar um templo mais harmonioso que essa construção corintia? Sempre os gregos, mesmo no período romano. Só no helenismo é que há perfeição. Mas V. não me diz nada, Senhor Wendek? Ou, como é seu nome?

O moço brasileiro se refizera da surpresa. Sim, era sempre aquela elegância e superioridade que o haviam posto um tanto aturdido, mas também uma bondade e franqueza que o encorajavam. O que sobretudo o consolava era o máu francês do grande americano, pior ainda que o seu.

— Excelência, vou dizer-lhe tudo. Sou José Joaquim da Maia, originario do Rio de Janeiro, estudante em Montpellier.

Narrou-lhe então toda a sua vida, todas as suas aspirações, descrevendo-lhe a situação do Brasil, o movimento da Independência. Falou de Minas, de um certo Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, da simpatia, no Brasil, pelos Estados Unidos e do desejo de seguir-lhes o exemplo.

— E' para desempenhar esta comissão que vim à França. Cumpre-lhe-agora, ajuizar se nossos propositos são razoaveis. Nossa divisa é: Libertas quae sera, tamen.

— Virgilio! — diz, a sorrir, o diplomata — liberdade, ainda que tardia!

Entrou, depois, a fazer-lhe perguntas precisas: Quantos habitantes tem o Brasil? Quantos portugueses? Que numero de brancos nativos, negros e indios? São, também

ria, para o Brasil, muita gente em seu auxilio. Por motivos mais nobres não deixariam de vir até numerosos officiais, em cujo numero há muitos excelentes. Os cidadãos americanos podem sair de sua patria livremente, sem necessidade de licença, e dirigir-se para qualquer país.

O Embaixador estendeu-lhe a mão:

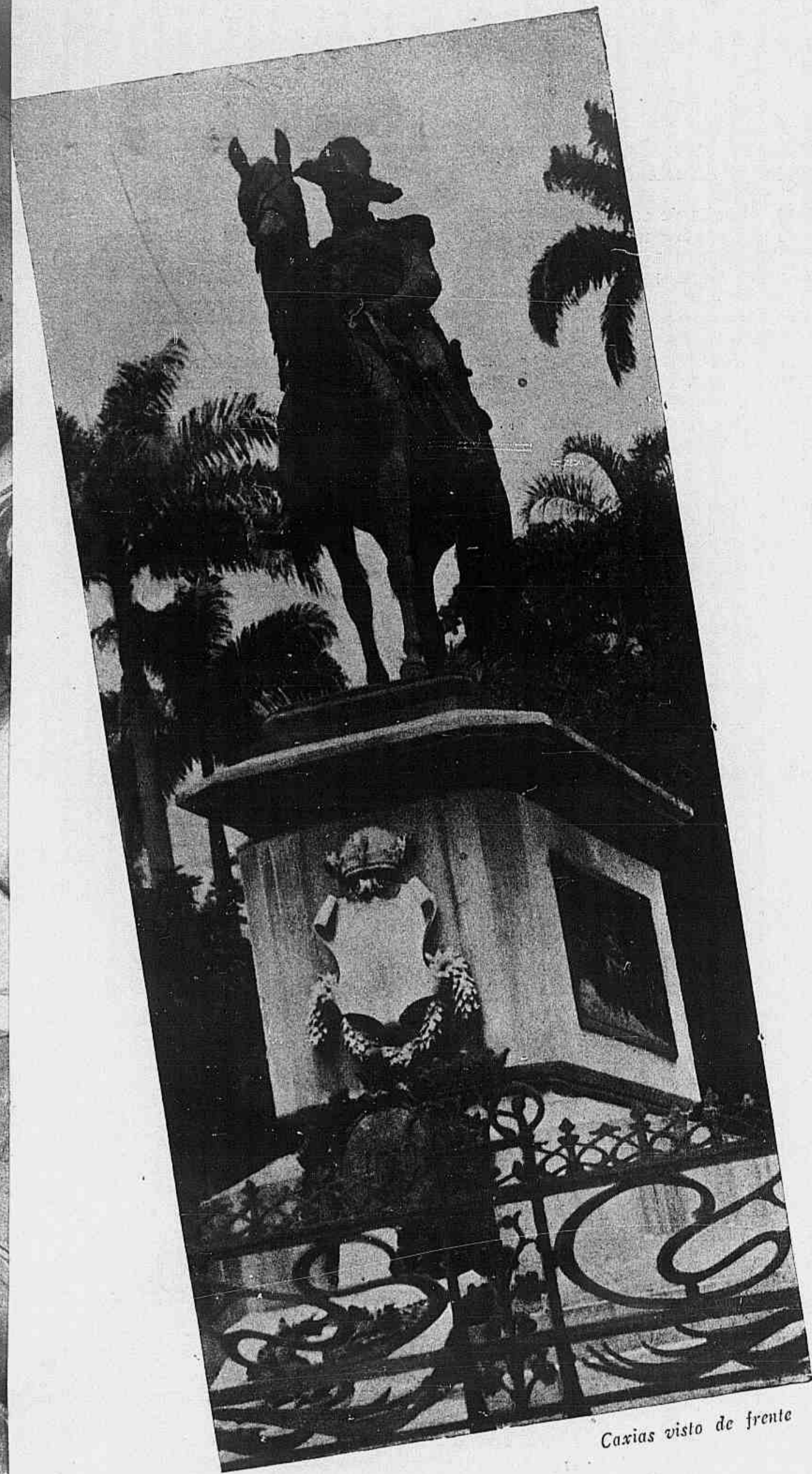
— Libertas quae sera, tamen!

Muito tempo o estudante se deteve ali, sózinho, a olhar o desaparecido. Compreendera muito bem que, no falar discreto da diplomacia, o representante da grande Republica lhe expressara o seu consentimento. Era a primeira vez que surgiu a idéia de solidariedade entre os dois maiores países do Continente. A Independência caminhava. Tinha amigos. Tinha obstaculos. Estes seriam vencidos. Se ele não chegasse a vislumbrar a Terra da Promissão, outros a veriam.

Chegado a Lisboa, dispunha-se a tomar passagem para o Brasil. Caiu enfermo. Faleceu em poucos dias.

Os ecos de sua audaciosa tentativa corriam o Velho e o Novo Mundo, e, do claustro de Santa Clara de Coimbra, uma religiosa madre escreveu a seu primo, moço fidalgo da Casa Real do Brasil, pedindo-lhe que se retirasse o quanto antes para o Reino porque a colonia não tardaria em seguir o exemplo da America Inglesa.

ERNESTO FEDER



Caxias visto de frente

Os homens arrastam, em vida, as suas sombras, sem dignar-se olhá-las. E, quando morrem, querem que elas não os sigam: preferem vê-las imortalizadas em bronze e em granito. Assim, surgem as estátuas — reflexos paralizados dos mortos ilustres.

E, graças a elas, os povos têm oportunidade de admirar os seus heróis e os seus genios, frente a frente, dentro das três dimensões. E sentem, através dos vultos impassíveis, alguma coisa do espírito que movia o seu sangue e iluminava os seus passos para as realizações extraordinárias.

Homero e Aristóteles, Dante e Beethoven, e outras personalidades transcendentais de todas as épocas, olham-nos do alto de sua imortalidade, e podemos, a todo instante, nos lembrar dessa altitude que nos separa deles, observando-os em sua imobilidade gloriosa, no meio das praças, como sentinelas inflexíveis da Civilização.

As grandes cidades são, naturalmente, povoadas de monumentos. Essa multidão cresce, de longe em longe, mas, semelhante às figuras de pesadelo de um dos poemas de Theophile Gautier, crava as suas raízes no chão, eternamente. Isso em toda a parte do mundo. Entretanto, no Rio de Janeiro, desde certo tempo, as estátuas deixaram de ser imóveis. Passaram a mover-se, inesperadamente, saindo dos lugares, como pedras de jogo de xadrez ou como soldados em desfile.

Se alguém dissesse aos nossos avós: "O monumento equestre de D. Pedro I, na Praça Tiradentes, vai mudar-se para o Largo de Santa Rita", eles não acreditariam, da mesma forma que não acreditavam que se transferisse o carrilhão de uma igreja para outra. A inércia era o estado natural das coisas sagradas: a morte e Deus, em suas manifestações plásticas, se revelavam na perfeita imobilidade. A estátua e o sino, pois, eram irmãos do túmulo.

Erguidas em suas bases de mármore ou granito, elas nos dão a ilusão de que os personagens que encarnam estão vivos e se dirigem para nós, dispostos a falar-nos e a guiar-nos.

A estátua é uma réplica ao túmulo. Se este põe diante do Homem uma fronteira de sete palmos, aquela dilata pelos séculos afora a linha divisória entre este e o outro mundo.

Quando os espanhóis, na Idade Média, amarravam, de pé, a um cavalo de guerra, o cadáver de Cid, o Campeador, para fazer crer aos Sarracenos que o seu chefe ainda vivia, transformaram-no numa estátua, isto é, num símbolo imortal, diante de cuja força latente os inimigos teriam de fugir, porque a alma dos condutores das nações não morrem: continuam a viver historicamente, "em abstrato".

Para objetivar essa vida espiritual é que se erigem as estátuas.



O Destino das ESTÁTUAS

Mas, este século tem abalado as instituições mais graves e as idéias mais poderosas. As tradições não podem resistir à universalidade trepidante do rádio e à expansão desagregadora da energia atômica. E tudo que era estável, tanto no mundo objetivo quanto no espiritual, passou a deslocar-se, levado por um fenômeno transcendente qualquer, que não percebemos, em sua totalidade cósmica.

Os sistemas filosóficos e as teorias científicas, em nossos dias, são tão frágeis que se confundem com a moda e os ma's fúteis galanteios mundanos.

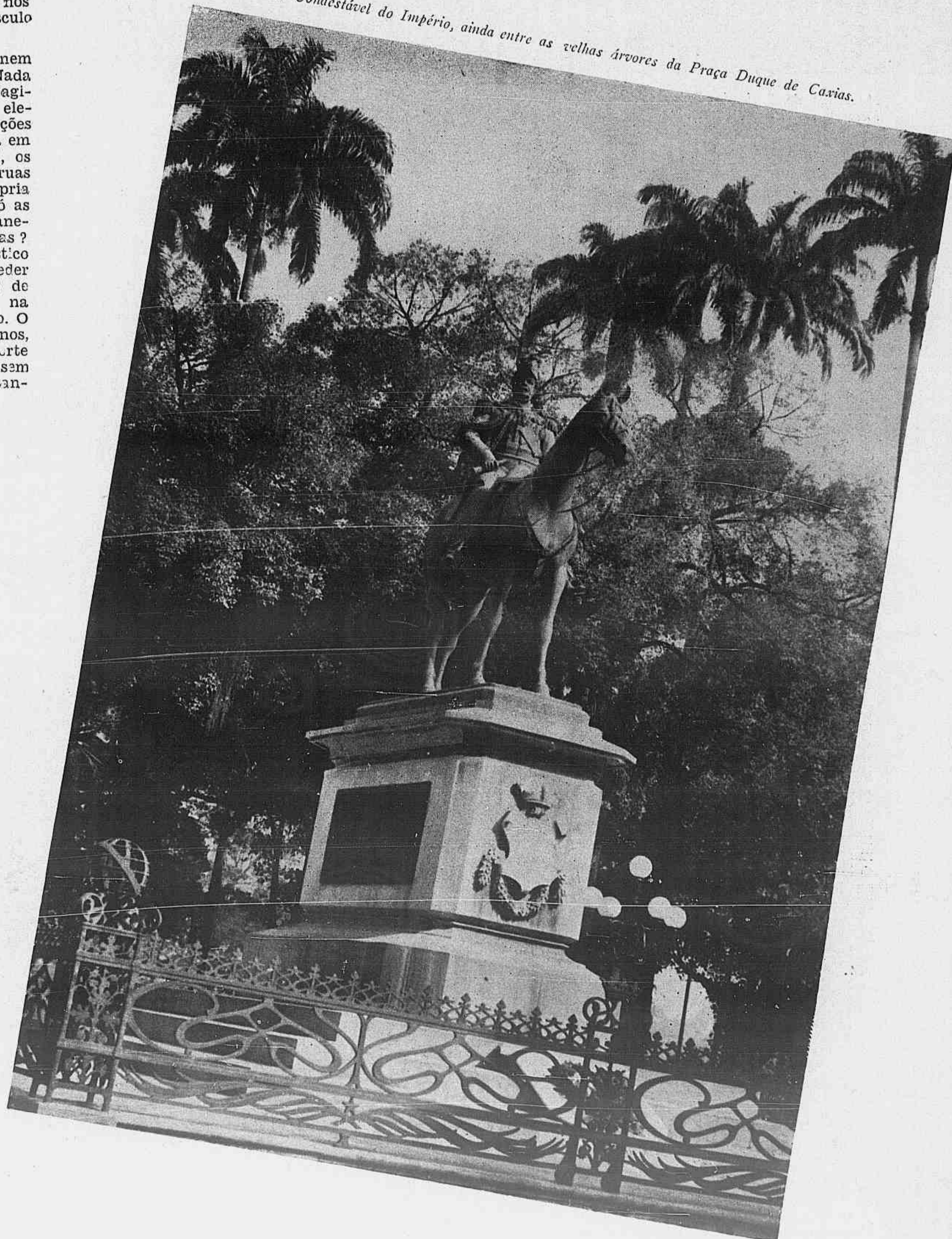
Certamente, por esse motivo, de caráter geral, é que os nossos monumentos estão mudando de lugar. Deram para ser "existencialistas", o que nos parece razoável, no crepúsculo desta era angustiada.

O senhor Prefeito é um homem coerente com esta hora. Nada de estagnações. É preciso agitar para criar. A cidade se eleva e se alarga, em proporções vertiginosas. Nessa marcha em linha vertical e horizontal, os velhos edifícios rolam, as ruas estreitas se arrazam, a própria baía se encolhe. Por que só as as estátuas deveriam permanecer inflexivelmente estáticas? Não. O progresso urbanístico da cidade não podia retroceder diante daqueles fantasmas de bronze. Se eles estavam na frente, que cedessem terreno. O número de carros modernos, chegados da América do Norte e da Europa, aumenta, sem cessar. Que se consiga, portan-

to, mais espaço para eles. Os guindastes estão aí para removê-los, com a habilidade com que Niginski suspendia nos braços a linda Karsávna, em outros tempos.

Contudo, apesar de sentir um pouco o vazio deixado pelos monumentos nas praças onde haviam se fixado romanticamente, antes de ser transferidos para outros locais, num exílio melancólico, achamos que o senhor Mendes de Moraes está demonstrando ser um esteta no modo como vai solucionando os seus problemas nesse sentido.

A estátua do Condestável do Império, ainda entre as velhas árvores da Praça Duque de Caxias.



Um dos magníficos baixos relevos que ornam a estátua de Caxias. Reproduz a entrada das nossas tropas em Assunção.





A estátua de Benjamin Constant, diante do Palácio da Guerra, que cederá lugar ao monumento do grande Caxias.

Ninguém dirá que a estátua de Pedro Álvares Cabral e a do Duque de Caxias não ficaram melhor nos lugares para onde foram removidas. Além do mais, o esplêndido chafariz de ferro da Praça 15 de Novembro adquirirá uma beleza mais ampla no jardim do Largo do Machado, entre palmeiras.

Desconhecemos a futura localização do Benjamin Constant que a magnífica estátua do Condestável do Império desalojou da Praça da República. Mas, a sua saída daquele ponto, para qualquer outra parte menos grandiosa do perímetro urbano, será uma providência muito acertada. Aquêlo monumento, sobre ser materialmente pequeno, é de uma desoladora mediocridade artística.

Quais as novas estátuas que o senhor Prefeito ainda tenciona fazer caminhar? A de José Bonifácio? A de Floriano Peixoto? A de Teixeira de Freitas? A de Tiradentes? A do Barão de Mauá? A do Almirante Barroso? A do General Osório? A de D. Pedro I?

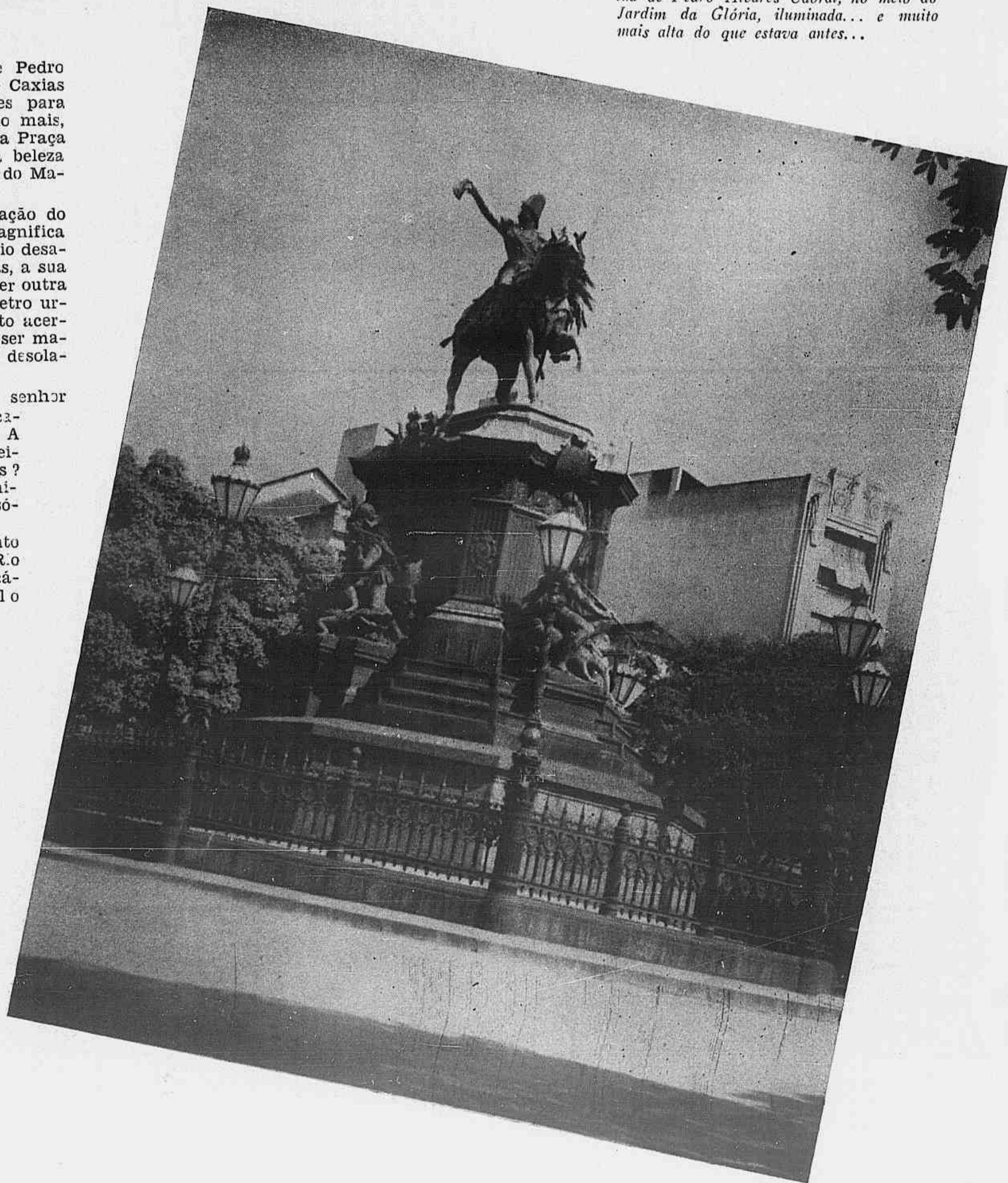
E, por aludir a esse monumento — a obra-prima inexcelsível do Rio de Janeiro — por que não colocá-la no centro da Avenida Getúlio Vargas, sobre uma base gigantesca, de uns dez metros de altura? E por que não mudar o nome daquela nossa maior via pública para o de Avenida Independência, o que justificaria, inteligentemente, a remoção daquela nossa estátua máxima?

O lápis do senhor Mendes de Moraes paira sobre o Rio de Janeiro, entre as montanhas e o mar. Observemos onde ele irá descer, na próxima vez.

Sabemos muito bem que S. Excia. não será precipitado. Seu coração está sempre voltado para a sua imensa e querida cidade, e o seu intuito de torná-la cada dia mais bela e mais admirável transparece, nitidamente, de todas as suas atitudes de administrador.

Todavia, modificar o destino de uma estátua, arrancando-a do seu lugar de origem, não é o mesmo que transplantar um "ficus" ou substituir a placa de uma rua. Exige uma enorme sutileza. É, mais ou menos, como alterar a posição de um astro no infinito, sem torcer a sua órbita.

A mais bela das estátuas do Rio de Janeiro, a de D. Pedro I, na Praça Tiradentes, que, segundo sugerimos, será o monumento gigantesco e admirável que dará o nome de Avenida Independência à atual Avenida Getúlio Vargas. Ao lado, a estátua de Pedro Álvares Cabral, no meio do Jardim da Glória, iluminada... e muito mais alta do que estava antes...







Angela Vargas, a iniciadora da arte da declamação no Brasil

Há uns trinta anos passados, surgiu entre nós uma linda epidemia: a declamação. E essa moléstia de sonho não poupava ninguém, em sua encantadora violência, indo a todos os recantos da metrópole, até aos arrabaldes mais obscuros. A adorável culpada dessa enfermidade lírica foi a senhora Angela Vargas. A eminente declamadora apareceu, um dia, dando recitais à nossa alta sociedade, e o seu nome iluminava as revistas de elegância do Rio de Janeiro e dos Estados, cintilantemente, como a luz de um candelabro veneziano.

Ela viera da França, onde obtivera, no Conservatório de Paris, o 1.º premio de Comédia ("La robe rouge") e o 2.º de Tragédia ("Phèdre"). Lembramo-nos perfeitamente: o seu vulto harmonioso, a

AS VESTAIS DA *Poesia*

Francesca Nozières (hoje Francesca Monteiro), ao tempo de seu maior esplendor como "disease"



sua fisionomia grave e a sua alma irradiante se impunham, num halo melancólico de estesia. Olhando o auditório com a límpida serenidade de quem sabia que ninguém ali poderia superá-la em sua arte, ela nos dava idéia de Madame Rolland, esplêndida e suave, entre poetas e artistas, em seus salões de Paris, que a Revolução ainda não salpicara de sangue.

Abrindo o seu curso, Angela Vargas formou escola: suas alunas a imitavam totalmente, e cada uma delas era uma espécie de sombra hesitante da mestra.

Mas, algumas se destacaram do conjunto e adquiriram personalidade. Assim, quando Angela Vargas deixou o nosso país súbitamente, como uma névula de neblina desfeita pelo sol ao amanhecer, elas des-



Margarida Lopes de Almeida



cerraram as asas, por si mesmas, já libertas da "férula" espiritual da sua orientadora ("férula" que, se fosse material, deveria tomar a forma de um galho de lírios), e começaram a dar recitais, com sucesso.

Duas dessas ex-discípulas se salientaram, desde logo: Maria Sabina de Albuquerque e Nair Werneck Dickens. A primeira, entretanto, como poetisa, se evidenciou mais. Ela trazia um ou dois livros de versos sentimentais, aceitos de braços abertos pela crítica, e isso era uma nova credencial. A sua voz de penumbra, os seus olhos onde boiavam reflexos violáceos de crepúsculo, as suas mãos que sugeriam ondas de fumaça ardente, ondulando e subindo, impressionavam os admiradores da arte da declamação, que sentiam em sua pessoa leve e romântica a presença viva da Poesia.

Nair Werneck Dickens



Maria Sabina

A êsse tempo, outra notável declamadora apareceu nos salões curiosos. Foi a senhora Francesca Nozières (hoje Francesca Monteiro). Francesca Nozières — uma visão branca e imponderável, saída do pincel de Ingres — passou a entusiasmar os centros mundanos e intelectuais do Rio de Janeiro.

A sua arte era semelhante a ela. Fluente e natural, a sua voz brotava como a água de uma rocha, entre avencas. Fresca. Macia. Puríssima.

Recordamo-nos de uma tarde em que ela declamou num mesmo recital em que Berta Singermann se apresentava ao público brasileiro pela segunda vez. A grande artista argentina terminara um poema de um dos maiores poetas do Continente. O auditório ainda guardava nos ouvidos os ecos sonoros e largos da sua voz patética. Francesca Nozières subiu ao tablado silenciosamente. E pôs-se a dizer uns versos, com emoção, mas naturalmente. Sua respiração seguia os ritmos das palavras com doçura, sem esforço. Era tão clara e humana a sua dição que todos estremeciam, ouvindo-a. Pressentia-se que os corações acompanhavam as sílabas que lhe palpitavam na garganta. Ela "falava" com o público: era uma alma de verdade, que se dirigia às outras almas presentes, numa linguagem espontânea como a atmosfera das madrugadas cobertas de orvalho.

Mais, tarde, brilharam, ainda, Zita Coelho Neto e Nenê Boroukel.

Mas, a arte da declamação caiu no ostracismo de uns quinze anos para cá. Emudeceram as intérpretes da Poesia durante um longo período.

O silêncio desceu sobre os poemas que voltaram para os livros, — abelhas azues regressando ao seu cortiço estelar.

Contudo, a Poesia não morreu nos lábios das suas sacerdotisas. Vive ainda. A arte da nossa grande Margarida Lopes de Almeida é uma prova de que a chama da Beleza, na voz humana, continua a arder, triunfante.

Sim, continua a arder, e está sempre alta, cada vez mais alta, apesar das sombras esmagadoras que tentam sufocá-la, neste século povoado de máquinas e tão distante de Deus.

A flama nunca se apaga, atravessando os momentos mais tempestuosos desta hora apocalíptica.

É que as vestais da Poesia não dormem. Permanecem vigilantes, suspendendo na escuridão as suas lâmpadas eternas. As trevas não conseguem asfixiar aquêlo fogo espiritual, que se alimenta de estêlas.

Margarida Lopes de Almeida vem nos lembrar, todo ano, que não se alheiou da sua missão. O seu último recital, em que o seu talento se desdobrou em claridades, foi uma reafirmação de seu sacerdócio ante a Grande Chama.

Maria Sabina é outra vestal obstinada. Não se descura da Poesia. E, na febre de não deixar morrer a sua arte, ensina-a, incansavelmente, às gerações que surgem.

A luz, assim, não se extingue. Transmite-se de alma para alma, refletindo-se na voz e nos gestos das meninas e das adolescentes que ela orienta.

Dessas criaturinhas, que se dirigem aos seus cursos diariamente, pela manhã e à tarde, permitam-nos citar uma delas: Alice

Josefina Xavier (Finoca Xavier).

Uma ex-aluna de Maria Sabina, já emancipada da mestra, e que acaba de realizar um delicioso recital na A. B. I., Marita Pinheiro Machado, é uma outra "sacerdotisa" que promete nunca abandonar a ara onde arde a flama divina.

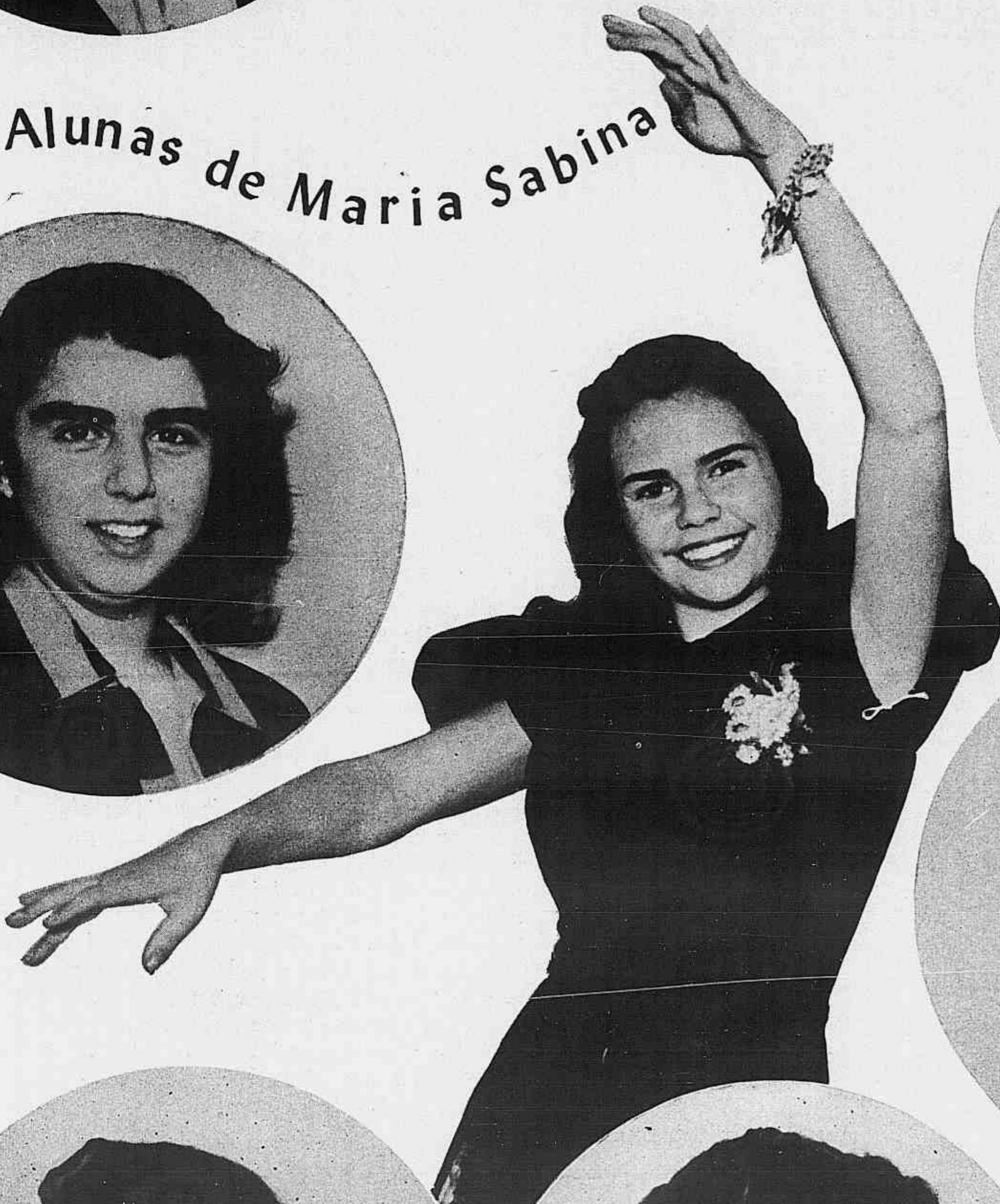
Nos lábios dessa pequena vestal as "abelhas" a que nos referimos acima não têm vontade de recolher-se a seu "cortiço estelar" ...

Marita Pinheiro Machado

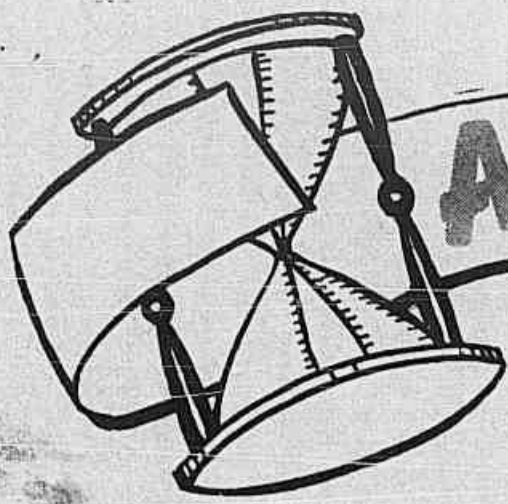




Alunas de Maria Sabina



*Maria Cristina Fonseca Marques
Yoianda Monteiro
Inah Maya Ribeiro
Astud Debelian
Aparecida Paulo
Alice Josefina Xavier
Rosa Dulce Viana
Celina Maria Martins Ferreira
Marly Paulo*



ACONTECEU EM 30 DIAS

O município de Itaperuna, no Estado do Rio, foi muito bem escolhido pelo Presidente da Republica para o discurso, rico de substancia construtiva, que S. Ex. teve oportunidade de ai proferir. Não podia ser mais adequado do que esse sitio para a tribuna de onde o eminente chefe da Nação se dirigiu ao Brasil sobre materia que não interessa apenas aos fluminenses, mas a todos os brasileiros. Com uma clareza de expressão e uma rara simplicidade de estilo, o general Eurico Dutra pintou o quadro vivo do momento que atravessamos e disse, sem subterfugios nem subentendidos, do que é precioso fazer para a conquista de um logar ao sol neste mundo de tantas cubiças descaimadas. Naquele trecho do Brasil em que o Visconde de Se-

petiba lançou com exito as primeiras sementes de uma colonização européia escolhida há um século, as palavras do primeiro magistrado não de encontrar a devida ressonancia. Façam, porém, os nossos patricios mais indicados os trabalhos de aproveitamento da gleba, os esforços por corresponder à confiança que neles depositam as autoridades empenhadas numa obra de recuperação das forças do solo. Quem se manifestou com a segurança de conceitos como o general Eurico Dutra o fez nessa oração memoravel, é que está disposto a ir de encontro a todas as vontades desinteressadas e honestas que se proponham a repor a velha provincia na sua antiga posição de vanguardeira da economia nacional.



O livro de John Gunther "O drama dos Estados Unidos" pode, com muita propriedade, ser incluído na lista dos acontecimentos universais da hora presente. Com acerto se lhe deveria dar o sub-titulo de biografia de uma nação. Depois de correr mundo, curioso de novidades a respeito de terras alheias, o famoso jornalista norte-americano resolveu percorrer a sua propria patria e mostra-la na plenitude das suas grandezas e tambem em algumas das suas falhas, com certeza para que do contraste resultassem maiores proveitos para as suas virtudes. Aos povos que se habituaram à literatura de propaganda que lhes apresentava a America do Norte como o recanto dos milagres, ha de ser grato vir a saber que por lá nem tudo é maravilhoso, e que defeitos não existem unicamente no resto do planeta. Através do depoimento insuspeito de John Gunther ficamos informados, por exemplo, que no berço da democracia moderna ainda ha logares onde os cabos eleitorais vão buscar nos cemiterios os votos com que manipulam as suas vitorias,

— cousa que, felizmente, já não existe no Brasil — e mais que os negros continuam em determinados Estados a sofrer vexames que constituem mancha da civilização. Gunther assinala que um herói da guerra, de volta para a sua casa humilde em Atlanta, com o peito coberto de medalhas, foi barbaramente agredido por um policia que lhe vasou os olhos com o "cassete". O fato causou tamanho escandalo que de Nova York mandaram à vitima do monstruoso atentado algumas dezenas de milhares de dolares. E John Gunther comenta melancolicamente que esse gesto não restituiu a vista ao desgraçado. Em muitas paginas desse volume admiravel se exalta a atividade dos norte-americanos, a sua inteligencia na realização do conforto. Mas o observador não deixa de sublinhar tambem o que lhe desagrada nesse panorama de energias desencadeadas, porque por lá se sobram os milionarios nem porisso escasseiam os párias. Em conclusão: a democracia tem muito que caminhar até atingir à gloria do seu destino ...



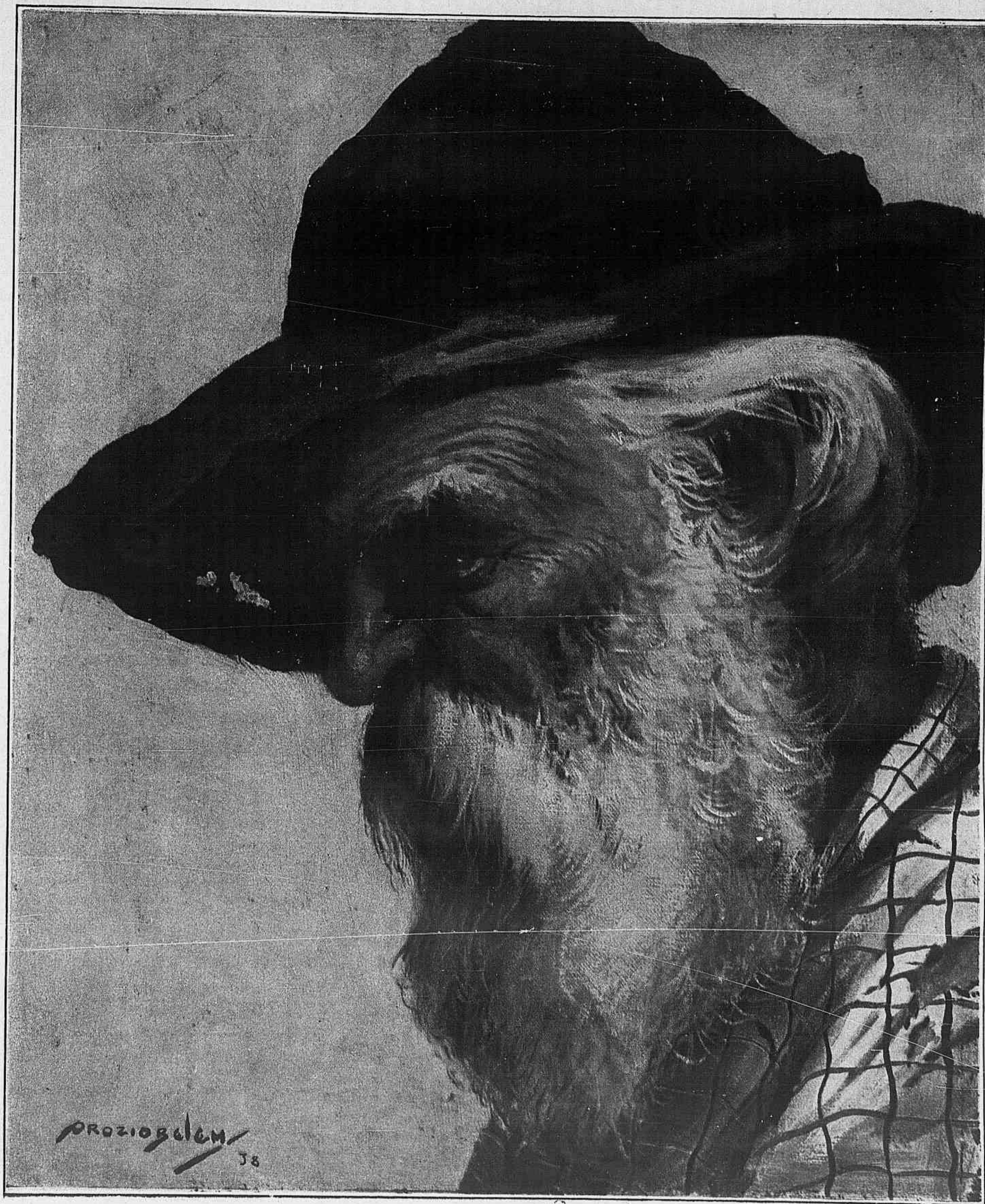
Não é de hoje que o sensacionalismo preocupa os psicólogos e os estadistas. Efeito de abusos da liberdade de pensamento ele causa às coletividades danos catastrophicos que só podem ser medidos quando não ha mais remedio. Crimes se praticam em toda a parte, mas não é deles que os povos tiram as lições edificantes, nem é justo que se encha a imprensa quotidiana de tantas narrativas que horrizam as consciencias bem formadas. O mal é antigo, mas ninguem se esforça por atenuá-lo. Em 1913 esteve nesta metropole o escritor francês Paul Adam. Do que viu entre nós tomou notas que publicou no seu interessante livro "Les visages du Brésil". E escreveu o seguinte, impressionado com os excessos jornalisticos em torno de fatos do dia: "Même si le journaliste bresilien n'aimait pas tant qualifier

"revolution" la moindre bagarre electorale, la moindre algarade entre politiciens chalereux, nous n'aurions pas, en Europe, l'idée fausse de troubles frequents et considerables agitant tous les Etats du Brésil. Opinion qui nuit injustement au credit de cette belle République Latine. La presse bresilienne devrait bien atténuer son vocabulaire. Il coûte horriblement cher a sa patrie." Se Paul Adam ressuscitasse e pudesse ver o que atualmente acontece por aqui nessa materia ficaria assombrado diante da importancia que se dá aos assuntos de escandalo que não nos trazem senão maleficios e exercem sobre os espiritos morbidos um influxo perniciosissimo. Os criminalistas de todo o mundo já constataram que esse genero de publicidade é responsavel por numerosos delitos.



O assassinato do conde Bernadotte encerra uma triste lição para os que acreditam na paz entre os homens. O grande fidalgo sueco sonhou harmonizar dois grupos humanos em guerra e para isso foi ao campo da luta convencido de que os seus argumentos os levariam à deposição das armas e ao entedimento. Iludiu-se, porque nem de um lado nem de outro os ouvidos se abriram para recolher-lhe a palavra pacificadora. Cada qual estava certo de que a sua causa era a legitima e o apostolo não teve forças para vencer a desconfiança dos desavindos. Nenhum

admitia que ele pudesse ser amigo sendo amigo de seu inimigo. Na Biblia Salomão conseguiu descobrir a verdadeira mãe da criança disputada naquela que preferiu perde-la a ve-la cortada ao meio para uma partilha. Na Palestina o metodo do rei sabio não daria resultado porque ambos os litigantes estão firmes na convicção de que a terra lhes pertence inteira. Bernadotte imaginou que poderia chamar à razão os que contendem violentamente pela posse absoluta do lar tradicional. Mataram-no os judeus exaltados. Não duvidemos que os arabes tivessem vontade de fazer o mesmo ...



VELHO MENDIGO

Tela de Orozio Belem



Tanta chuva ontem... O cedrão do pasto fendido pelo raio — e hoje, que manhã!

A natureza orvalhada tem a frescura de uma criancinha ao deixar o banho. Inda há raios de cerração vadia nas grotas. O sol já nado e ela com tanta preguiça de recolher os veus de neblina... A vegetação toda a pingar orvalho, bisbilhante de gotas que caem e tremelicam, sorri como em extase. Há em cada vergontea folhinhas de esmeralda tenra brotadas durante a noite. A mão de quem passa não resiste: colhe-as de alcance, porque é um gosto mordiscar-lhes a polpa macia. Méu Deus! O que vai de aranhos pela relva — nos galinhos de joveva, nas flechas de capim, grandes e pequeninos, todos mimosos de desenho, tecidos a fio de sêda... Compraz-se a noite em agrupar nêles milhões de diamantezinhas que a luz da manhã irisa. Malmequeres por toda a parte — amarelos, brancos. E tanta flor sem nome... — Flor atôa, diz a gente roceira.

São, coitadinhas, a plebe humilima. A nobreza floral mora nos jardins, esplendendo cores de dança serpentina sob formas luxuriosas de odaliscas. A duquesa Dália, sua majestade a Rosa, o sumarái Crisantemo — que fidalguia! Bem longe estão destas aqui, azuleguinhas, pouco maiores do que uma conta do rosário.

Não obstante, vejo nestas mais alma. Leio mil coisas na sua modestia. Lutaram sem treguas contra o solo tramado de raízes concorrentes, contra as lagartas, contra os bichos que pastam: Que tenacidade, que prodígio de economia não representam estas iscas de pétalas, e o perfume agreste que as oloriza, e a côr — tentativa de azul — com que se enfeitam, as feiteirinhas!

São belas, sim — da sua beleza, a beleza selvática das coisas que jamais sofreram a domesticação do homem.

As flores de jardim: escravas do homem... Adubo farto, terra livre, tutores para a haste, cuidados mil — cuidados do homem para com a rez na ceva... As agrestes morrem livres no hastil materno: as fidalgas, na guilhotina da tesoura. Fábula do lobo e do cão...

Que ar! A gente das cidades, afeita a sorver um indecoroso gás feito de pó em suspensão num misto de mau azoto e pior oxigênio, ignora o prazer: sadio que é sentir os pulmões borbolhantes deste fluido vital em estado de virgindade. O oxigênio fresquinho foi elaborado naquêlo momento pela vegetação viçosa. Respirá-lo é sorver vida à nascente.

Alí o rio. Ingazeiros desganhados pendem sobre êle franças, cujas pontas lhe arrepiam o espelho das águas. Caem na corrente flores mortas. O movediço esquife condú-las com mimo até à barulhenta corredeira próxima: lá irritado, amarfanha-as fá-las pedaços! — e as coitadinhas viram babugem.

Margeia o rio a estrada, ora d'ocre amarelo, ora roxa-terra; aqui, tunel sob a verdura picada no alto de nêgões de luz: além, escampa. Nos barrancos há tocos de raízes decepadas pelo enxidão, e covas de formigueiros mortos onde as corruilas armam ninho. Surgem casebres de palha.

Lá na aguada bate roupa uma mulher. Rumor no mato... Sai dêle, de lenha ao ombro, uma cabocla.

— Sinh'Ana, bom dia! Que é do Luiz?

— No eito, coitado.

— Sarou bem?

— Ché que esperança! Melhorzinho. Panaricio é uma festa!...

Baitacas em bando, bulhentas, a sumirem-se num capão d'angico. Borboletas amarelas nos úmidos.

Parece um debulho de flores de Ipê.

Uma preá que corta o caminho.

— Pega. Vinagre!

Outra casinha, lá longe. É a toca do Urunduva, caboclo maleiteiro. Este diabo tem no sitio a coisa mais bela da zona — a paineira grande. Dirijo-me para lá. Um carreirinho entre roças, a pinguela, um valo a saltar... Ei-la! Que maravilha! Derreada de flores côr de rosa, parece uma só imensa rosa crespa. Beija-flores como ali ninguém jamais viu tantos. Milheiros não digo — mas centenas, uma centena pelo menos lá está zunindo. Chegam de longe todas as manhãs enquanto dura a festa floral da paineira mãe. Vejam rápidos como o pensamento, ora librados no ar, sugando uma corola, ora riscando curvas velocíssimas, em trabalhos de amor.

Que lindo amor — alado, rutilante de pedrarias!...

Respiro um ar cheiroso, adocicado, e fico-me em enlevo a ver as flores que caem regirantes. Se aflu mais forte a brisa, despega-se em bando e recamam o chão. Devem ser assim as árvores do país das fadas...

O Urunduva? É êle mesmo. Amarelo, inchado, a arrastar a perna...

— Então, meu velho, na mesma?

— Melhorzinho. A quina sempre é remédio.

— Isso mesmo, quina, quina.

— É mas esta cara, patrão! Um vidrinho assim, três cruzados. Estou vendo que tenho de vender a paineira.

— ??

— Não vê que o Chico Bastião dá dezoito mil réis por ela — e inda um capadinho de choro. Como este ano carregou demais, vem paina p'r'arobas. Êle quer aproveitar: derruba e...

— Derruba!...

— Derruba e...

— Por que não colhe a paina com vara, homem de Deus?

— Não vê que é mais fácil derrubar...

— Derruba!...

Fujo dali com este horrível som a azoimar-me a cabeça. Aquela maleita-ambulante é "dona" da árvore. O Urunduva está classificado no gênero "Homo", Goza de direitos. É rei da criação e dizem que feito à imagem e semelhança de Deus.

Roças de milho. A terra calcinada, com as cinzas escorridas pelo aguaceiro da véspera, inça-se de tocos carbonizados, e árvores enegrecidas até meia altura, e paulama em carvão. Entremeio, covas de milho já espontando folhinhas tenras.

— Derruba!...

Adiante, feijão. O terreno varrido, côr de sepia, pontilhado pelo verde das plantas recém-vindas, lembra chita de velha: as velhas gostam de chitas escuras com pintas verdes.

É aqui o sitio da Maria Veva. Tem ruim fama esta mulher papuda. Má até ali, dizem.

O marido — coitado — um bobo que anda pelo cabresto — Pedro Suã. Ganhou este apelido desde o célebre dia em que a mulher o surrou com um suã de porco. Lá vem êle, de espingardinha...

— Vai caçar?

— Antes fosse. Vou cuidar do enterro.

— Enterro?...

— Pois morreu lá a menina, a Anica.

— Pobrezinha! De quê?

— A gente sabe? Morreu de morte...

Estúpido!

Sem querer, dirijo-me para a casa dêle. — Não gosto da Veva. É horrenda, beijo rachado, olhar mau — e aquêlo papo!

— Então, Nha, morreu a menina? Soube-o inda agora pela Suã.

— Ê.

Que resposta seca!

— E de quem morreu?

— Deus é que sabe.

Peste! E como a atrevidaça me olha duro! Sinto-me mal em sua presença.

— Adeus, Sicotax!

Para alguma coisa sirva a literatura...

Arrepio caminho, entristecido. A manhã vai alta, já crua de luz. O sol, estúpido, o azul, de irritar. Que é dos aranhos? Sumiram-se com o orvalho que os visibiliza. Estão agora invisíveis, a apanhar insetinhos inocentes que Nha Veva Aranha devora. A paisagem perdeu o encanto da frescura e da bruma. Está um lugar comum. Não vejo flores nem pássaros. O excesso de luz dilue as flores, o calor esconde as aves. Só um caracará resiste ao mormaço, empoleirado num tronco sêco de peroba. Está de tocaia aos pintos do Urunduva, o rapiante.

Um vulto... É mulher... Será a Inácia? Vem de trouxa à cabeça. É ela mesma, a preta agregada aos Suãs.

— Então, rapariga?

— Ai, sêo moço, vou-me embora. Alguém há de ter dó da velha. Na casa da peste papuda, nem mais um dia! Antes morrer de fome...

— Que coisa houve?

— Não sabe que morreu a alejadinha? Pois é, morreu. Morreu, a pobre, só porque ontem esta sua negra foi ao bairro do Libório e a chuva me prendeu lá. Se eu pudesse adivinhar...

— Mas do que morreu a menina, criatura?

— Sabe do que morreu? Morreu... de sede! Morreu sim, eu juro, um raio me parta pelo meio se a coitadinha não morreu...

Aqui soluços de choro cortam-lhe a voz.

— ... de secede! Meu Deus do céu, o que a gente não vê neste mundo!

A menina era entrevada e a mãe, mã como a Irara. Dizia sempre: Pestinha, por que não morre? Boca atôa, a comer, a comer. Estica o cambito, diabo! Isto dizia a mãe — mãe hein!

A Inácia, entretanto, morava lá só para zelar da alejadinha. Era quem a vestia, e a lavava, e arrumava o pratinho daquêle passarico enfermo. Sete anos assim. Excelente negra!

— Coisa de três dias, garrou uma doencinha, dôr de cabeça, febre. Dei chá de hortelã; nada. Dei cidreira: nada. Sempre a quentura da febre. Disse comigo: — Vou lá no bairro e trago uma dose. Fui, é longinho, três quartos de légua. O curador me deu a dose, mas quem disse de poder voltar? Uma chuvarada... Pousei no Libório. Hoje, manhãzinha, vim.

Entrei alegre, pensando: a coitadinha vai parar. Eu que pisei na alcova, dou com a menina espichada na esteira, fria. Anica! Anica! Quando vi bem que estava morta de verdade, ah, sêo moço, berrei como nunca na minha vida.

— "Nha Veva, de que jeito morreu Anica, conte, conte!"

Nhá Veva quieta, repuxando a boca. Uma pedra! Cai em cima da menina, beijei, chorei. Nisto, uma cotucada — era o Zico, aquêlo negrinho, sabe? Olei p'ra êle: fez jeito de me falar longe da tatorana. Lá fora me contou tudo. A menina, des'que eu sai piorou. Mais quietinha sempre. Noite alta, gemeu. — Cala a boca, peste! gritou do outro quarto a mãe — mãe, veja!

— "Quero água, nha mãe.

— "Cala a boca, peste!"

A menina calou. Mais tarde gemeu outra vez, baixinho".

— "Quero água" Quero água! Ninguém se mexeu.

— "E tu, negrinho safado, por que não acudiu a menina?"

— Não vê! Eu conheço nha Veva!...

Sêo Pedro, aquêlo trapo, esse estava na pinga de todo dia. Ninguém na casa para chegar uma caneca d'água à boca da doentinha. Ela, um chorinho ainda: depois, mais nada. De manhã...

Lágrimas escorriam a fio pela cara da preta e soluços de dôr escondiam-lhe as palavras.

De manhã foram encontrar a menina morta na cozinha, rente do pote d'água. Arrastou-se até la, o anjinho que nem se mexer na cama podia — e morreu de sede diante da água!...

— Quem sabe se...

— Não bebeu não! O pote, em cima da caixa, ficava alto, e a caneca estava tal e qual no lugarzinho do costume. Não bebeu, não! Morreu de sede, o anjo!

Enxugou as lágrimas na manga.

— Agora vou no Libório. Se êle me quizer, fico. Se não, sou bem capaz de me pinchar nesse rio. Este mundo não paga a pena...

Sol a pino. Desanimo, lassidão infinita...

DOIS GEMIDOS

Aonde vais tu, pobre ave? que estranha aventura tẽ tenta.

Aqui ẽ a luz; por que buscas a escuridãõ?

Aqui ẽ a paz; por que buscas a invia tormenta?

Aqui, o amor; por que buscas a solidãõ?

Aonde vais, mísera alma, revoltada e desiludida?

Triste! crês tu que haja cousa diversa além?

que, em outro clima, outras leis governem a vida?

que lá te espere o ideado, impossivel bem?

*"Um sonho — a ave responde — me impele, fatal, para
[o oceano.*

Eu o sigo, eu vou, deva embora morrer assim ..."

*"Quero eu — diz a alma — arrancar-me a tudo o que
[é humano.*

Morrer ? ... morrer! mas ser livre, ser livre em fim !"



METAMORFOSES

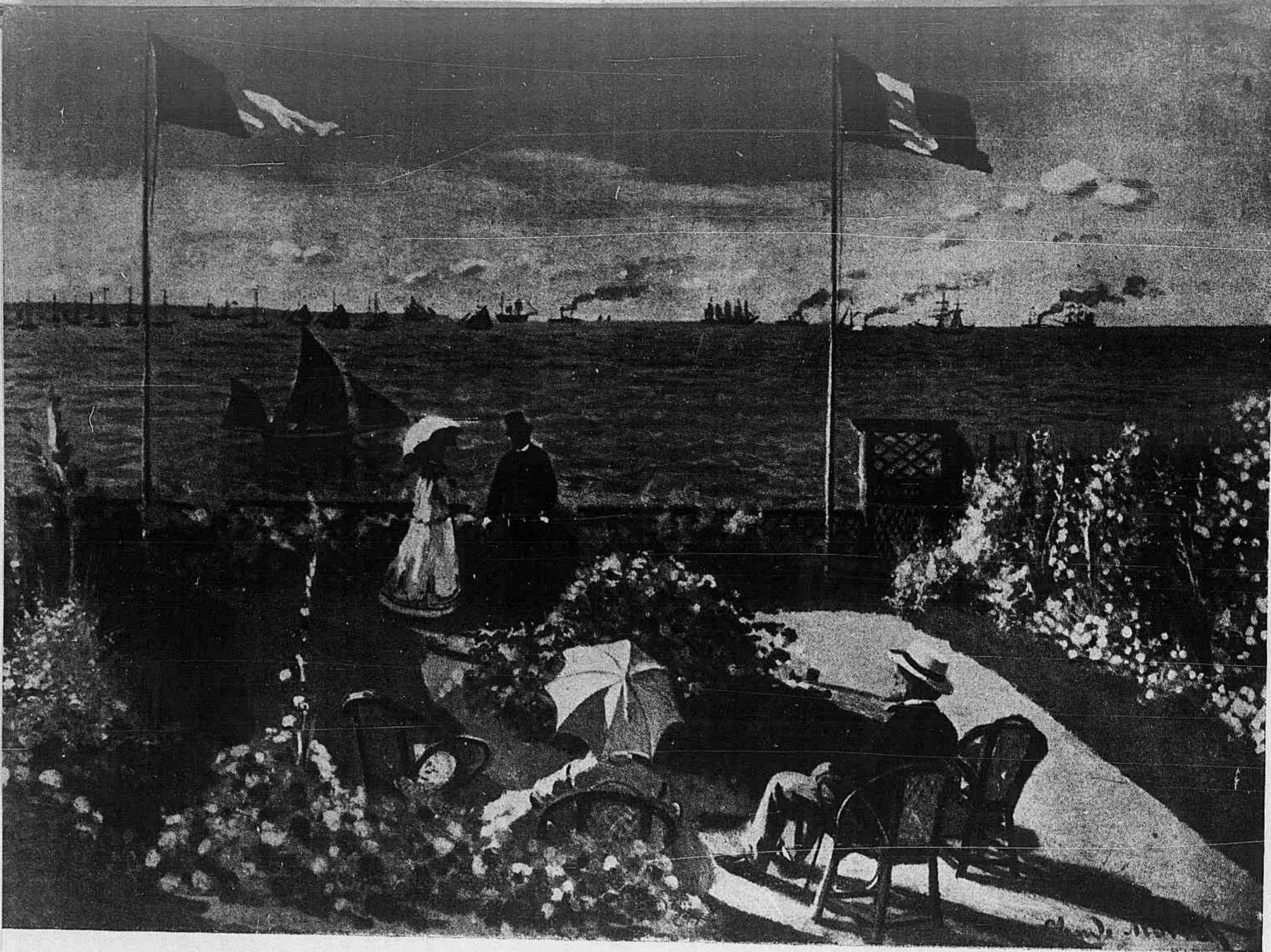
*Eu sonhei a noite passada
que o meu coração era uma urna brônzea, uma urna
vasta, profunda; e tu, sôbre ẽle debruçada
na noite glacial, taciturna,
choravas, choravas, choravas ...*

*Jã de lágrimas toda a urna brônzea se enchia;
e era um espelho, onde, velado pelo pranto,
o ceu tendo por nimbo santo,
teu rosto pálido e solene tu miravas ...*

*E eis que o meu coração tremulava, esplendia;
e era um lago de encanto,
em cujo seio a Lua
vertia toda a imensa e eterna mágua sua ...*



CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO



Claude Monet: "Terraço à beira-mar"

No berço do impressionismo

Por FLÉXA RIBEIRO

PROF. CATEDRÁTICO DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES

Um dos maiores acontecimentos artísticos do século XIX, deve ser assinalado pelo aparecimento da escola Impressionista. E, no campo da técnica da pintura, foi, de certo, um mundo novo. Talvez se pudesse aproximar semelhante advento ao que sucedeu, nos primórdios do século XV, com o emprego da pintura a óleo, depois da descoberta do verniz secativo pelos irmãos Van Eyck. Naturalmente que indico aqui o ponto central de sua divulgação, a quando Antonello da Messina foi a Veneza para propaga-la. Como sempre acontece, tamanho sucedimento de ordem técnica, como o aparecimento do Impressionismo, com suas altas consequências puramente artísticas, verdadeira revolução pictográfica, não poderia aparecer de subito. Houve longo, lento preparativo. Mas semelhante aparato

não obedeceu, como é natural, a um ritmo histórico, a uma evolução construtora normal. Assim, se quisessemos encontrar sua primeira origem real, teríamos que pesquisar as iniciações magistraís de Velasquez no século XVII, e de seu maravilhoso contemporâneo desconhecido — Franz Hals.

De toda evidência, um exame sumário daria talvez a idéia de que em todas as épocas surgiu sempre, entre os artistas, uma tendencia realista. No entanto, mais acurada pesquisa, no intimo do que se deve chamar, em pintura, *Impressionismo*, logo nos levará a somente encontrar, naqueles dois mestres da época barôca, os verdadeiros precursores, se não fundadores do complexo técnico e estético do processo de representar a natureza segundo uma visão pessoal e realista. Todos sabem que as

designações de escola de pintura nem sempre são claras, passando o momento em que se definiram; foi por exemplo um quadro de Claudio Monet, que, exposto em 1874 — *Impression au soleil levant*, deveria ter tão grande fortuna.

Mas seria de oportunidade que se verificasse noções elementares de conhecimento psicológico. E nesse campo estaríamos de acordo em aceitar, a palavra *Impressão*, como um conjunto de estados fisiológicos que casse noções elementares de conhecimento de uma sensação. Nessa aparição há naturalmente tres fases; a) exposição do fenomeno; b) desenvolvimento; c) conclusão: E é semelhante andadura que os psicólogos costumam assim enumerar: 1 — ação física ou química exercida sobre as terminações nervosas sensitivas; 2 — transmissão ao cerebro; 3 — modificação cerebral correspondente.

Todo este discurso aqui se aprimora para que se tenha uma idéia particular da *impressão*. — Para sua passagem e o domínio da arte, isto é de uma pauta paralela a da natureza, mister se faz que o artista seja capaz de esquecer as regras que a própria técnica lhe impõe, retomar-se a si mesmo, esquecer as finalidades que lhe são impostas por essa mesma técnica, e dela se servir para atingir a uma verdade maior, mais próxima da natureza, dentro da vida, como se a arte fosse uma espécie de espelho que retratasse o que nele se mirasse, quasi sem corrigir, ou sem estilizar de maneira nenhuma, as formas naturais.

Os processos que depois se caracterizaram na técnica impressionista tanto na dissociação pictural, como na síntese optica que culminou com a tendência chamada *Divisionista*, — todas elas foram como que improvisações. Na abolição do tom local, como na análise dos reflexos pelas complementares, e ainda na divisão das tonalidades pelo meio das cores puras justapostas, por tais métodos imperativos e exclusivos foi possível atingir, em especial no domínio do ar livre, e particularmente na paisagem, as inéditas conquistas da arte da pintura. Se tudo depende de uma impressão, o fator ambiente, no sentido dos tons, no campo da cor, como o elemento valor, no campo da luz, — dominam e absorvem o artista. Os outros problemas que até à escola Realista eram essenciais, passam a



Pissarro: "As Ceifeiras"

secundários. O assunto e a composição ficam a desdém. O essencial é a capacidade óptica do artista, a viglância da retina para captar as menores mudanças produzidas pela vibração luminosa e colorida. É o que explica a frase de Manet: "a luz é o assunto do quadro".

Quem conhecer mais de perto a evolução da pintura francesa, não poderá negar que Coubert Corot e Millet madrugaram nessa realidade, com os anseios realistas.

Talvez que tres fases se possam assinalar, na evolução formadora do Impressionismo: — de princípio, com os alôres de

Corot ; depois, já com maior decisão na técnica de artistas de pura inspiração pessoal, e um pouco por se encontrarem sem maiores conhecimentos técnicos, com Jongking, e, mais adiante, por fim, com Eugenio Boudin, dentro de uma inspiração ainda limitada. Mas a larga definição do movimento é na realidade com Monet, na famosa exposição dos *refusés* em 1863, no palacio das indústrias. É dessa data que se deve marcar a maturidade da Escola e todas as largas virtudes de pesquisa que a transformaram no maior acontecimento técnico da pintura de nossos dias.

Corot: "O Campo de Trigo"



A CAPELA DOURADA DO RECIFE

E O ESTUDO DE ROBERT SMITH

Padre HELIODORO PIRES

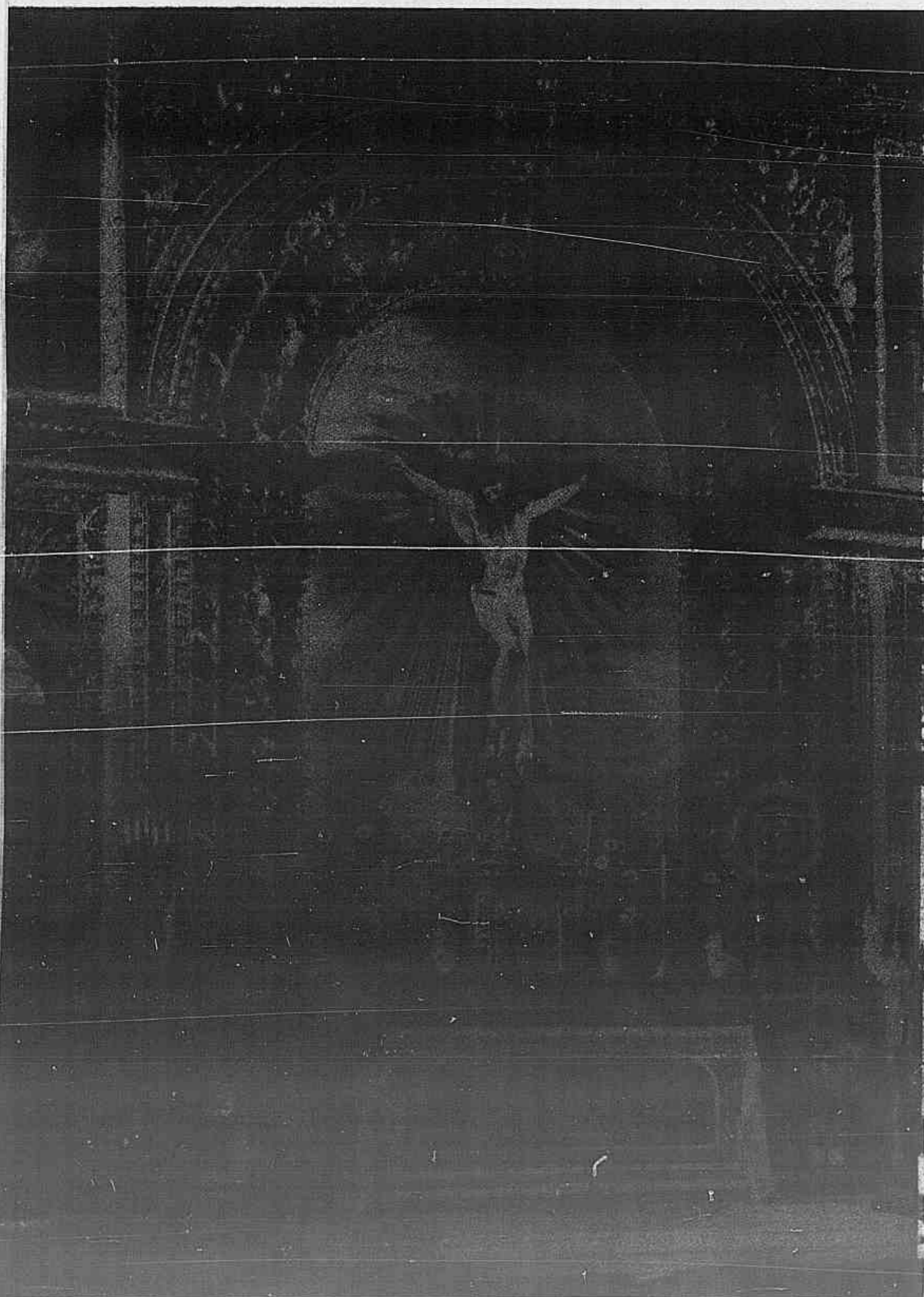
Robert Chester Smith, professor na Universidade norte americana de Pensilvania, conhecido e acatado nas esferas culturais do continente, possui amigos numerosos no Brasil onde por duas vezes se demorou. Entre os publicistas de seu país ele é hoje o mais persistente, o mais erudito e o mais autorizado dos pesquisadores e críticos da arte colonial sul americana.

Publicou varios livros ensaios e monografias entre as quais mencionamos: "Minas Gerais no desenvolvimento da Arquitetura colonial" 1937. — "Murals by Candido Portinari in the Spanic Foundation of the Library of Congress" 1943. — "The evolution of Latin American Art". — "The first history of Latin American Art", 1946. E ainda os belos estudos sobre arquitetura e arte de varios países sul americanos nos volumes "The New World Guides", sem esquecer a monografia "O codice de Frei Christovão de Lisboa", na Revista do Patrimonio Historico e Artistico Nacional.

Quando ultimamente esteve entre nós, passou meses nesta metropole, e visitou S. Paulo, Minas, Bahia e Pernambuco estudando figuras e monumentos de nossa arte. Com esforço e paciencia conseguiu reunir volumoso acervo de reproduções fotograficas de edificios, igrejas, e obras de arte.

Muito nos sensibiliza a grande afeição que o respeitavel mestre dedica ao Brasil.

Altar-mór da Capela Dourada.



O erudito publicista norte americano Robert Chester Smith, professor em Pensilvania, esteve na capital de Pernambuco e estudou demoradamente a Capela primitiva dos Terceiros Franciscanos, sacelo que se localiza no convento dos religiosos da Ordem de S. Francisco de Ass's na rua do Imperador.

E publicou, em abril de 1948, na revista norte americana **Brazil**, escrita em inglês, mensario que se edita em Nova York, a monografia **The Golden Chapel of Recife**. Será desnecessario acentuar que o ensaio do emerito professor faz jus a caloroso encomio. Merece nossas palmas sinceras e sentidas. Sobejam motivos para que apresentemos aos leitores de **Ilustração Brasileira** as linhas gerais e as conclusões do estudo a respeito de um dos santuarios de religião e arte mais veneraveis da terra brasileira.

Data de 1695 a existencia da Ordem III franciscana de Recife. Os devotos trataram logo de erguer uma capela onde pudessem promover as funções religiosas e assistir aos atos do culto. Para a construção dos templos procuravam os Terceiros do Brasil artistas de nomeada. O Aleijadinho, por exemplo, trabalhou por muitos anos para os Terceiros Franciscanos de Vila Rica. Informam F. A. Pereira da Costa, e Fernando Pio, escritores pernambucanos (1) que a instalação da Ordem III se revestiu de solenidade a 12 de junho de 1695 (mil seiscientos e noventa e cinco) entrando então 177 irmãos e 65 irmãs terceiras. O 1.º sindaco chamou-se Pedro Cruz e confiou-se a p. Antonio Pinto o cargo de ministro. Por um contrato, (28-III-1698), o mestre pernambucano Antonio M. Santiago tomou a incumbencia de lavrar e colocar a entalha na capela mor dos Terceiros Franciscanos do Recife abrangendo altar, sacrario, frontal, painel e um armario de cada lado do altar, tudo por 220\$000, (duzentos e vinte mil reis). As obras foram todas feitas naquele mesmo ano. A primeira pedra recebeu a benção, e fôra solenemente colocada a 13 de maio de 1696.

Antonio F. de Matos, habilidoso, rico, tambem irmão terceiro, encarrega-se da edificação. As pinturas foram executadas em 1699 a 1700; os paineis do forro, em 1701 e 1702.

O primitivo santuario da Ordem III de Recife, dá-lo Fernando Pio, constitue indiscutivelmente uma das derradeiras e mais vibrantes expressões da arte religiosa antiga em Pernambuco. A Capela Dourada surgiu com o apogeu financeiro da capitania pernambucana em fins do seculo 17, fase de riqueças e fidalgos, de irmandades muito ricas, e senhores de engenhos abastados. Reflete o ambiente faustoso da sociedade pernambucana daquela fase. (2)

A grade primitiva, (que foi substituída e já não existe), entre a igreja dos religiosos da Ordem I e a capela dos Terceiros, fôra toda lavrada em jacarandá escuro no ano de 1698 pelo irmão leigo franciscano Luiz Machado.

O pulpito pertencera antes à igreja dos religiosos de São Francisco do convento anexo; por permuta, veio para a capela da Ordem III. Os dois nichos primitivamente destinaram-se aos santos Cosme e Damião.

1) V. **Ineditos de Francisco Augusto Pereira da Costa** — copias de trechos no envelope **Convento franciscano do Recife, do arquivo do Patrimonio H. e Artistico Nacional** — Rio de Janeiro.

V. Fernando Pio **A ORDEM III DE S. FRANCISCO DO RECIFE E SUAS IGREJAS**, 1938, Recife, 115 pgs Ofic. do "Diario da Manhã".

2) Resumirei as conclusões principais do estudo de Robert Smith; acrescentarei a impressão que me ficou do exame de algumas fotografias da Capela Dourada. Colhi alguns dados informativos em Aarão de Lacerda, historiador da arte em Portugal, Pereira da Costa e Fernando Pio. Agradeço a Dr. Rodrigo M. F. de Andrade as fotografias que acompanham estas notas.

As paredes da Capela Dourada receberam preciosos azulejos; esses vieram de Portugal no ano de 1704. Possui a capela uma nave, e o forro é, todo ele, de madeira pintada e esculpida.

O sacelo constitui parte da igreja do convento da Ordem I, e abre do lado esquerdo de quem entra. Em setembro de 1697 a capela foi aberta ao culto, porém as obras prosseguiram até 1724.

No ano de 1698, em clausula de um contrato, os Irmãos Terceiros tomaram o compromisso de pagar ao convento a soma de dois mil réis toda vez que se concedesse a um dos Irmãos Terceiros franciscanos sepultura na capela, ou adjacências da Ordem.

Os nichos e armários do tempo de mestre Santiago já não existem. Os Terceiros, quando erguiam igrejas e capelas, mostravam particular estima aos interiores suntuosos e dourados; resultou daí uma série de monumentos de estilo geralmente semelhante no território brasileiro: são conhecidas e admiradas as antigas igrejas franciscanas do país e as capelas dos Terceiros de Salvador, Rio de Janeiro, Ouro Preto, e São Paulo onde o estudo da arte religiosa encontra muita preciosidade merecedora de apreço férvido.

A capela dos Terceiros recifenses quasi não foi retocada em dois séculos de existência, fato que se aproxima do milagre nesta terra em que tantos restauradores atrevidos e presunçosos cometeram desatinos irreparáveis. (3).

Analisando a decoração dos templos da Ordem de S. Francisco e dos Terceiros do Brasil, Robert Smith assinala como digna de atenção certa maneira franciscana, traço e feitio peculiares nos elementos decorativos, e **Franciscan manner of decoration.**

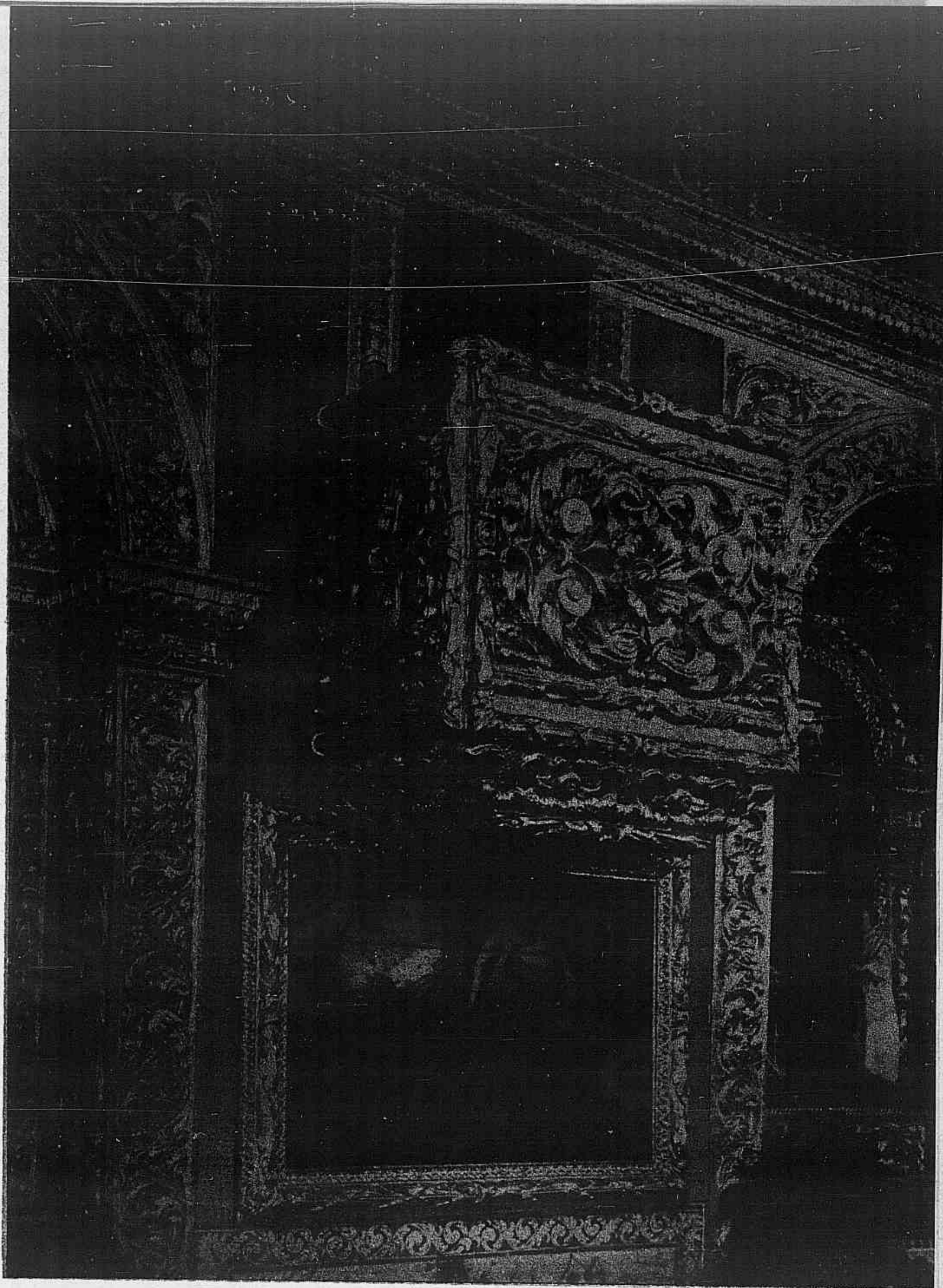
A capela é dedicada ao milagre dos estigmas de S. Francisco, porém não existe no recinto nenhum sinal do episódio do Monte Alverne. Não se deparam aqui as armas franciscanas que em outros templos adornam o fecho do arco da capela mor.

Também se nota a ausência de anjinhos e serafins que em grande numero aparecem na obra de talha da igreja dos franciscanos da Baía, e também no templo do mosteiro beneditino do Rio de Janeiro.

As duas cornijas da Capela Dourada apresentam os mesmos elementos decorativos que se aplicaram às obras de talha do Brasil em fins do século 17 e começos do século 18.

Cresce a admiração de quem examina a Capela recifense diante da exuberância das formas de flores e frutos, vegetalismo que transborda, e se expande, e se derrama, enlaçando as pilastras dos altares e os tímpanos de seus arcos. Assevera com razão o mestre que esta é a nota culminante na beleza daquele sacelo: **the chief glory of the carving in the golden chapel.**

Nas molduras das portas, os elementos fitomorficos sugerem girassois, acentuando as galas e os recamos da talha esculpida. A graça esbelta e a profusão copiosissima dos pampanos e dos cachos de uva, — labores garbosos a lembrar o esmero e o capricho de artistas medievos —, enfeitam a capela resplandecente. (4).



Pulpito da Capela Dourada.

Serão numerosos, nos domínios da arte de nossa Patria, escriños de tanta pompa e tamanho luzimento? Cremos que não.

Nos tambores do pulpito os ornatos atingem a sua expressão mais robusta, mais densa e mais intensamente dinamica.

(Ah pulpitos formosos e ricos do barroco brasileiro, pulpitos do Aleijadinho em Ouro Preto, pulpito de S. Francisco da Paraíba, pulpitos de S. Francisco da Baía!...)

No exame dos pormenores o visitante, apreciando a beleza de formas e a inteligente suntuosidade, sente, avalia, e preza a notável pericia da goiva fazendo ressaltar a grande audacia de relevos.

Os toreutas pernambucanos da Capela Dourada souberam dominar a madeira, "volatilizá-la, podíamos quasi dizer, tão maleavel e ductil se tornou em suas mãos demiurgicas", consoante a frase de um dos grandes historiadores do barroco de Portugal.

Escultores, entalhadores, e construtores da Capela Dourada" irmanaram-se francamen-

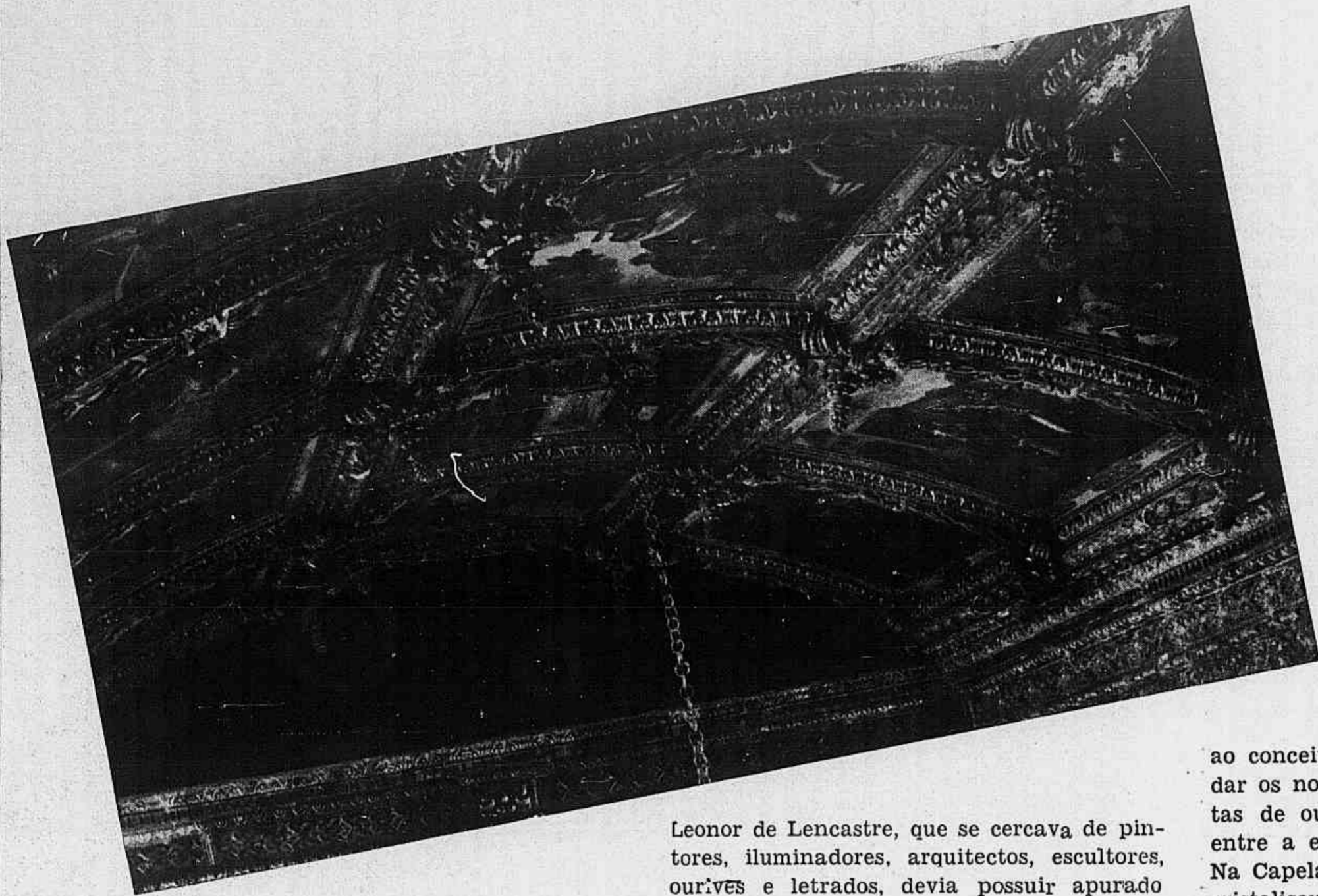
te com o espirito da obra, e assim puderam executá-la com relevante primor".

Dá-se-lhe o nome de Capela Dourada porque, no interior, toda à extensão das paredes e do tecto, exceto a dos azulejos e pinturas, é coberta de escultura dourada. Nota-se a ausência de detalhes policromos no conjunto.

A escultura ornamental do altar mor, das molduras dos painéis, do forro dos altares laterais, do pulpito, da porta, e das duas grandes cornijas do interior são produtos do estilo barroco.

Lembra o professor as vieiras, os dentilhões e os guilhocês tão elegantes e donarosos; refere-se depois às conchas, às fitas, às grinaldas que no seculo do rococó tapizaram tantos retabulos, tantas colunas, tantas paredes, e tantos altares do Brasil.

Na talha da Capela Dourada espraíam-se formas entumescidas e espiraladas, a ramagem vigorosa das videiras, os ornatos foliados, e os motivos geometricos que tão de



Forro da Capela Dourada.

perto relembram os artificios decorativos em uso na Bahia daquele seculo.

Ostentam-se, outrossim, os maneirismos daquela fase de transição, sem esquecer a graça e a variedade na aplicação do áncanto, dos cogulhos, das argolas, dos arrendados, uma trama preciosa maravilhosamente urdida, toda essa profusão enfim que pompeia, que estua, e parece que palpita e se agita ao vento das praias da Mauricéa, e se recama de laçarias e de gemas, de brincos e atavios, de filigranas e arabescos.

Sabe-se que muitas realizações da escultura, da architectura e pintura do Brasil colonial procuraram inspiração em obras e templos de Portugal.

Augusto de Lima Junior, e Ana Levy, em publicações recentes, anotaram o fato e aduziram comprovantes insofismaveis. (5).

No plano geral e na decoração, a Capela Dourada lembra uma das obras primas da arte portuguesa a igreja da Madre de Deus, em Xabregas, Lisboa, assevera Robert Smith.

A igreja de Xabregas, inicialmente, fôra capela do cenobio de D. Leonor de Lencastre, esposa do rei D. João II; depois de viúva, ela mandou construir o mosteiro. Os reis ampliaram a edificação, e a primitiva capela foi por muitos anos sala de capitulo das religiosas. (6).

Na Capela Dourada do Recife as linhas emergem de uma trama solida de desenhos entrelaçados que, no seu enredo de motivos harmoniosos, evoca o espirito se não o vocabulario da decoração mourisca, observa o professor R. Smith. Lembremos ainda que os dois interiores, o de Recife e o de Xabregas, refletem pontos de vistas diferentes traves nem obstáculo ao desdobramento da em relação à escultura. No sacelo de Lisboa a decoração é restrita a certas áreas. Na Capela Dourada do Recife não houve enornamentação: esta domina o esquema com imponente galhardia.

Em Xabregas o tempozinho "com sua silharia lavrada e, interiormente, seus paineis magnificos lembraria um escriptorio de toreutas ogivais".

Leonor de Lencastre, que se cercava de pintores, iluminadores, architectos, escultores, ourives e letrados, devia possuir apurado gosto; sobre a arte de seu tempo exerceu influxo decisivo. O coro superior relicario grande de ouro, e recheiado de quadros nas paredes, e de apainelados no tecto.

No arcaz da sacristia de Xabregas o trabalho minucioso está moldando a espelharia dourada, as argolas, e as vieiras de bronze. E na capela, que as mãos fidalgas de Leonor Lencastre tantas vezes embelezaram, depa-ram-se duplo cadeiral de boa talha, nichos, um resplendor, e um tabernaculo talhado em formas exuberantes.

Concluamos com a observação de Mario de Andrade em estudo recente publicado na America do norte; ele sublinhou uma das notas singulares do formoso sacelo franciscano do Recife, e Robert Smith faz cõro

(Fótos do Patrimonio Historico e Artístico Nacional).



ao conceito elogioso. No empenho de alindar os nossos templos, procuraram os artistas de outróra, com avidez, a consonancia entre a escultura ornamental e a pintura. Na Capela Dourada de Pernambuco o sonho cristalisou-se; ali dentro a harmonia entre a talha dourada e a policromia dos paineis atingiu à perfeição, e alcançou a primazia superando todos os templos barrocos do Brasil.

Que radioso, que opulentissimo patrimonio de arte se acha entregue, ao gosto, à piedade e ao patriotismo dos pernambucanos! Eles souberam guardar durante dois seculos com acendrado zelo o escriptorio de joias faiscentes da Capela Dourada. Pelos seculos a fóra saberão defendê-lo, conservá-lo, e estimá-lo.

Nesses dominios, não precisa perguntar pelos brios de Pernambuco.

3) Fernando Pio consigna em seu livro apreciado o elenco dos paineis existentes na Capela Dourada; representam os santos seguintes: Adriano, Benevenuta, Bonavita, Bruno, Gila, Gualter, Henrique rei, Humilana, Isabel rainha, Ivo, Joana da Cruz, Luis rei, Luzia da Murcia, Jacome, Juliana, Margarida de Corçona, Pedro apostolo, Pedro Romano, Pedro Depodo, Ricardo, Ros-tagno, Torrelo, e Veridiana. Existem ainda as pinturas da Fé, Esperança, Caridade, e Constancia. No cõro estão os quadros dos santos Jeronimo e Geraldo. Em dois paineis maiores, cenas dos mártires franciscanos.

4) The series of flowers and fruit forms... twine about the pilasters of the altars and the spandrels of their arches... in the door frames... they suggest sunflowers.

5) O illustre historiador de arte da Inglaterra, Satchell Sitwell, na revista *The Architectural Review*, março de 1944, em valioso ensaio a respeito da arte sacra no Brasil, apontando a inspiração portuguesa em obras de arte brasileiras, escreveu: **How lovely has been the Iberian influence of the architecture of the Americas when we think of its wonders!**

6) Aarão de Lacerda, monografia, *Lisboa Madre de Deus*, na coleção *Portugal, arte, monumentos*, Portucalense Editora, 20 pgs. 29 gravuras.

JOIAS DO PENSAMENTO BRASILEIRO

A Fé é uma ância, a Esperança é uma ambição, a Caridade é pouco amor.

Na vigília ardem os olhos como si a sombra os caustique, alquebram-se os membros como ao peso de fadigas insuportáveis e a alma tresvariada debata-se em alucinações.

A corrupção está em toda a parte: na política, na imprensa, na literatura, na Arte e em todas as relações sociais.

A miséria arrasta o homem a represálias violentas, a vindictas sanguinárias.

A vermina da Fome é o anarquismo que arremessa a bomba, que vibra o punhal, que dispara o revolver, que concita as greves e, contra ele, bem pouco aproveitarão os cárceres abafados, a lâmina da guilhotina, a cadeira dinâmica.

A harpa humana tem vinte e cinco cordas — são as vinte e cinco letras do alfabeto.

As letras são as ancilas do Pensamento, os números são os titans do cálculo.

Há timbres simpáticos como os há antipáticos; há — os meigos como os há agressivos.

Quem levanta as pontes e as equilibra? Quem corta os istmos? Quem sustenta a abobada? Quem guia os exploradores no deserto? Quem nortêa as naus nos mares vastos? O número.

A letra é garrula, o número é silêncio; ambos, porém, são alados.

Há, porém, uma Ciência nupcial em que a letra e o número aparecem ligados em amoroso consórcio, caminhando juntos para o Absoluto — é a Algebra.

... letras, átomos de palavras, poeira luminosa que nos entre nalma pela restea de sol da primeira instrução.

Há pessoas insuportáveis quando falam.

... dicionário — cidade verbal onde os termos, abairrados, esperam o reclamo do Pensamento... O vocabulário é o homem.

Os povos, ainda sob a virga férrea dos vencedores, sempre procuraram conservar o pátrio idioma como mantinham o culto, a tradição, os costumes, perpetuando-os as servidão como lembranças dos dias livres.

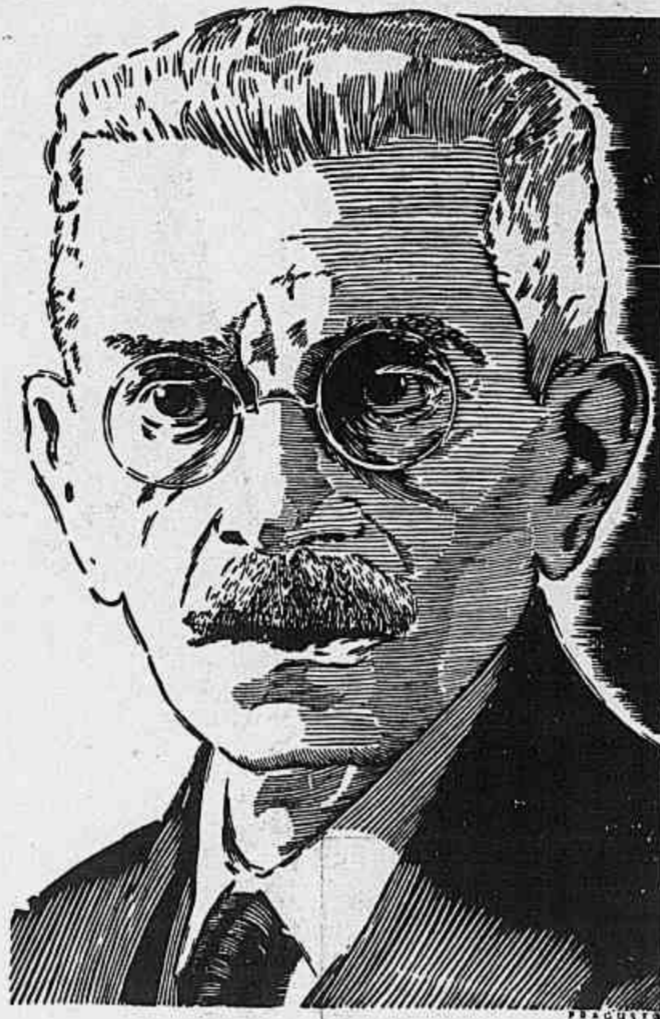
Esperança! doce palavra feita de bruma efemera que o clarão do ideal enche de iris maravilhosos.

Ouvir a chuva é um encanto delicioso.

Ha águas mortas — o pantano é um cadaver.

Há rios bem fadados como os há infelizes; há — os salutareos como os há mortíferos.

A simpatia ou a antipatia não está nas palavras, mas na expressão que se lhes dá.



Mar, tu és o estuário da Poesia, o imenso reservatório da saudade, o berço dos mundos novos.

O polipo... É esse infusório insignificante que constroe os alicerces da terra — é ele o verdadeiro atlante.

... no momento em que o Oceano devorava a Atlantida, e polipo apresentava à flor dos mares a nova construção que se devia chamar — America.

A Terra é orgulhosa e está sempre a apresentar ao Homem os vestígios do seu sacrifício, sempre a mostrar-lhe as suas cicatrizes — a boca das minas, os gilvases das rochas, a calvicie das montanhas.

Há palavras viajeiras. Atravessam os mares trazidas pelo imigrante, que busca, longe da pátria, o que lhe nega o solo natal.

Ó a generosidade do mar! Ele é o sangue da terra — o seu anceio é o pulsar do coração do mundo, é o ritmo da vida.

O fogo purifica.

As espadas de aço e os deuses de ouro e de bronze, as lâminas dos escudos e os florões das coroas, as ascumas, os canhões e os ferros dos arados, tudo passou pelo fogo.

O gênio é vulcanico.

Há paixões que devoram como incêndios vorazes.

As palavras morrem quando desaparece o objeto que representavam, outras são substituidas por neologismos de boa formação ou tomados, sem escrúpulos, aos idiomas estrangeiros.

Tudo é fogo. No pequenino grão de areia há lume; no fundo do abismo há calor.

Força e vida, estímulo à energia, Vaidade! tu és a deusa protetora da Mulher, como a ambição é a divindade ativa que propete o Homem.

O escudo heraldico da Ambição é a Moeda. Mais bela é, sem d'vida, o da Vaidade — o espelho.

O espelho é sincero: mostra o que é e quanto mais o evitaes, mais ele vos persegue porque o levanta no punho a Verdade, que nos é outra a formosa moça que nos aparece tão modestamente entronada na borda de uma cisterna.

A palavra epiteto é aureola e é chama, irradia como o esplendor e queima indelevelmente como o ferro em braza; glorifica e infama, imortaliza e mata.

A alma é o espelho, a saudade é a sombra — sombra dos queridos, dos desejados que nela se reflete, quer a distância os separe, quer os esperam tumulos.

A alma do poeta reproduz em brilho todas as impressões de vida como o espelho reflete a imagem do que se lhe antepõe.

Que é a Poesia senão a transparência de um sentimento?

O que melhor traduz a idéa ou descreve a natureza esse é o melhor poeta como o espelho mais perfeito é o que nos devolve com mais nitidez a figura que o enfrenta.

Nos livros, as palavras são como as flores nos prados e os olhos, como duas abelhas, andam por elas sugando a essência para fazer o mel e a cêra com que alimenta e ilumina a Humanidade.

Que é o remorso? Imagem do crime. Quem no-la apresenta? A consciência, espelho em que nos miramos e que está sempre voltado sobre os nossos olhos.

Mas o tempo é tão rápido!

Ó espelho cruel, porque não has de mentir com a lisonja, sempre agradável? Não, não podem mentir porque é a própria expressão da verdade.

Amigo nos dias radiosos da mocidade, inimigo nas primeiras nevoas de outono, algos no inverno, eis o espelho.

É sina das palavras: voar, como o polen que fecunda.

O Mar, o grande e generoso Mar, Pae das gerações da Terra.

A mulher tem obrigação de ser bela: a beleza é a sua virtude exterior, mantê-la é mais que necessidade, é dever.

Porque nos havemos de insurgir dentre os artificios si a vida é toda artificiosa?

Não saiamos do espelho e veremos passar por ele toda a humanidade — desde a criança que se ensaia na faceirice até o ancião que vai procurar no pergaminho do rosto um vestígio da juventude.

A sombra é o memento do nada, o homem anda acompanhado dessa memória, é ela que constantemente lhe repete a triste verdade clamada no *Dies irae*.

SELECIONADAS

POR DE MATTOS PINTO.

COELHO NETO



Rosas Saxer



Rosas silvestres



Girassóis de Itaipava

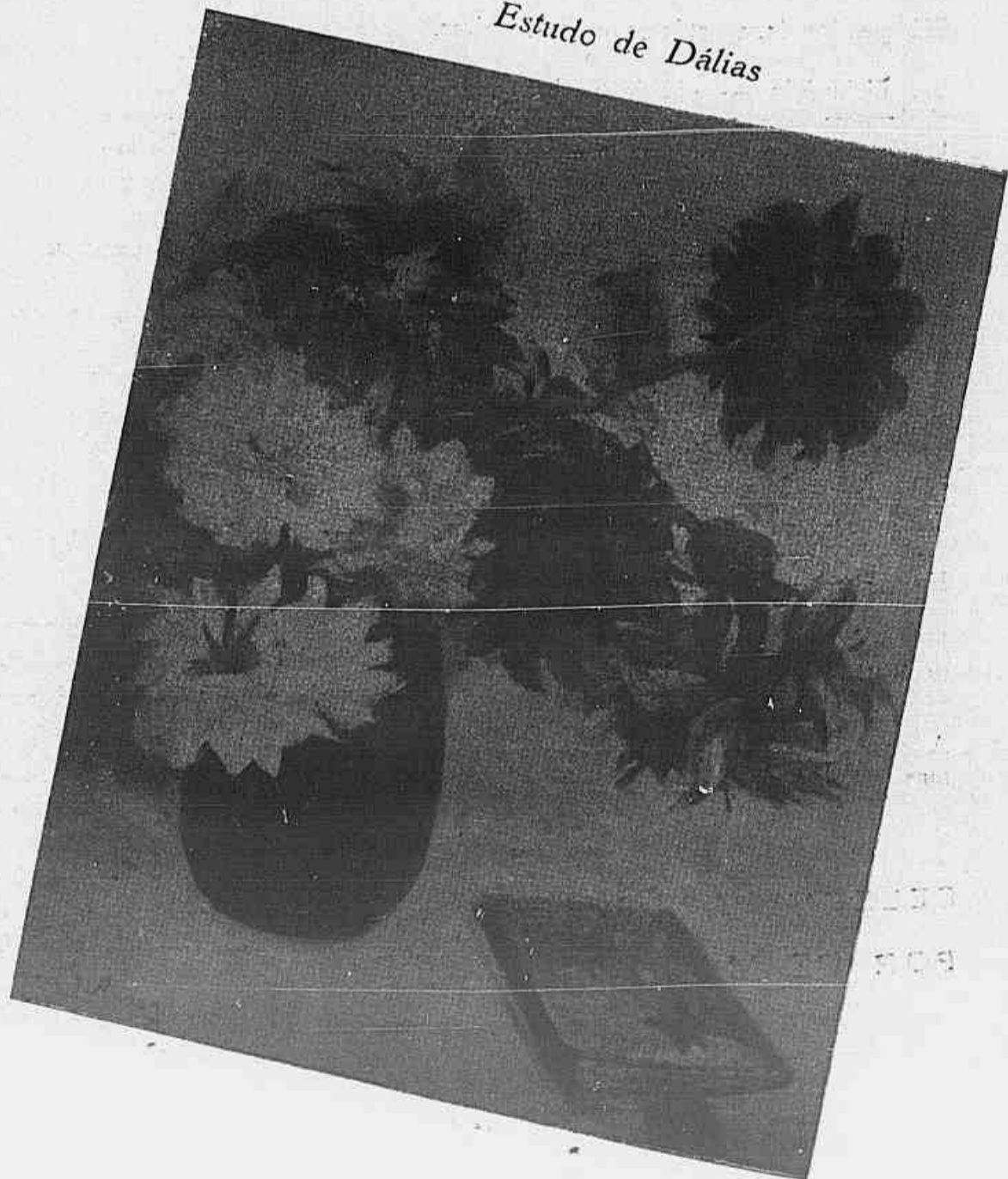
Sinhá D'Amora no seu atelier, dando os ultimos retoques na tela "Rosas e Arca"



AS FLORES DE SINHÁ D'AMORA

Sinhá D'Amora, que já nos deu inumeras provas da sua virtuosidade em trabalhos de paisagem e marinha, todos encantadores na fatura simples e na segurança do desenho, é tambem uma esplendida interprete das flores. Nesse genero a sua obra possui uma grande copia de quadros excelentes, principalmente os de rosas e crisandalias, que constituem um motivo de satisfação espiritual para quem os contempla. As gravuras que apresentamos definem bem o temperamento dessa brilhante artista patricia e dizem da sua sensibilidade e do seu bom-gosto na escolha dos arranjos desses ramos sugestivos.

Estudo de Dálias



☆ SUFIDAVE ☆

Por VIOLETA DE ALCANTARA

Se a primeira quinzena de setembro foi largamente animada pelas festas da Independência e a visita do Presidente do Uruguai, a segunda quinzena começou por ser intelectualmente agitada pelos chamados "mobiles" de Calder, o artista norte-americano sobre quem Jean Paul Sartre, num estilo por vezes curiosamente proustiano, escreveu belas e engenhosas palavras, cuja leitura devo ao crítico Marc Bercowitz.

A inauguração da exposição de Calder — no Ministério da Educação, com a presença do ministro e da Sra. Clemente Mariani — foi, inegavelmente, um acontecimento para o nosso meio de arte e de sociedade. As nove da noite, uma vasta multidão... mobilizada por amáveis convites, enchia aquele salão tão difícil de encher e ocupava-se em dar mais movimento aos já movimentados trabalhos de Calder. "Pede-se tocar nos objetos expostos" é uma sugestão excepcional e irresistível. Ninguém, creio, lhe resistiu! Conversando com o ministro Ranulfo Bocayuva Cunha, Flavio Rezende de Carvalho — especialmente vindo de S. Paulo para assistir à inauguração — e com Bercowitz, ouvi uma série de comentários cheios de interesse e de espírito. Ao lado do embaixador Johnson e do artista Calder, logo se distinguia a expressiva Sra. Randolph Kidder, que fala com tão deliciosa vivacidade, que numa simples carta é capaz de atingir a mais invejável das elegâncias de estilo e que nos apresentou diversas personalidades americanas. Um dos "mobiles" — da coleção da Sra. Roberto Assumpção — que mais próximo ficava do alcance dos visitantes, ballou durante horas, com uma técnica e uma graça inconfundíveis.

Foi igualmente na segunda quinzena de setembro que os admiradores de Germain Bazin voltaram a ter oportunidade de ouvi-lo, no auditorio do Instituto de Resseguros, por muita gente ainda desconhecido, mas agradável de proporções e côres. "De la figure au symbole" foi o tema da sua primeira palestra que, em nome do Museu de Arte Moderna do Rio, o Sr. Raymundo de Castro Maya apresentou, com breves palavras, ditas no seu tom natural de homem de sociedade e consagrado homem de bom gosto. Fiquei conhecendo, nessa tarde, a Sra. Germain

Bazin, figura de muita linha e símbolo de muito "charme". D'as depois, ouvi falar numa palestra a ser feita pelo diplomata Robert Victor, que é um escritor notável pela observação, a efabulação e o estilo dos seus romances, sobre um tema fascinante — Rabindranath Tagore.

A tarde do dia 22 foi uma das melhores dessa segunda quinzena, pois foi passada por um grande grupo de alta significação social, em companhia do Sr. e da Sra. Adolfo de Alvim Menge, do Sr. e da Sra. James Stevens — a Sra. Stevens, nascida Livia Menge, é uma das mais graciosas figuras da nossa sociedade, um lindo Sévres sorridente, precioso nestes tempos de azedume — naquela casa do Outeiro da Gloria que parece cada vez que lá se vai, ter maiores encantos. Nela cresce, aliás, uma vocação musical, a do filho da Sra. Stevens, como se admiram os quadros do dono da casa, Sr. Alvim Menge, cujo numero vai crescendo, num interessantíssimo "atelier". Assim se harmonizam, com um gosto superior, a arte e a sociedade.

Para dar um brilho original ao começo do fim de setembro, houve o "cock-tail" oferecido pelo Sr. e a Sra. Plínio de Carvalho, reunindo a comissão social da festa "Poeira de estrelas" — um nome bem escolhido — e as figuras do teatro nacional que nela vão tomar parte. Estrelas da sociedade elegante e estrelas da cena brasileira fizeram, nesse "cock-tail", um intercâmbio de cintilações verdadeiramente digno de nota! Conversando sobre a festa em benefício da Casa N. S. da Paz, trocaram idéias, desenvolveram sugestões, prepararam, enfim, o êxito de um plano tão invulgar como simpático.

Para essa festa de fins de outubro já não havia, em fins de setembro, muitos lugares por vender! As festas de caridade têm sido numerosas nestes últimos tempos. Mas, felizmente, não faltam idéias novas e novas dedicações ao trabalho de organizá-las, nem deixa de se renovar o interesse do público, sem o qual seriam impossíveis. Todas são para se elogiar, mas a festa em benefício da Casa N. S. da Paz — Nossa Senhora da Paz, tão necessária ao mundo! — poderá vir a marcar época, devido à sua feição inovadora.



Sra. Dorothy R. Kidder, esposa do secretário da Embaixada Americana, Sr. Randolph Kidder.

UM GRANDE "COCK-TAIL"

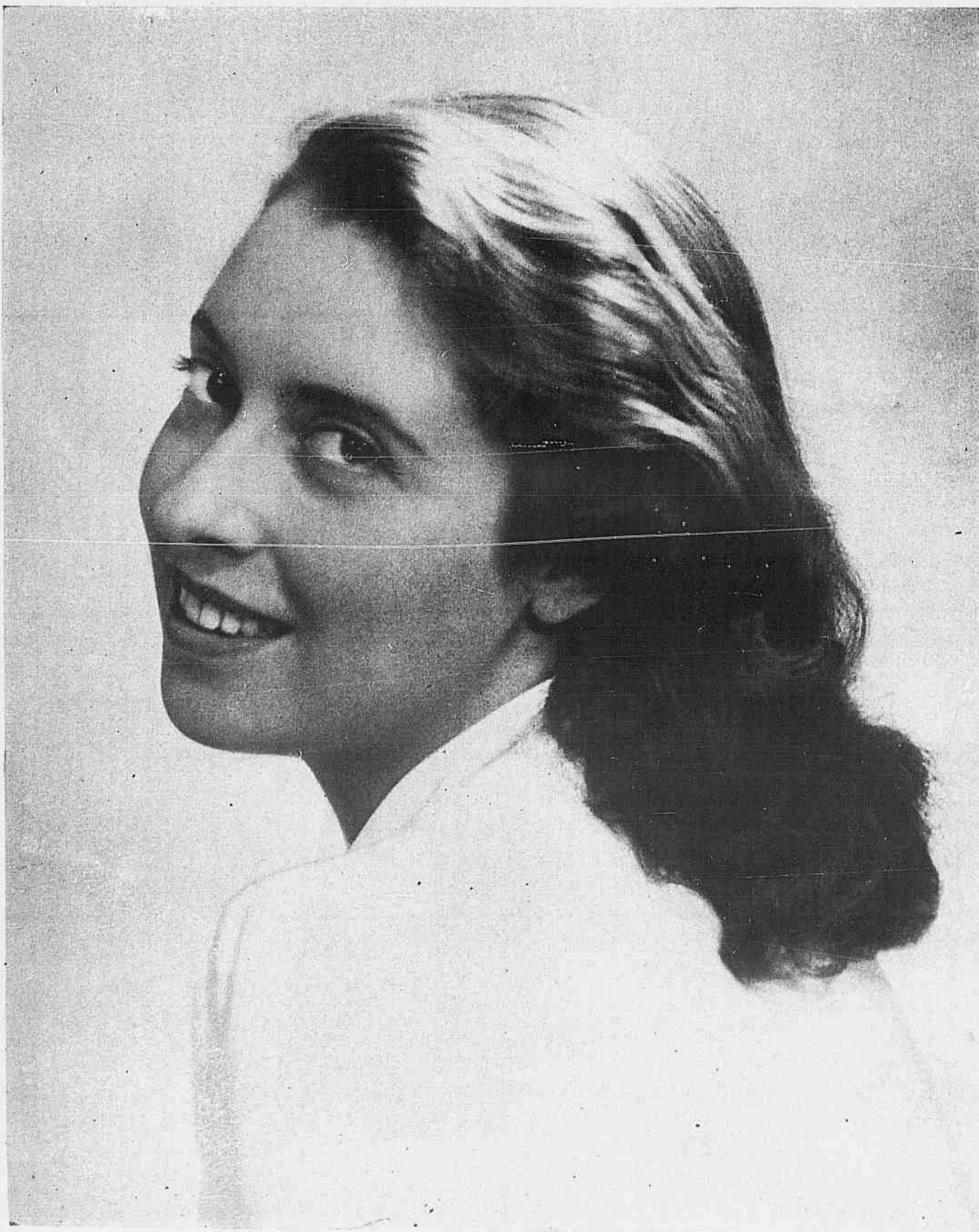
Para comemorar a ascensão ao trono da Rainha Juliana — país que a Rainha Guilhermina, cujos notáveis cinquenta anos de reinado Celso Kelly tão bem nos descreveu naquela sua conferência do Itamarati, decidiu renunciar para lho ceder — o Ministro da Holanda e a Sra. Molekamp ofereceram um "cock-tail" no Yacht Club. Uma pessoa de viva inteligência, a quem falamos dessa festa, observou que a escolha do local talvez fosse devida ao fato de evocar, tão calmo e todo ajardinado à beira de água, os encantos de uma paisagem holandesa. De fato, com o tempo que estava — excelente, mas sem clarões de luar — quem passeava pelos terraços do Yacht Club apenas via as águas cintilando aqui e ali, os barcos e as folhagens. Só faltava a presença de um moínho para completar a impressão, mas não era nada difícil imaginá-lo... para os lados do então quasi invisível Pão de Açúcar. Menos difícil ainda é dizer com sinceridade que essa recepção comemorativa

foi perfeita no seu gênero, a começar pelo sereno estilo da amabilidade dos diplomatas holandeses e suas esposas, que nem um momento deixavam de se ocupar dos convidados, fazendo oportunas apresentações e oferecendo agradáveis taças de "champagne". Os salões do Yacht Club, na sua simplicidade esportiva, são verdadeiramente elegantes e estavam cheios de bonitas "corbeilles". Nesse florido e vasto cenário muitas das figuras mais conhecidas da sociedade moviam-se como artistas que estão num palco apropriado — e era possível apreciar o conjunto duma silhueta vestida por Lelong, Balenciaga, Carven ou Christian Dior, o que raramente acontece nos salões onde se recebe para um grande "cock-tail". E até os chapéus de abas mais largas se sentiam felizes por não esbarrarem uns com os outros. A fórmula "grande "cock-tail" exige um número de pessoas geralmente excessivo em relação ao espaço dos salões, para que possa haver animação. Entretanto, naquela tarde havia espaço bastante e não faltava brilho nas conversas. Em volta de uma longa

mês excepcionalmente bem servida — os camarões lembravam flores, mas tinham verdadeiro gosto de camarões e os perús recheados indiscutivelmente o eram — não se notavam certas atitudes por demais "empresárias" dos convidados — ou negligentes de quem os servia. Tudo estava certo, elegantemente, organizado, o que é menos banal do que os inexperientes poderiam crer. Nos salões e nos terraços conversou-se, portanto, até bem tarde. O embaixador Barros Pimentel, presidente do Instituto Brasil-Holanda, tinha uma palavra amável para cada um dos seus amigos, o que quer dizer inúmeras palavras numa tarde só. O Sr. de Clercq, do Serviço Holandês de Informação, ia de um grupo a outro, com o seu sorriso otimista. O príncipe Olgierd Czartoryski falava com o príncipe e a princesa Roman Sanguszko, enquanto a princesa Czartoryska trocava impressões com a Sta. Andréa de Morgan Snell. O embaixador de Portugal e a Sra. João de Bianchi eram cumprimentados por vários amigos e a princesa Brancovan estava rodeada de figuras simpáticas e atentas às suas palavras. Celso Kelly e Raul Pedroza conversavam num grupo que parecia divertidíssimo, o escritor Léopold Stern prodigalisava as suas "boutades" sobre o amor e as viagens, a Sra. Stern e a Sra. Mary Bordini conversavam no salão, o Sr. e a Sra. Claudio de Souza ouviram elogios aos programas e ao público das sessões do P. E. N. Club, a luz dansava no elegante chapéu rendado da Sra. Celso Kelly falava, com muita graça, sobre vestidos largos e vestidos "entravés", o Sr. Luiz d'Orey — presença clássica nas grandes recepções — estava num grupo de diplomatas estrangeiros, enquanto o Sr. e a Sra. Renato Almeida se despediam para ir a um jantar, e o Sr. Meira Penna ouvia comentários sobre o novo livro de seu filho. E no meio da multidão de convidados, encantadoras figuras de senhoras de diplomatas holandeses continuavam a ir de um grupo a outro, cuidando que ninguém se aborrecesse ou visse os copos de "whisky" ou as taças de "champagne" com ar de fim de festa. Pela distinção, pela constância das atenções, a recepção foi digna de uma corte, sob a sua despretenciosa aparência de "cock-tail" das 6 às 8.

Sta. Raquel Elena de Alisérís Bernadá, filha do diplomata e pintor uruguaio Sr. Carlos Alisérís e da Sra. Elena Bernadá Duran de Oliveira.

(Foto Dora de Zucker)



A SENHORA BATLLE BERRES

Durante a recepção oferecida pelo Presidente da Republica do Uruguai no Palácio das Laranjeiras, tivemos ocasião de conversar alguns minutos com a Sra. Batlle Berres. Digo bem conversar e não, apenas, trocar palavras de cumprimento, o que prova que a esposa do Presidente é uma pessoa invulgar, podendo crear à sua volta, em meio de centenas de convidados e dezenas de apresentações, um clima favorável à troca de ideias. Quando, depois desses momentos de palestra, a vimos atravessar o salão pelo braço do embaixador José Roberto de Macedo Soares, pensamos em algumas personalidades famosas que, numa reunião qualquer, ficam logo incapazes de dizer alguma coisa interessante e mal fixam o olhar nos que lhes são apresentados.

E por isso mais admiramos a Sra. Batlle Berres, como dissemos depois à Sra. Colazzo Pittaluga — a esposa do secretario da Embaixada do Uruguai, tão elegante sempre, usando os seus chapéus, os seus belos vestidos de baile, as suas jóias, de maneira perfeitamente oportuna — a Sra. Milans Aguirre, esposa do Adido Naval e uma pessoa amabilíssima e a Sra. Carlos Alisérís, cuja finura se harmoniza com o estilo de seu marido, na vida diplomática e na arte com que fixa um perfil e um ambiente. Gostariamos, ainda, de tê-lo dito ao Sr. e a Sra. Manzanés, por quem a sociedade do Rio tem uma deci-

dida, justa simpatia, por que é um vivo prazer ter ocasião de elogiar sem nenhum convencionalismo, personagens que nos fazem uma visita oficial.

"GLAMOUR", NO MUNICIPAL

A revista "Glamour", espetáculo de caridade, tornou-se numa festa em honra do Presidente do Uruguai e da Sra. Batlle Berres, enchendo o Municipal de vestidos elegantes, casacas, fardas, "smokings", no meio dos quais, felizmente, quasi não se distinguem inoportunos trajes de passeio, ali surgidos por algum engano. Os nomes da Sra. General Mendonça Lima, de Henrique Pongetti — esse verdadeiro homem de espirito, no teatro e na cronica — de Ary Barroso, de Veltchek, de Esther Leão, da efficientissima Ilka Labarthe, eram citados a cada momento, durante as conversas permitidas por um intervalo que deu a muitos o ensejo de ir até ao camarote presidencial cumprimentar os homenageados, ao lado de quem se via o Presidente General Eurico Gaspar Dutra. Dentre os numerosos quadros, teve o dom de nos encantar, no seu genero, a "Boite encantada" pelas alunas da Sra. Mari Nemoar. Aquelas jovens bailarinas amadoras, que interpretaram o espirito das bebidas mais ou menos espirituosas, iam surgindo com graça na moldura de uma "boite" moderna. E enquanto um delicioso "Amendoim torrado" bailante se instalava no bar, tivemos — do "champagne" e cachaça em figura de gente — muito com que fazer andar a cabeça à roda! A "Boite encantada" valeu por uma boa amostra de "glamour", nessa noite em que até as mais inesperadas celebridades de passagem pelo Brasil — uma Berta Singerman, um Antonio Vilar — surgiram no palco do Municipal. Por falar em "glamour", devo lembrar que este "carnet" e a sua dona ficaram numa poltrona proximo da frisa em que se via a Sra. Joel Monteiro. Os fotografos procuravam fixar a "glamour lady" no momento de um sorriso demonstrativo da qualidade que, oficialmente, a distingue este ano, como habitualmente a distinguia nos outros.

A RECEPÇÃO DO SR. MEIRA PENNA

O Sr. Meira Penna, a quem toda a gente conhece, pelo seu bom humor, os livros que tem publicado, as suas coleções de objetos antigos e curiosas recordações de viagem, ofereceu, em setembro, uma recepção a qual, infelizmente, não pudemos assistir. Mas não faltou quem contasse como foi agradável, tendo levado ao apartamento de Meira Penna cerca de trezentos convidados. Lá estava, naturalmente, um grande numero de diplomatas — nada menos que uns dez embaixadores! — entre os quais se distinguem os representantes da India, certamente encantados em meio de tantas coisas preciosas vindas do seu país — e de tantas belezas femininas, de tantas obras de arte que nasceram no nosso.

CROQUIS

Recordando a recepção dada pelo Presidente do Uruguai, seria esplendido poder desenhar aqui, em meia duzia de finos traços, a silhueta da condessa Pierre d'Epenoux, com o seu vestido de veludo preto ajustado até aos joelhos, para terminar num largo "volant" de seda, e trazendo dois tufo de "paradis" no seu cabelo loiro cendrado. Só quem sabe — ou fica sabendo — que a condessa d'Epenoux é alta, excepcionalmente esbelta, e tem uma cabeça pequena — pequena e bem modelada — poderá avaliar a elegancia desse conjunto dum sobriedade cuja inspiração continua vindo das melhores, mais enraizadas tradições de Paris.

FIGURAS DE SÃO PAULO

As revistas do Rio que publicam fotografias da sociedade paulista andam agora cheias de retratos da Sra. Nelita Alves de Lima, que é linda e tem grande encanto de expressão. Quando vivia em São Paulo quem escreve estas cronicas da "Ilustração", costumava encontrar a Sra. Nelita Alves de Lima pelo menos cinco vezes por semana —



Sra. Maria José de Queiroz Athayde, esposa do jornalista e ensaísta Dr. Austregésilo de Athayde, um dos membros da delegação do Brasil à Assembleia Geral das Nações Unidas, que em setembro se instalou em Paris.

(Foto Rosembauer).

nos "cok-tails" nos jantares, nos grandes bailes do Automovel Club ou da Hip.ca., nas noites elegantes dos cinemas — que deixaram de existir, o que é pena. A Sra. Nelita Alves de Lima é a mãe dessa nova "glamour lady" não oficial da sociedade paulista, e vendo o retrato de ambas na mesma página de revista quasi as confundimos. O que não admira, pois a mãe é tão jovem e a filha tão bonita!

Oliveira Ribeiro Neto, que acaba de traduzir tragédias de Shakespeare com excepcional maestria — dizem os criticos e ouvem, com entusiasmo, os amigos — vai publicar um novo livro de versos. Parece que o titulo será "Sol na Montanha". Além do seu permanente trabalho literario, Oliveira Ribeiro Neto — que é consultor juridico de uma importante organização — faz uma vida social que bastaria para absorver inteiramente qualquer outro. As suas visitas ao Rio, como a que nos prometeu para outubro, são sempre muito breves, mas nunca passam despercebidos nas rodas literarias e em meio das suas muitas amizades na sociedade.

UMA FOTOGRAFIA DE ARTE

O retrato da Sra. Waldemar Cardoso Martins, que illustrou uma destas páginas sociais no numero anterior, foi feito pelo

artista Sergio Roberts, de tão variados talentos, quando há tempos esteve no Brasil.

"POEIRA DE ESTRELAS" — NOITE DE GALA

O "carnet" recebeu e publica com prazer esta nota:

"Em beneficio da Casa Nossa Senhora da Paz, instituição que vem trabalhando numa ampla obra de assistencia social em Ipanema, ajudando especialmente a infancia desvalida desse bairro, realizar-se-á no Teatro Municipal uma noite de gala com o titulo de "Poeira de Estrelas". Festa inédita entre nos, pois vai reunir num só espetáculo alguns dos melhores artistas do teatro brasileiro que, num gesto muito simpatico e de grande generosidade vão trabalhar para as creancinhas pobres, "Poeira de Estrelas" conta com a direção artistica de Ziembinsky, para levar à cena os "sketches" de Lucio Cardoso.

Esta noite de arte será patrocinada pelos nomes mais representativos da nossa sociedade, cuja lista damos à seguir.

"Patronesses":

Senhoras: Senador Mello Vianna, Embaixatriz de Portugal, Embaixatriz da Argentina, Embaixatriz do Uruguay, Ministro Raul Fernandes, Embaixador Hildebrando Acoly,

(Continúa na página 50)



No Mosteiro de S. Bento receberam a bênção nupcial, dia 28 de agosto, a Sta. Therezinha de Alencastro Guimarães e o Sr. Aloysio Muniz Freire. A cerimonia religiosa seguiu-se uma elegante recepção no Gavea Golf. Os noivos, rodeados de pessoas de família e de convidados, no Mosteiro de S. Bento.

Enlace

ALENCASTRO GUIMARÃES—
MUNIZ FREIRE



A noiva — com o seu original vestido de linh e bordado, modelo de "Canadá" — pelo braço de seu pai, Tte. Cel. Napoleão de Alencastro Guimarães.



(Fotos T. Machado).



Um "momento solemne", que os noivos têm aqui fixado pelo nosso fotografo, num instantaneo em que se destaca a elegante simplicidade de ambos. A mãe da noiva, Sra. Napoleão de Alencastro Guimarães, estava também encantadora, vestida com grande distinção.

Dois sorrisos felizes.

A princesa D. Maria de Orleans e Bragança conversa com a Sra. Malvina Dolabella Portella enquanto a escritora Violeta de Alcantara Carreira — Sra. Ladislau de Torok — se despede da amável "hostess" Sra. Plinio de Carvalho.



(Fotos T. Machado)

REUNINDO A SOCIEDADE E AS "ESTRELAS"

Para fazer com que se encontrassem os patrocinadores e organizadores da festa *Poeira de estrelas*, a realizar-se no Municipal, com as "estrelas" do teatro nacional que tomarão parte do espetáculo, o Sr. e Sra. Plinio de Carvalho ofereceram um "cock-tail" na sua elegante residência de Ipanema. São dessa reunião os aspectos que ilustram esta página.



Da esquerda para a direita, a Sra. Luiz de La Saigne, a Sr. Octacilio Gualberto, a Sra. Malvina Dolabella Portella, a Sta. Maria Cecília da Motta Maia, a Sra. Roberta de Macedo Soares e a Sr. Ladislau de To.ok.



Uma graciosa figura fixada pelo nosso fotografo, Sta. Lygia Pinto.



Tambem da esquerda para direita, vemos a Sra. Lucia de Macedo Soares, a atriz Sra. Alma Flora, a Sra. Mariucha de Paranaguá Moniz Frias, a atriz Sra. Laura Suarez, a dona da casa, Sra. Maria, Celina Simon de Carvalho, a atriz Sra. Aimée.

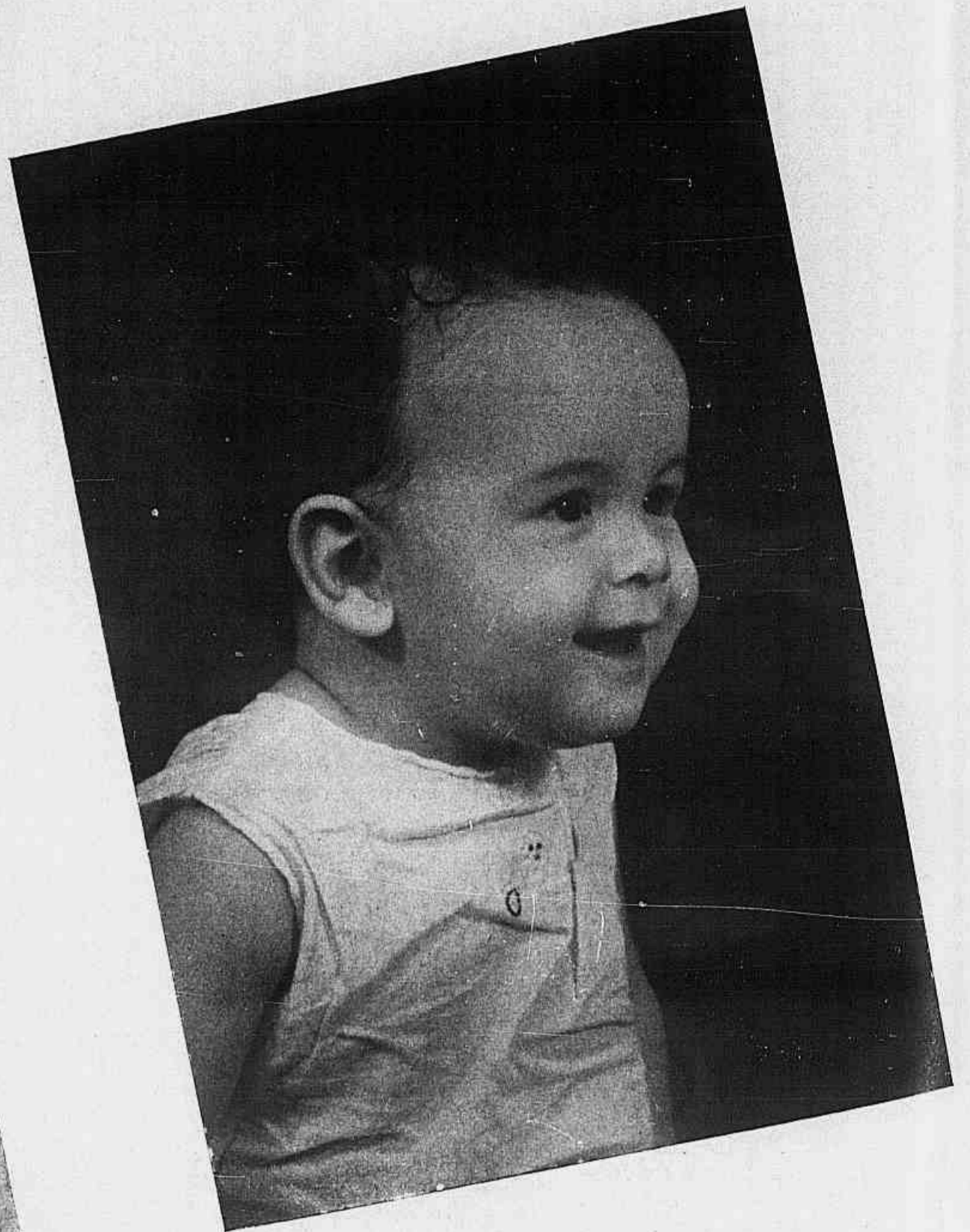


O Sr. Oscar Simon e o Sr. Carlos Frias conversando com a atriz Aimée, que tomará parte no espetáculo de gala em benefício da Casa de N. S. da Paz.

Grãncas



Dulce Maria, filha do casal Capitão da Aeronautica Mario Duque Estrada



Pierie Henri Antoine, filho do casal Pierie Lucie



Alba Maria, filha do casal Dr. Mauricio de Mello Soares.



Numa pose especial para a "Ilustração" — como todas as desta página — a Sta. Lucia Cantalice, cuja graça é superfluo sublinhar.

A Sta. Lucita Gomes de Matos, numa pose a que se poderia chamar o "Champagne" encantador e... o espelho encantado com êle.

"Champagne", "Whisky" e "Cherry-brandy" posando com muito "glamour" para o nosso fotografo. São três figurinhas de grande juventude e não menor distinção.

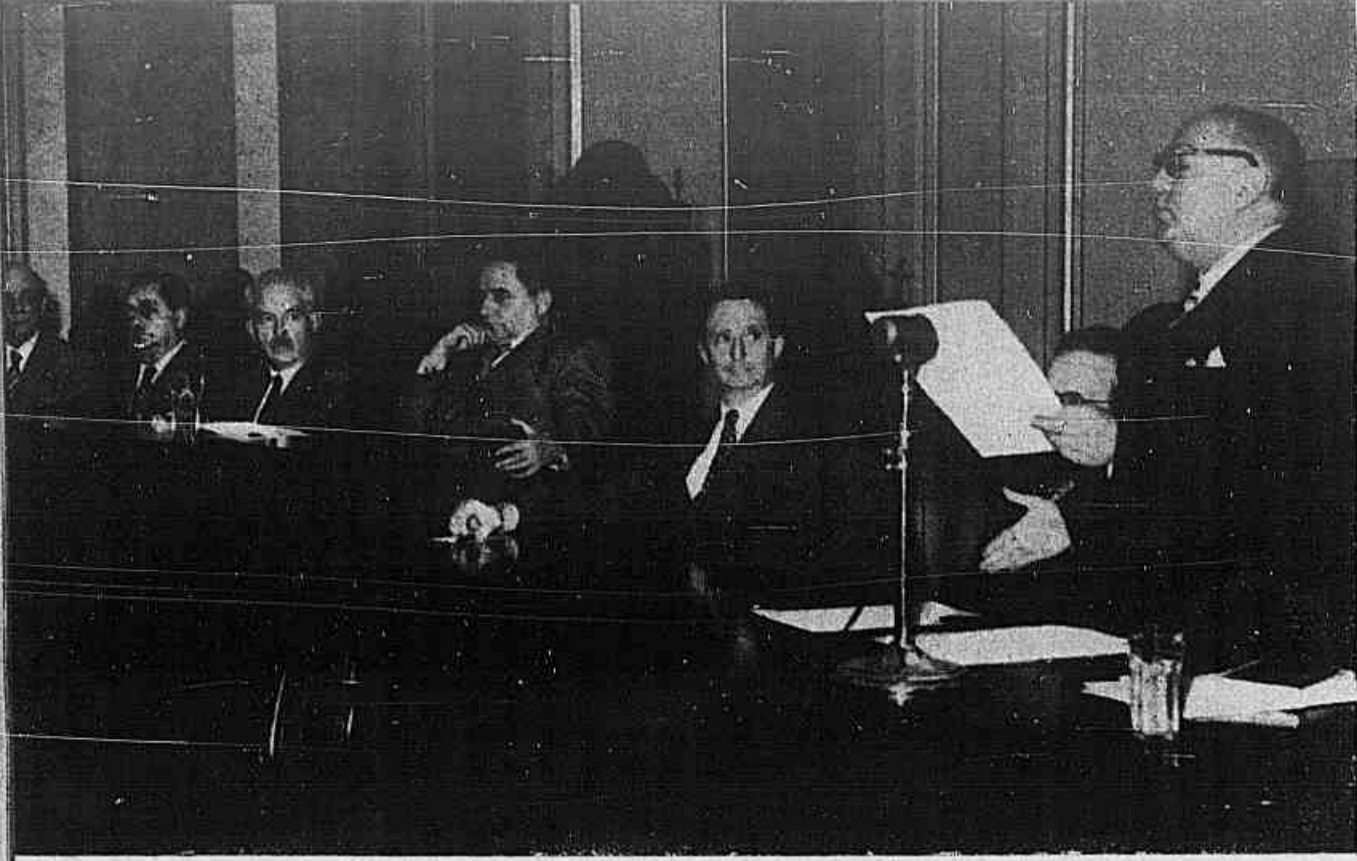


Da esquerda para a direita, a Sta. Lucita Gomes de Matos, sugerindo o "Champagne", a Sta. Maria Fernanda Salles Pinto, lembrando as belas tradições do "Whisky" e a Sta. Norma Lima Cavalcanti interpretando o famoso "Cherry brandy".

A "Boite encantada"

A "Boite encantada" foi um dos quadros de sucesso da revista "Glamour", levada à cena no Teatro Municipal por iniciativa da Sra. Mendonça Lima — espetáculo de caridade que foi também uma noite de gala em honra do Presidente do Uruguay. A coreografia da Sra. Mari Nemcar para esse quadro original agradou muito e a plateia aplaudiu largamente as interpretações de Lucia Cantalice — "Peppermint" — Maria do Carmo L. Stagno — "Vermuth italiano" — Ana Maria Assis Fonseca — "Amendoim" — Mauricio Ribeiro da Costa — "Rhum" — Terezinha Austregésilo — "Coca-cola" — Maria Fernanda Salles Pinto — "Wisky" — Norma Lima Cavalcanti — "Cherry brandy" — Marisa Bulcão Ribas — "Absinto" — Lucita Gomes de Matos — "Champagne" e Vera Maria Tavares — "Cachacinha nacional".





Aspecto da mesa que presidiu à conferencia, vendo-se, da esquerda para a direita, o presidente do P. E. N. Club, dr. Claudio de Souza, o embaixador do Mexico, Sr. Antonio Villalobos, o embaixador da Espanha, conde de Casa Rojas, o ministro Caio de Mello Franco — que fez o elogio do conferencista numa breve apresentação — o embaixador de Portugal, Sr. João de Bianchi, o ministro Aaulfo de Paiva e o conferencista, que ao falar sobre D. Juan nos recordou passagens da "Ceia dos Cardeais" de Julio Dantas e trechos de um belo poema de Menotti del Picchia.

CONFERENCIA DO ACADEMICO OSVALDO ORICO NO ITAMARATI

De passagem pelo Brasil, que tem representado junto as nossas missões diplomaticas no exterior, tendo estado até há pouco na Espanha, o escritor Osvaldo Orico aproveitou o ensejo para nos falar sobre "Tirso de Molina e a criação de D. Juan".

A sua palestra, que foi interessante, espirotuosa e sintetica, suscitou vivos aplausos.



O ministro Osvaldo Orico entre a princesa Vitoria de Brancovan, o embaixador do Paraguay, o ministro Argeu Guimaraes, chefe da Divisão Cultural do Itamaraty, e o Sr. Garcia Viñolas, adido cultural da Embaixada da Espanha.



Grupo feito momentos antes da conferencia, vendo-se, da esquerda para a direita, o embaixador do Brasil no Uruguay, dr. José Roberto de Macedo Soares, a princesa Brancovan, o embaixador de Portugal, o ministro Caio de Mello Franco, o ministro Aaulfo de Paiva, o conferencista e o dr. Claudio de Souza.

Um aspecto da assistencia em que havia numero as figuras de destaque.

(Fotos T. Machado)

Pitigrilli é um tipo de escritor curioso, extraordinariamente raro. Nunca pediu um cartão de apresentação; jamais ofereceu sua colaboração a um jornal; nunca procurou um editor; jamais mandou livro seu a um crítico. Em literatura, tem sido sempre um homem extremamente prudente — em que pesem as características de sua literatura alegre — sem procurar lançar mão de recursos que marcam a ação de um homem prático.

Pitigrilli é autor de "Cinto de Castidade", "Mamíferos de Luxo", "Virgem de 18 quilates", "Cocaina". A história dessas novelas de escândalo, de que se vendiam edições inteiras em poucas horas, é extremamente simples. Publicava ele novelas curtas numa revista de Milão, em 1919, quando um editor lhe pediu que reunisse quatro delas num pequeno fascículo de tipo popular. Surgiu, assim, "Whiskey and Soda" — título inexpressivo, de que hoje, aliás ele se arrepende profundamente.

Esse livro, entretanto, constituiu a chave do seu êxito literário. Num só dia esgotou-se a primeira edição. As edições subsequentes — e foram várias — tiveram a mesma sorte. De tal maneira se mostrou impressionado o editor, que lhe reclamou novo trabalho no gênero. Era preciso aproveitar a oportunidade. Pitigrilli, porém, não tinha obra inédita. Mas, reunindo outras sete ou oito novelas já publicadas na imprensa, deu-lhes um título escandaloso — "Mamíferos de luxo". Novo e retumbante êxito de livraria. Consagração da crítica universal, que o apontou como o criador de um gênero moderno de literatura. Tiragens e tiragens prontamente esgotadas.

Quasi a seguir apareceu "Cinto de Castidade". O título prometia muito mais que o conteúdo, confessa constrangido o autor. Alguém chamou-o de imoral. Outros repetiram o conceito, que se generalizou rapidamente. Pitigrilli esteve envolvido numa grande e crescente onda de escândalo. Submetido a processo, foi, entretanto, absolvido pelo tribunal de Turim, sendo a sentença confirmada pela Corte de Apelação.

Em 1922 publicou "Cocaina", outro romance muito combatido. Todas as nefastas consequências da droga estão pintadas nesse livro com objetividade de observador. Pitigrilli confessa que o escreveu com a simplicidade de um médico rural, sem molhar a pena no tinteiro fantasista de Edgar Poe ou Baudelaire.

Entretanto, essa série de livros picantes lhe trouxe incomoda notoriedade. Pitigrilli ficou sendo para o mundo um escritor imoral. Durante longos anos, porém, continuaram sendo os seus livros vendidos às edições inteiras, nos quatro cantos do planeta.

Pitigrilli

ARMANDO F. PEIXOTO

Com isto, ele enriqueceu. Só na Rússia, onde suas obras foram traduzidas pelo Estado, é que não lhe pagaram direitos de autor...

Pitigrilli sempre foi inimigo irreconciliável dos "ismos" literários e aponta como culpados do "bluff" que envenenou a arte do princípio do século o cubismo, o dadaísmo e o futurismo de Marinetti.

O futurismo, então, é filho de uma noitada alegre num cabaret de Montmartre. O futurismo — diz ele — foi para os fracassados a justificação de sua incapacidade. Os pintores expulsos das academias, os "refusés" das exposições de arte se converteram em futuristas. Quando o retrato não apresentava sinais de semelhança com o original, quando a paisagem continha algum erro de perspectiva ou algum defeito de técnica, costumava dizer o seu autor: "Sou futurista; vejo assim."

A um destes, falando com a sua conhecida franqueza, o rei Alberto disse certa vez: "Mas si vê assim, porque continúa a pintar?"

Pitigrilli é cruel com Marinetti. Mas não quer ficar só nessa cruzada de desmoralização e invoca o auxílio prestigioso de d'Annunzio. Este o definira como o "cretino fosforescente". Reconhece, porém, que o creador do futurismo triunfou, em seu paiz, pois teve o apoio decidido do fascismo.

É verdade que esse triunfo foi mais material que espiritual, já que Marinetti atravessou a vida atormentado pelas mais chocantes contradições. O mundo, conservador e hipocrita, fazia dele um boneco inofensivo e ridículo.

No terreno político, não está ainda bem esclarecida a atuação de Pitigrilli no início do fascismo. Parece que ele se deixara empolgar pelo movimento revolucionário, que apresentava enganosas características moralizadoras. Mas pouco tempo depois iria engrossar as fileiras dos desiludidos. Homem esclarecido, compreendia logo os malefícios do fascismo. Si a situação ambiente não lhe sugerira pronunciamentos em público por temor a represálias violentas, parece que ele se manifestou privadamente, chegando mesmo o teor de algumas de suas cartas ao conhecimento da censura, já então implacável até contra os indiferentes ao ao regime.

Pitigrilli foi detido pela milícia, fascista, em Turim, quando regressava de uma de suas viagens a Roma. Acusaram-no primeiro de ter falado mal do Duce num passeio de automóvel. Depois exibiram-lhe cinco cartas suas dirigidas a uma colaboradora da revista "Grandi Firme", de sua propriedade, com *post-escrita* injuriosos ao regime.

Por motivos óbvios, Pitigrilli negou a autoria de tais escritos, o que não evitou, entretanto, sua prisão, relaxada dias após, quando ficou provada a improcedência da denúncia.

Eram cinco os denunciadores de Pitigrilli e dois meses depois estavam eles sentados no banco dos réus, acusados do crime de calúnia. Há episódios pitorescos nesse julgamento, em que o conhecido escritor, num admirável torneio de palavras, confundiu completamente a quantos queriam vê-lo no fundo de uma enxovia.

Diante do juri apaixonado, quando lhe exibiram uma carta e ele atribuída, teve uma frase, espontânea e oportuna, que lhe valeu a absolvição definitiva: "Não cometo erros em francês!"

Pitigrilli foi jogador apaixonado, desses que crêm na infalibilidade dos seus planos para ganhar. De todos os jogos de azar, porém, o que mais o atraía era a roleta, porque "é elegante, variável, caprichosa, obstinada, acariciadora, malvada, adulatora; em uma palavra: feminina"

Um jovem engenheiro, estudioso profundo de matemática e seu velho amigo, descobriu um método seguro para ganhar. Era um sistema verdadeiramente assombroso, que colocaria os casinos na dolorosa alternativa de mandar eliminar os inventores do plano pela violência — já que eles se sentiriam pouco inclinados a se deixarem intimidar por simples ameaças — ou então fazer-lhes a proposta desejada que, a essa altura já não seria, afinal, tão interessante de cem milhões de dólares!

Segundo o plano elaborado, a probabilidade de perder se apresentaria uma única vez em cada dez mil anos. Mas, após nove dias de êxitos sucessivos, surgiu o imprevisto, esse imprevisto com o qual eles só contavam dali a dez mil anos. Perderam tudo. Tentaram a reabilitação, mas inutilmente. Com os bolsos vazios, e a alma cheia de desapontamento, voltaram para casa. Estavam arruinados, mas tinham recuperado, por outro lado, o amor pelo sol, pelos caminhos, pelo mar, pela natureza enfim, que eles contemplavam pela primeira vez, após nove dias sucessivos de alucinação e cobiça, abancados à mesa de jogo.

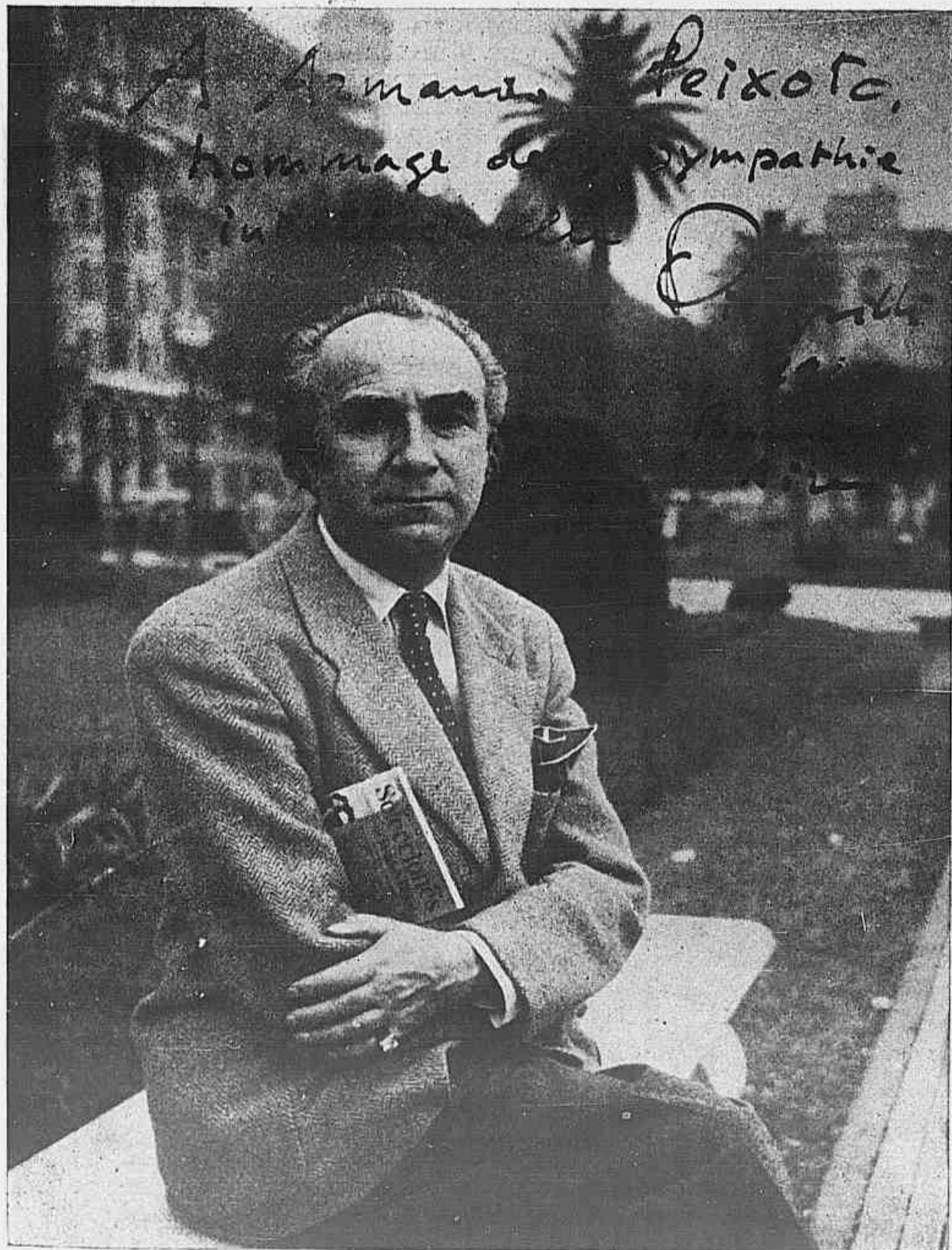
Quasi trinta anos são decorridos desde que Pitigrilli, com a cumplicidade amável e interesseira de um esperto editor milanez, inaugurou esse cobiçado caça-niqueis literário, que lhe tem enchido os bolsos de milhões.

Hoje seus livros picantes estão velhos e desmoralizados. Pertencem a um gênero de literatura já muito explorado. Mesmo nas portas de engraxates dificilmente encontrariam compradores. Marcam, assim, melancolicamente o ocaso de uma literatura que já não interessa às multidões, brutalizadas pelas guerras e suas dolorosas consequências.

Ninguém melhor do que esse médico italiano, de privilegiada argúcia, compreende tais vicissitudes. É o instante de esquecer, de renegar esses filhos espúrios, que lhe envergonham o nome, deningrem a alma e atormentam a consciência.

Dino Segre — é o seu nome verdadeiro — tem assim um gesto repentino, tão brusco e escandaloso quanto aquele que marcou o início de sua carreira literária, e proclama publicamente sua conversão ao catolicismo.

De Buenos Aires, onde óra reside, o famoso escritor de humilde descendência judaica, anuncia ao mundo estarrecido suas novas teorias. É um convertido ao catolicismo, confessa, dominado por um tardio sentimento de doçura e religiosidade. E como servo de Deus, não pôde aceitar as idéas audaciosamente expostas em sua obra primitiva, tão condenada pela Igreja, por sinal. Foram expensas, num período de irreflexão e pecado, visando talvez simples proventos materialistas. Sairam da pena irreverente de um jovem escritor hebreu, que colocava suas conveniências pessoais acima das convenções sociais e dos dogmas religiosos. Eram obras aparentemente imorais — para fazer leitores e produzir dinheiro — mas, no fundo, ingenuas e fúteis, sem maior sentido de responsabilidade. São essas obras que Dino Segre, o sizado escritor católico — aquele mesmo que em tempos foi o Pitigrilli irrequieto e mordaz — hoje condena como deletérias e prejudiciais à moral cristã

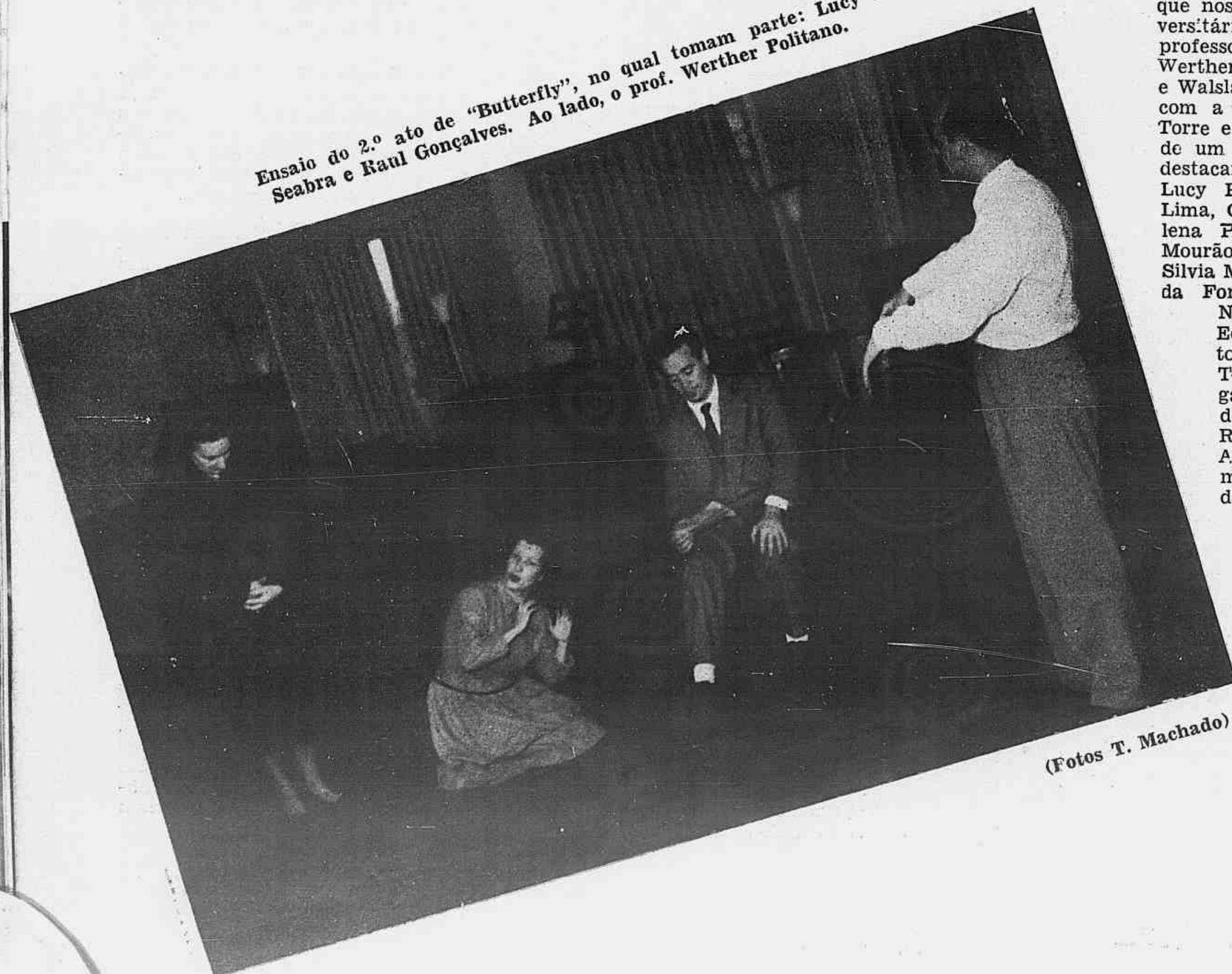




Grupo de alguns elementos do "Teatro Experimental de Ópera".

"TEATRO EXPERIMENTAL DE ÓPERA" DO TEATRO DO ESTUDANTE

Ensaio do 2.º ato de "Butterfly", no qual tomam parte: Lucy Politano, Lídia Seabra e Raul Gonçalves. Ao lado, o prof. Werther Politano.



(Fotos T. Machado).

O êxito alcançado pelo "Teatro do Estudante" no terreno dramático, levando à cena peças de repercussão e responsabilidade como "Hamlet" e "Inês de Castro", despertou nos meios universitários o ânimo necessário para se lançarem a outro arrojado empreendimento: o "Teatro Experimental de Ópera".

Os estudantes logo contaram com o apoio e o incentivo de Pascoal Carlos Magno, que foi a alma dos êxitos à que nos referimos, nas ribaltas universitárias, e a êste se reuniram a professora Carmen Gomes, o prof. Werther Politano, Alda Pereira Pinto e Walslaw Walcheck, contando ainda com a colaboração do maestro José Torre e do Sr. André Vivante, além de um numeroso elenco em que se destacam Inah Verney Lindenberg, Lucy Politano, Ivone Zita Esteves Lima, Cecília Guimarães Motta, Helena Pimentel Viana, Maria Elisa Mourão, Angela Adelle, Lídia Seabra, Sílvia Moscovici, Alice Vellon, Giseldá da Fonseca, Raul Gonçalves, Luiz Nascimento, Afonso Valério, Edgar Velloso, Walter Castriotto, Fernando Paes Oliveira, Tarquino Lopes, Geraldo Chagas, Nestor Capparelli, Geraldo Braga, Alvarany Solano e Raul Gomes.

A estreia do "Teatro Experimental de Ópera" está marcado para o próximo mês de Novembro, no Teatro Municipal, estando em realização os ensaios — de que damos aqui alguns flagrantes.

Trata-se de uma original e louvável realização que está, desde já, despertando o mais vivo interesse, plenamente justificado.

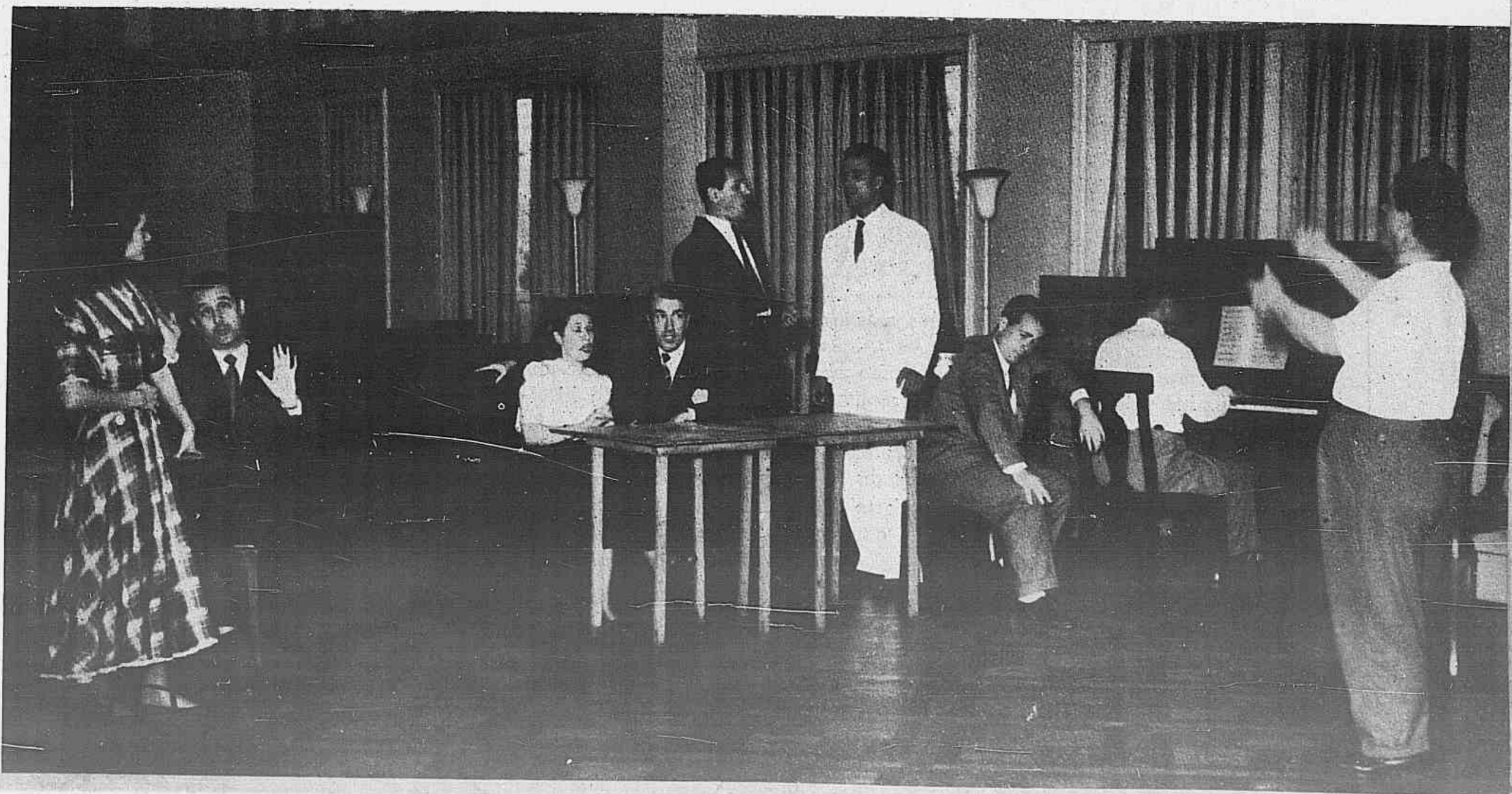


Neste grupo: Luiz Nascimento, Raul Gonçalves, Lidia Seabra e Lucy Politano.



Da esquerda para a direita: Edgar Veloso, Gizelda da Fonseca, Cecilia Guimarães Mota, maestro José Torre e Werther Politano.

Ensaio do 2.º ato de "Bohème", na qual tomam parte: da esquerda para a direita, Giselda da Fonseca, Tarquinio Lopes, Cecilia Guimarães Mota, Edgar Veloso, Nestor Capparelli, Luiz Nascimento e Raul Gonçalves. Ao lado, o maestro José Torre.



LUDWIG

O mundo está ainda vibrando com a perda de um grande dissecador de personalidades: Emil Ludwig Cohn. Desde que lançou, em 1913, o seu profundo ensaio "Wagner oder die Entzauberten", Ludwig tornou-se famoso. Ninguém melhor do que ele sabia mergulhar nos oceanos do passado para buscar os tipos máximos da História.

Era um analista seguro e percuciente. Descia aos labirintos das almas, sem se esquecer de examinar, antes, o meio em que essas almas se agitavam, marcando na Terra os seus destinos imensos.

Essas exegeses ele as fazia como se estivesse de fora, observando apenas. Sente-se nas suas páginas a volúpia do homem que foge conscientemente do grupo social em que se projetou o biografado. Se alguém lhe perguntasse, irônica ou interessadamente: "Mas isso é mesmo verdade? O que o senhor diz é exato?", ele daria de ombros, como se respondesse: "Não sei. Vocês é que me informaram desses pormenores através dos documentos que encontrei. Se estes são mentirosos, a culpa não é minha."

Ele se colocava sempre à margem dos seus estudos. Por essa razão, talvez, é que o seu processo intelectual era tão largo e tão penetrante. A sua sensibilidade ia tão longe, quando decompunha as individualidades exponenciais, que de nada se descurava, sentindo quase que intimamente o contacto daqueles homens longínquos. Ludwig "desenterra-os" de todos os modos, a fim de que os seus leitores os conhecessem, também, objetivamente. E os "seus" vultos pareciam mais completos do que o haviam sido pessoalmente, em vida.

Em "Goethe", publicado em 1920, ele foi notável, sob esse ponto de vista. Mas onde o seu método, nesse sentido, chegou ao extremo da perfeição foi em "Bismarck", aparecido, mais tarde, em 1926.

É possível que esse senso de independência mental se originasse da sua raça. Ludwig era israelita, e, embora houvesse nascido em Breslau, não se considerava um alemão de raiz, nem de outra qualquer nação, ainda que se naturalizasse Suíço. Segundo pensava, a sua nacionalidade era somente geográfica, não tendo pouso certo em nenhuma região do planeta. Ele nos lembrava uma enorme ave de arribação: sua pátria estava situada em todos os quadrantes da Terra. Não havia horizonte que não pudesse se rasgar diante da sua alma sem fronteiras.

A sua formação literária foi complexa. No início da sua vida, dedicou-se à poesia e ao jornalismo, adquirindo nessas duas atividades tão diferentes a agilidade espiritual necessária para as grandes sondagens da crítica e da biografia. De fato, um pesquisador de individualidades históricas precisa ser um tanto poeta e um tanto jornalista. Como poeta, ele se transporta facilmente, através do tempo, até a figura analisada, e, como jornalista, aborda-a, entrevista-a, mostra-a ao público universal.

Entretanto, a poesia e o jornalismo, no caso, devem restringir-se a seu papel de "excitantes" para os estudos biográficos. Elementos circunstanciais, e não fins, cabe-lhes retirar-se logo que o autor começa a examinar a documentação.

Carlyle e Emerson usaram de processos que em nada se pareciam com o de Ludwig. Enquanto aquele transfigurava as personalidades e este sintetizava-as em esquemas geniais, o biógrafo alemão as analisava simplesmente em seu seu quadro psicológico, dentro das realidades vivas do ambiente histórico.

Era menos brilhante, menos grandioso, menos esteta do que aqueles seus dois predecessores. Mas, não foi menor do que eles.

Ludwig, morrendo, agora, aos sessenta e sete anos de idade, venceu seu destino sempre com elevação, em linha reta, como um predestinado.

Seu nome não passará nunca.

Qual o poeta que mais admira?

Qual a poetisa de sua preferência?

O nosso "test", no lado feminino, veio nos convencer de que, realmente, as mulheres são muito mais políticas do que os homens. Não querem se complicar, dando as suas opiniões a favor deste ou daquele poeta.

— "Para que me indispor com tantos amigos inteligentes que se julgam os mais admirados por mim? Se eles lessem uma resposta minha sincera, todos com exceção de um, cortariam relações comigo." — disse-nos uma poetisa.

Uma outra sorriu, perfidamente:

— "Calma. Estou pensando ainda."

Uma outra sorriu, perfidamente: uma pergunta:

— "Como é possível citar um, se eu admiro os poetas segundo o meu estado de alma, a hora e o ambiente?" Uma quarta nos segredou um nome ao ouvido, num cicio, e acrescentou:

— "Mas não ponha isto na revista. É confidencial."

(Esta última lembra-nos o senhor Ataulfo de Paiva, que, interrogado, de uma feita, por "ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA", sobre se achava que as cartas de amor de Rui Barbosa deveriam ou não ser publicadas, olhou-nos enigmaticamente, depois de pronunciar algumas palavras sibilinas, pedindo-nos, em tom misterioso: — "Não publique o que eu lhe disse, ouviu? A "coisa" é só entre nós.")

No próximo número, talvez que algumas poetisas nos respondam, sinceramente.

Enquanto, porém, essas respostas não chegam, publicamos, abaixo, mais algumas opiniões de poetas.

EDMUNDO LYS:

— Adalgida Nery.

FRANCISCO KARAM:

— Remotamente, Auta de Souza. Ontem, Gilka Machado. Hoje, Cecília Meireles.

MÁRIO HORA:

— Gilka, sempre Gilka.

PETRARCA MARANHÃO:

— Gilka.

A CHAVE DE LUZ

Um dos jornais cariocas divulgou, não há muito, uma extensa e original "enquete", levada a efeito na América do Norte. Trata-se de um interrogatório exaustivo e desarticulado, sem nenhum rumo preconcebido, a que submeteram o grande Einstein.

O gênio da Teoria da Relatividade Comparada respondeu incisamente às trinta e duas perguntas com que o atacaram, num autêntico bombardeio de palavras.

O reporter foi, por vezes, inconveniente, como um "enfate terrible". Quis devesar, sem piedade, os ângulos mais distantes e mais sombrios do seu "ego". Einstein, todavia, mestre conhecedor de tôdas as flutuações do espírito, reagiu habilmente, como um velho esgrimista habituado a lutar nas sombras.

Ao fim da tortura, o periodista saiu sem nada saber da psicologia do entrevistado.

Entretanto, o que nos leva a fazer um pequeno comentário sobre o assunto é a circunstância de não ter o entrevistado perguntado ao notável sábio se ele gostava ou não de literatura.

Quem nos diz que não foi um verso qualquer que inspirou aquela Teoria a Einstein?

As imagens dos poetas são hieroglifos que Deus escreve na alma dos homens.

Só os gênios trazem, no fundo do seu pensamento, a chave de luz que pode decifrá-los.

SANCHO PANÇA VENCE DON QUICHOTE

Um fato curioso tem ocorrido ultimamente. Algumas livrarias se transformaram em casas de radiolas. Isso significa, naturalmente, que a literatura está perdendo terreno diante de outras coisas menos espirituais. Contudo, substituir livros por discos ainda é tolerável. Agora, desprezá-los para vender bebidas ou "sandwiches" é que é doloroso ...

Os "bars" e as confeitarias estão tomando o lugar das livrarias. O pão do espírito vai sendo expulso pelo pão do corpo ...

ARTISTAS INTERPLANETARIOS

Em certos pontos, as artes plásticas se confundem com as belas-letas.

Citemos dois artistas, para demonstrá-lo: Mallarmé e Watteau.

Nos poemas de um há tintas e nas tintas do outro há poemas.

Existem, ainda, poetas que trazem músicas nas imagens que idealizam Música e até bailados. Exemplo: Dannúnzio.

Todavia, há artistas que, embora dizendo-se poetas, pintores, músicos ou bailarinos, não passam de malabaristas. E nenhum merece mais classificação do que o interessante, mas nebuloso senhor Calder, que veio dos Estados com a sua "escultura viva", uma coleção de figuras excêntricas. Sua exposição, franqueada ao público, no Ministério da Educação e Saúde, é uma espécie de feira de objetos descidos de Marte, Júpiter, de Saturno, ou de outros mundos ignorados.

Serão obras de arte? É difícil afirmar. Mas o que é inegável é que constitui um delicioso motivo de observação.

Como, entre nós, as poesias da senhora Adalgisa Nery ...

COMPADRES

Numa pequena entrevista recentemente concedida a "O Globo", o senhor Manuel Bandeira declarou que, se não fosse ele próprio, Manuel Bandeira desejaria ser o senhor Carlos Drummond de Andrade.

Seria divertido se aquele vespertino, entrevistando, em seguida, este último poeta, lhe perguntasse se ficaria satisfeito em viver na pele do autor de "Libertinagem", na hipótese de não ser ele mesmo, Carlos Drummond de Andrade.

DECLAMAÇÃO E "FOOT-BALL".

A senhora Berta Singermann aparece, de longe em longe, no Brasil, como um desses cometas de muitas caudas radiosas que atravessam o céu, periodicamente.

E toda vez que surge determina, como por milagre, um novo surto de declamação. É um fenômeno psicológico, certamente.

Nós não acreditamos em poesia nos lábios das nossas declamadoras. É preciso que uma artista de outras terras aqui declame para que sintamos prazer em escutar versos.

No entanto, em "foot-ball", nos pés dos nossos patricios, nós acreditamos ...

AS CONFERÊNCIAS IMITAM AS ANDORINHAS.

Durante longo tempo, os intelectuais brasileiros perderam o hábito das conferências. Todos resmungavam: "Não me interessa ficar sentado uma hora inteira ou mais numa poltrona para ouvir um cidadão qualquer falar sobre futilidades."

Mais tarde, um ou outro escritor foi saindo humildemente da sombra e realizando as suas palestras em público.

E assim as conferências voltaram a atrair os intelectuais. De tal maneira que, presentemente, não há dia em que não se anuncie uma dúzia delas, pelo menos ... Imitando as andorinhas, foram e regressaram ...

3.ª EXPOSIÇÃO DO "LIVRO FEMININO BRASILEIRO"

No dia 28 de setembro passado, inaugurou-se, no "Auditorio Vánitas", a 3.ª Exposição do "Livro Feminino Brasileiro", sob a direção da escritora Adalgisa Bittencourt.

Livros recentemente publicados:

"SUBLIME DESTINO" — Lion Feuchtwanger — trad. de Marina Guaspari

"LUZ DE AGOSTO" — William Faulkner — trad. de Berenice Xavier

"FREUD DESMASCARADO" — Emil Ludwig — trad. de Almir de Andrade.

"A DONZELA E A MOURA TORTA" — Raquel de Queiroz

"SEMPRE É TEMPO PARA AMAR" — Ian Hay — trad. de Ruth Rodrigo Octavio

"PRESENÇA DE ANITA" — Mario Donato

"OBRAS COMPLETAS" (Gente Nova do Brasil) — Agripino Grieco

"ORLANDO" — Virginia Woolf — Trad. de Cecília Meirelles

"O JOVEM JOSÉ" — Thomas Mann — Trad. de Agenor Soares de Moura.

"RETRATO NUM ESPELHO" — Charles Morgan — Trad. de Lino Valandro

"O NILO" biografia de um rio — Emil Ludwig — trad. de Marina Guaspari

"HISTORIA DA HUMANIDADE" — Van Loon — trad. Marina Guaspari

ESTUDOS GRAFOLOGICOS DOS NOSSOS HOMENS DE LETRAS

III

OLEGÁRIO MARIANNO

AUTÓGRAFO:

A ilustração brasileira é, sem dúvida, a revista que mais nos orgulha. As artes gráficas do país tem nas suas páginas uma alta expressão de beleza e a literatura nela repousa como em sua própria casa.

Olegário Marianne

ANÁLISE:

Definem-se, claramente, em sua letra, duas personalidades: uma, exterior, guiada pela razão e pela vontade; a outra, interior, inteiramente boêmia e sentimental. Daí ser um dedutivo — indutivo.

Apesar de ter um grande amor à liberdade a ponto de esquecer-se de certas exigências de caráter social, sabe dominar-se rigidamente quando necessário, impondo a si mesmo uma disciplina inflexível.

Sua sensibilidade pelas formas é intensa. Seu senso de equilíbrio, não obstante, é, considerável. Dessas duas forças — uma sensorial, poderosa, e outra espiritual, não menos absorvente, resulta um temperamento de sibarita orientado.

Amando profundamente a síntese e a harmonia, procura, em sua vida intelectual, submeter tudo a um critério de simplificação "sui generis", mas coerente, dentro dos princípios da estesia.

Não se deixa vencer com facilidade. Entretanto, é muito susceptível: e esse é o seu calcanhar de Aquiles.

ARTES ARTISTAS



Maria de Sá Earp.

Maria de Sá Earp, depois de um longo repouso, volta a encantar a platéia carioca com a sua voz deliciosa. A grande artista patricia, que tem obtido no estrangeiro os mais entusiasticos aplausos, recebendo pelo seu merito excepcional a mais justa consagração do publico das metropoles europeias e norte-americanas, está novamente no Brasil, e agora no Municipal, na temporada lirica deste ano, onde será bastante festejada na interpretação de operas notaveis a que o seu genio empresta todos os fulgores.



Adolfinia Raitzin Tavora.



Arlette El Khory.

A A. B. I. continúa a desenvolver o seu programa de intercambio cultural, oferecendo ao publico frequentador de seu auditorio espetaculos artisticos com o que de melhor aparece em nosso meio. Há pouco tivemos, na série de concertos da grande instituição da classe jornalística brasileira, mais uma demonstração de seus esforços no sentido da aproximação espiritual dos povos. Referimo-nos à apresentação de duas figuras notaveis, uma a cantora libanesa, Arlette El Khory e outra a alaudista argentina Adolfinia R. Tavora. Ambas se mostraram à altura dos seus meritos e proporcionaram a seus numerosos ouvintes momentos de rara emoção estetica.



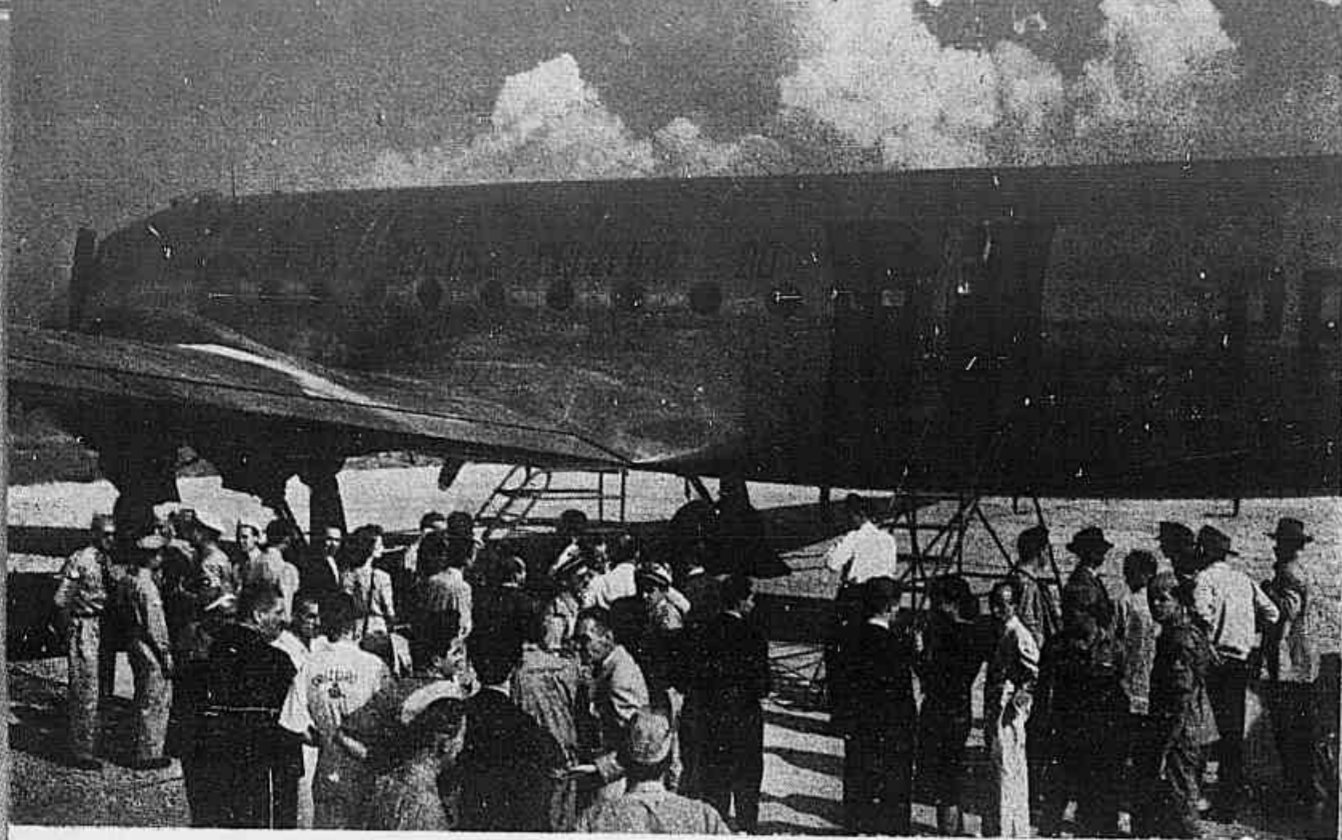
Antonio Cunha venceu mais uma vez com a sua linda exposição na natureza morta, o ilustre pintor patricio apresentou uma série de esplendidos trabalhos em que a sua técnica perfeita consegue transmitir ao espectador os melhores momentos diante da representação da beleza. As suas composições agradam sobretudo pela fatura vigorosa e pelo bom gosto na escolha dos assuntos. Flores, frutos, arranjos em que entram elementos decorativos magnificamente executados, Antonio Cunha os pinta com segurança. Mas aí vemos-lo também forte na paisagem, no desenho solido, como nesta tela em que êle nos mostra um aspecto do convento de Santo Antonio, na elegancia das suas linhas classicas, a falar da sua antiguidade comovente no alto da colina historica.



Este velho lobo do mar é uma das telas que Orozio Belem pintou em Portugal e expoz na sua recente mostra na Associação dos Artistas Brasileiros. E' uma figura energica, de linhas vigorosas, uma fisionomia tostada pelo sol, vincada pelos ventos marçimos, o olhar perdido na distancia, as mãos calejadas pelo remo e pelo manejo das velas, o corpo habituado às tempestades. Sentado no seu barco na praia de Nazaré, esse pescador traduz na arte do ilustre pintor brasileiro toda uma raça de marinheiros que se acostumaram ao marulho das ondas e fizeram do oceano o campo das suas atividades. No gozo do premio de viagem à Europa e que lhe coube no Salão Nacional de Belas Artes, Orozio Belem percorreu Portugal e Espanha e desses dois países nos trouxe uma coleção de esplendidos trabalhos e com os quais alcançou o mais justo sucesso na sua ultima exposição aqui realizada.



A pintora espanhola Sra. Isabel Pons — que recentemente, e com muito êxito, apresentou os seus trabalhos na A. B. I. e no Museu de Belas Artes — quando pintava o retrato da princesa Brancovan.



O *Sivius*, quadrimotor Douglas (44 passageiros), da *Cruzeiro do Sul*

"SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL LTDA."

O gráfico dessa densidade semanal, que costumamos publicar anteriormente, se tornou de difícil execução pela acumulação excessiva de linhas no espaço restrito do Mapa do Brasil.

LINHAS PARA O ESTRANGEIRO

Não é apenas aos centros de população de muita, ou de alguma, e as vezes de ínfima importância do próprio Brasil que os aviões da *Cruzeiro do Sul* conduzem passageiros inumeráveis e cargas vultosas. Em sua linha para Buenos Aires, entra a *Cruzeiro* com os aviões da "Linea Aérea Nacional", do Chile, que em tráfego mútuo, a prolongam até a maravilhosa terra chilena. Em Porto Alegre com os aparelhos da *Pluna*, que a prolongam até Montevideo. Em Boa Vista, na fronteira Brasil-Venezuela, entra a *Cruzeiro* em conexão com a "Linea Aeropostal Venezolana", que vai a Caracas e outros pontos da florescente pátria de Bolívar. E o acordo de tráfego mútuo com outras grandes empresas de transportes aéreos, permitem-lhe aceitar passageiros e cargas para cidades de Norte América, da Europa, da África, da Ásia, em condições absolutamente confortáveis e tranquilas.

Cumpra acrescentar que tem a *Cruzeiro* em estudos linhas próprias para Santiago do Chile, Nova York e Europa.

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

Para o pleno êxito de seu serviço de passageiros, estabeleceu a *Cruzeiro do Sul*, além das condições acima referidas de segurança perfeita, condições múltiplas de conforto, que lhe grangearam preferência incontestável. Seu corpo de tripulantes se distingue por uma perfeita distinção no trato com os que viajam pelos aviões da Companhia. As refeições servidas a bordo, assim como o "cafézinho" oferecido aos passageiros nos vários pontos de partida ou de chegada, são preparados com esmero irreprochável. Na própria montagem dos assentos e demais serventias dos aviões foi observado rigoroso critério de comodidade e higiene. E o corpo de recepção da Companhia, constituído de senhorinhas especialmente treinadas para esse fim, proporciona aos passageiros gentil e utilíssima assistência nos aeropostos, deslindando-lhes dúvidas, encaminhando-os a pousos de confiança, auxiliando-os nos embarques da chegada ou da partida.

SERVIÇO DE CARGAS E ENCOMENDAS

Para o serviço de cargas e encomendas organizou a Companhia o "*Rápido Aéreo Cruzeiro do Sul*", — que significa um sistema complexo e harmonioso destinado a efetuar essa espécie de transporte com um máximo de prestesa, facilidade e segurança, afim de beneficiar, não apenas ao comércio e à indústria do Brasil, mas também aos particulares que tenham carga ou encomenda a transportar. O trabalho de "apanha de carga", o acondicionamento dos volumes grandes ou pequenos nos aviões, despacho e a entrega rapidíssimos e executados sob rigoroso controle garantem eficiência completa a esse serviço.

As tarifas de carga da *Cruzeiro*, postas em confronto com as tarifas ferroviárias e marítimas, causam sempre surpresa a quem, por falta de informação, suponha que o transporte aéreo de mercadorias, (e o avião transporta qualquer espécie de mercadoria), onera em excesso as mesmas.

SERVIÇO POSTAL

Felizmente, no Brasil, já não é mais necessário fazer-se propaganda do transporte de correspondência por via aérea. Praticamente, em nosso domínio territorial tão vasto, não há outro meio, de

(Continúa na pag. 50)

A FROTA DA CRUZEIRO

A frota da *Cruzeiro* hoje se constitui de vossantes e seguros quadrimotores *Douglas DC-4* (os célebres "Skymasters" de que tanto se orgulham as maiores linhas aéreas do planeta), para 44 passageiros, e de magníficos e não menos seguros *Douglas DC-3*, para 21 passageiros, além de outros aparelhos auxiliares.

Aviões, como se vê, das mais modernas marcas em uso na aviação comercial do mundo, têm eles servido para estabelecer contacto permanente entre os centros mais afastados de população, quer no extremo norte, quer no extremo sul, quer do longínquo oeste, quase a beira dos Andes, quer do extenso litoral ou da vastíssima hinterlandia, com as belas metrópoles do país, o Rio de Janeiro, a incomparável urbs das margens da Guanabara, São Paulo, capital industrial do Brasil, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Recife, etc., todas com populações que vão de 300 mil a cerca de 2 milhões de habitantes.

SERVIÇO DE MANUTENÇÃO

O motivo maior, no entanto, de prestígio da *Cruzeiro* reside no seu serviço admirável de manutenção a revisão.

Uma grande oficina de manutenção, construção e revisão no bairro do Cajú, na Capital Federal, garante o permanente ajustamento dos seus aviões à tarefa completa de conduzir pelo ar passageiros e cargas em condições de perfeita segurança. Nenhum aparelho da "*Cruzeiro*" ergue vôo sem que tenha passado pelo mais rigoroso exame técnico nessas oficinas ou no posto de revisão da base de operações.

Além disso, amplo sistema de estações-rádio, disseminadas pelo país em número de 35, envolve os aparelhos em vôo numa onda contínua de informações imprescindíveis, que os rádio-telegrafistas de bordo registam com perícia impecável para governo dos pilotos e co-pilotos. Essas estações são como faróis vigilantes, que permitem ao aeronavegador um máximo de serenidade e de mestria na direção do aparelho, mesmo no seio dos mais densos nevoeiros.

UMA TRIPULAÇÃO DE MILIONÁRIOS DO AR

Mas há ainda uma referência de capital importância a fazer-se: independentemente das já citadas condições objetivas de garantia, o corpo de tripulantes da "*Cruzeiro*" é, por si mesmo, um penhor de segurança insuperável. Constitue-se ele de Ases da aviação comercial, no sentido mais puro dos vocábulos. Entre os tripulantes da *Cruzeiro*, setenta e dois já perfizeram a alta quota de um milhão de quilômetros de vôo; destes, 20 já atingiram os dois milhões e 4 os três milhões de quilômetros pavorados. Numerosos outros caminham para estas cifras, pois já voaram 500 mil, 600, 700, 800, 900 mil quilômetros. O significado deste fato é patente. Trata-se de um pugilo de aeronavegadores de longa experiência e de consumada perícia, para os quais a aeronave no espaço livre é ambiente mais costumeiro do que os próprios lugares da terra firme.

A "Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul Ltda." — antigo *Sindicato Condor*, já conta cerca de 22 anos de experiência e de inestimáveis serviços ao Brasil, e é, pela extensão de suas linhas, pela sua grande e moderna frota, pelo seu perfeito aparelhamento de proteção ao vôo, e pelo seu corpo de tripulantes constituído de ases da aviação comercial universal, a organização líder dos transportes aéreos no Brasil.

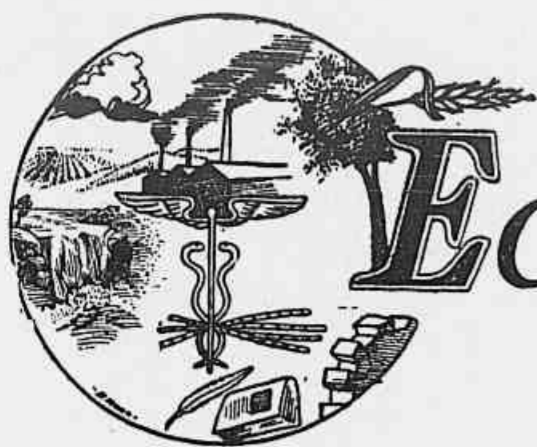
Iniciando suas atividades em começos de 1927, pioneira incontestável da aeronavegação comercial entre nós, ano a ano a *Cruzeiro do Sul* cresceu em ritmo de vertigem. Os algarismos índices de suas realizações em 1947 colocam-na irrecusavelmente no plano das maiores empresas aeroviárias do Continente.

Em 1947, de fato os aviões da *Cruzeiro* percorreram, em 11.287 vôos 10.842.882 quilômetros de linhas, conduzindo 123.523.279 passageiros-quilômetros, 2.155.414 toneladas-quilômetros de bagagens, 2.299.347 toneladas-quilômetros de encomendas e 206.194 toneladas-quilômetros de correspondência. O número de horas voadas atingiu a 39.224.

RÊDE AÉREA

As linhas da *Cruzeiro do Sul* hoje se estendem em vasta rede por sobre o enorme território brasileiro (8.500.000 quilômetros quadrados), servindo a dezenas de localidades, desde as maiores urbes, como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife, Salvador e demais capitais estaduais, até mínimos centros de população perdidos no litoral e no *hinterland* imenso, inclusive a faixa fronteiriça do extremo oeste. Sobrepondo-se, num mapa, as linhas da *Cruzeiro* às da mais ampla organização aeroviária interna dos Estados Unidos, verifica-se que, ponta a ponta, coincidem na extensão.

E são essas linhas trafegadas intensamente. Dispondo de frota numerosa, faz a *Cruzeiro* circular seus aviões indistintamente, produzindo surpreendente densidade semanal de tráfego. Em algarismos, essa densidade de tráfego assim se traduz: 77 vôos semanais de ida e volta (ou seja, uma média de 11 vôos diários) entre Rio e São Paulo; 16 vôos semanais redondos (média de 2 por dia) entre Rio e Salvador; 15 vôos semanais entre Rio e Vitória; 13 vôos semanais entre Rio e Porto Alegre; 9 vôos semanais entre Rio e Recife; 8 vôos semanais entre Rio e Ilhéus; 5 vôos semanais entre Rio e Belém, entre Rio e Maceió, entre Rio e Caravelas, entre Rio e Canavieiras, 4 vôos semanais entre Rio e Buenos Aires; entre Rio e Fortaleza, entre Rio e Natal, entre Rio e Curitiba, entre Rio e São Luiz; 3 vôos semanais entre Rio e Florianópolis, Rio e Aracajú, Rio e Cuiabá, Rio e Campo Grande, Rio e Araçatuba, Rio e Terezina, Rio e Parnaíba; 2 vôos semanais entre Rio e Manaus, Rio e Belterra, Rio e Cáceres, Rio e Macapá; 1 vôo semanal entre Rio e Boa Vista, entrosando com a L. A. V. para Caracas; entre Rio e Mossoró, Rio e Brejo, Rio e Florianiano, Rio e Balsas, Rio e Carolina, Rio e Marabá. Além um vôo semanal São Paulo-Recife, um vôo semanal Salvador-Ilhéus, um vôo semanal São Paulo-Salvador, um vôo semanal Salvador-Porto Alegre, 3 vôos semanais São Paulo-Curitiba, 3 vôos semanais São Paulo-Araçatuba, 3 vôos semanais São Paulo-Florianópolis-São Paulo.



Economia e Finanças

A Missão Abbink

AR ANDO F. PEIXOTO

A missão técnica norte-americana que se encontra entre nós, sob a chria do sr. JOHN ABBINK, trouxe a finalidade de proceder aos estudos necessários para "promover o desenvolvimento econômico e o bem estar do Brasil".

É, pois, uma delegação de verdadeiros técnicos em economia e finanças, plenamente familiarizados com os nossos problemas, e que vieram ao Brasil a serviço do proverbial espírito de cooperação do governo norte-americano.

Entretanto, raras vezes terão sido os membros de uma delegação estrangeira e amiga recebidos de maneira tão hostil no nosso país. É verdade que essa hostilidade não parte do nosso governo ou da maioria do povo brasileiro, que compreende a necessidade urgente da colaboração dos norte-americanos para nos libertarmos da crise impressionante que nos assombra ameaçando levar a nossa indústria incipiente a ruína irremediável.

Elementos ultra-nacionalistas, extranhamente apaixonados pelo caso do petróleo — que se vai transformando, para a infelicidade de todos os bons brasileiros, em fonte perigosa de absurdas explorações políticas — começaram a atribuir à missão, gratuitamente, a responsabilidade pelos nossos problemáticos infortúnios futuros relacionados com aquele combustível. Nesse raciocínio precipitado contaram com a solidariedade interesseira dos comunistas, que vislumbraram no episódio uma excelente oportunidade para entregar-se à mais desenfreada demagogia.

Essa ingrata campanha, que ameaça envolver em suas malhas personalidades de reconhecido bom senso, gira em torno do apregoado espírito de cobiça dos norte-americanos, que estariam planejando estender seus terríveis tentáculos, através de trusts impiedosos, para arrebatam novas fontes da riqueza nacional, e muito principalmente o petróleo. Daí a origem da campanha sob o slogan "o petróleo é nosso", que tem empolgado todo o país, gerando no seu bojo conflitos cruéis com o seu lamentável cortejo de sangue e de dor. Entretanto, quem se detiver no exame sereno dos verdadeiros objetivos da missão Abbink não poderá deixar de extranhar tal campanha. Ela não é apenas injusta, mas criminosa e impatriótica, porque encobre propositos conhecidos, visando sobretudo o estreitamento de nossas tradicionais relações de amizade com o povo norte-americano, nosso aliado e maior consumidor dos produtos brasileiros.

Numa linguagem sincera, o sr. Abbink já teve oportunidade de declarar publicamente o seguinte: "Não estamos aqui para obter coisa alguma para ninguém, ou de quem quer que seja. Não temos program ou plano, que estejamos tentando impor. Como representante do governo dos Estados Unidos achamo-nos aqui apenas para nos aliarmos aos nossos colegas brasileiros, no sincero desejo de descobrir a causa fundamental dos problemas com que se defronta o Brasil no seu proposito de aumentar a sua produção geral, afim de melhorar o bem-estar do seu povo e incorporar as nossas conclusões e recomendações em relatório conjunto a ser apresentado a ambos os governos. A comissão apenas pode analisar e apontar o caminho para possíveis soluções. Caberá, então, ao governo e

ao povo do Brasil decidir sobre o caminho que desejam tomar".

Em nota oficial o governo brasileiro já fez sentir a importância fundamental da cooperação do capital estrangeiro para o desenvolvimento da nossa economia. E esclareceu textualmente: "Si tivermos de contar, exclusivamente, com os nossos capitais, teremos de impor aos consumidores sacrifícios pesados e, ainda assim, retardando o progresso do país".

Aí está, nessas poucas palavras, uma dura confissão, que vale por terrível lição a quantos ainda se iludem com a realidade. O Brasil é um país pobre, muito pobre mesmo, que ainda está longe de poder aspirar a independência econômica. Si quizer chegar algum dia à posição que ora desfrutam os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e outras nações altamente industrializadas, terá primeiramente que recorrer à ajuda do capital estrangeiro, como o fizeram, de resto, essas mesmas nações.

No dia que reconhecermos a nossa situação a decidirmos enfrentar o problema de maneira racional, teremos dado, de fato, um passo à frente no caminho da nossa verdadeira redenção econômica.

ÓCULOS • FILMES

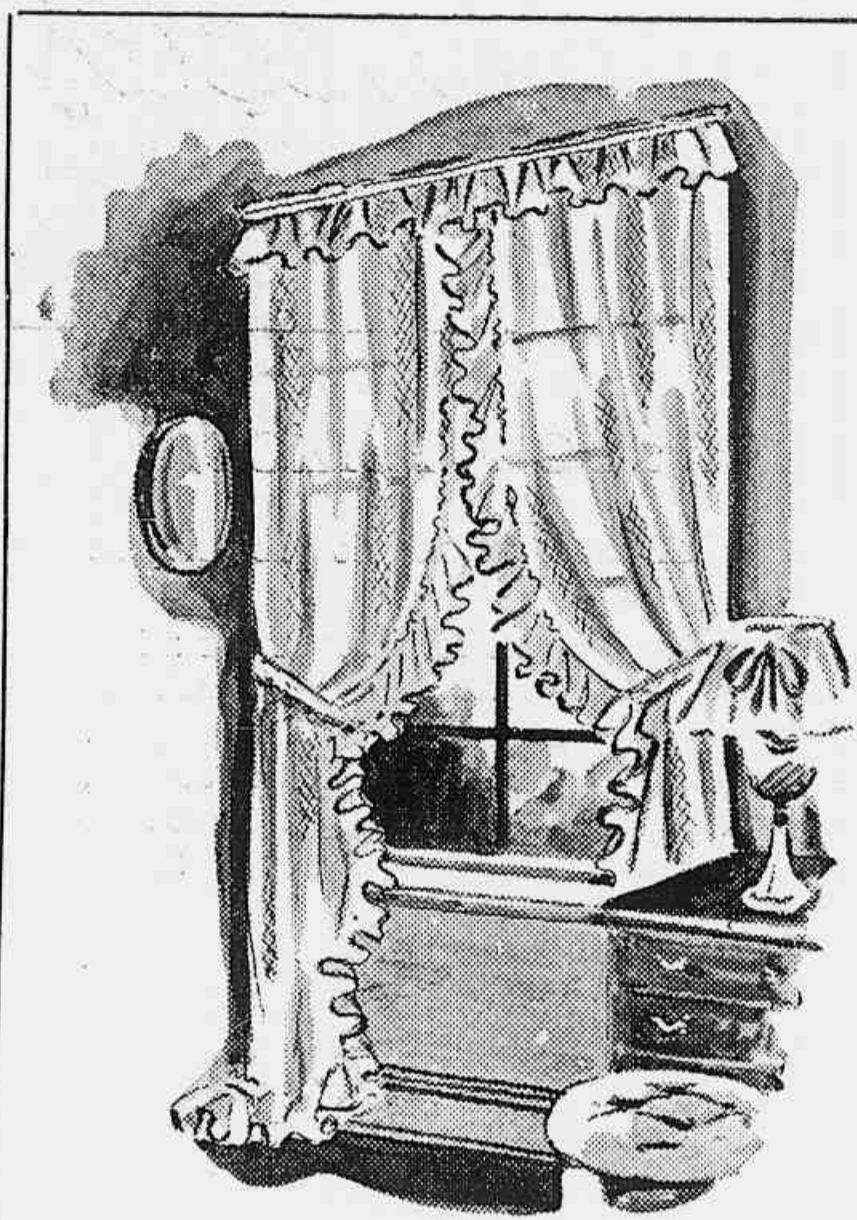
ÓTICA

Continental

SOARES & GUIDO

RUA SENADOR DANTAS, 118-C
próximo ao Taboleiro da Baiana

TELEFONE
42-4238



Interiores, Decorações

Uma cortina pode constituir o "it" do ambiente!

Peça sugestões

Casa **JINGLO-BRASILEIRA**

SUCESSORA DE

PRAIA
BOTA. OGO
360 e 364

MAPPIN

O BRASIL IMPORTANDO ALGODÃO

Telegrama de S. Paulo diz que a produção de algodão no Estado está diminuindo de ano para ano. E acrescenta que a indústria está pagando preços elevados pelo artigo, em vista de sua escassez. O problema assume, assim, aspecto de indissolúvel gravidade. A produção, que era anteriormente de 400 milhões de quilos, caiu para a metade, antecipando-se que já está sujeita a nova queda, que reduzirá a colheita à cifra de cem milhões.

O Brasil, por exemplo, em menos de dois anos consumiu 250 milhões de dólares, produtos dos saldos que viera acumulando com sacrifício durante os anos dolorosos da guerra. Mas, em vez de adquirir máquinas, aço e material pesado para a sua industrialização, entrou a importar quantidades vultosas de rádios, automóveis, quinquilharias, geladeiras, brinquedos, conservas e até cerveja! Foi mesmo, como diz o articulista, uma orgia de gastos sem paralelo".

Como resultado dessa condenável política financeira, estamos hoje atravessando uma crise de dólares jamais observada na história das nossas relações comerciais com os Estados Unidos.

A situação é tão delicada que o nosso governo pensa em prorrogar por mais um ano a lei que instituiu a licença prévia, afim de poder controlar convenientemente as importações, impedindo, assim, que prossigamos na compra de mercadorias consideradas não-essenciais. A medida é justa e só pôde merecer os aplausos de todos os bens brasileiros.

PRODUÇÃO E TRANSPORTES

É opinião conhecida dos técnicos em ciências econômicas que a crise financeira nacional só será debelada pela intensificação da produção. E esta compreendendo a necessidade de dar solução urgente a tão magno problema. o presidente Dutra sancionou, no curso do mez de Setembro último, duas leis importantíssimas, cujo registro fazemos com o mais justificado júbilo.

A primeira delas cria facilidades para a mecanização da nossa lavoura, abrindo, para esse fim, o crédito de cem milhões de cruzeiros.

A última autorisa o aproveitamento dos nossos saldos congelados na França para a aquisição de duas refinarias de petróleo.

Com a mecanização da lavoura, poderemos aumentar nossas colheitas de modo a atender às necessidades do nosso consumo, que vão crescendo à proporção que correm os anos, permitindo ainda a exposição de muitos artigos que agora produzimos em escala insuficiente para abastecer os mercados internos.

As refinarias de petróleo terão para a economia nacional vantagem dupla. Em primeiro lugar permitirão a venda do produto a preço mais acessível, barateando, assim, os transportes rodoviários; em segundo lugar, evitarão drenagem de grande parte do nosso ouro para o estrangeiro. Com essas reservas, poderemos aumentar as compras de caminhões, locomotivas e toda classe de veículos, melhorando assim o nosso precário sistema de transportes — uma das causas fundamentais da difícil situação financeira atual.

Por todas essas razões é que festejamos aqueles dois atos do presidente Dutra, dignos dos aplausos de quantos almejam a felicidade e a grandeza do Brasil.

GÁS DE ARATÚ

Foram assinados no Conselho Nacional do Petróleo os contratos de venda do gás natural do campo de Aratú, situado no recôncavo Baiano, com as seguintes firmas, cujas propostas mereceram a aprovação do Plenário

A ALFAIATARIA PENA
ESPECIALISOU-SE NA
CONFECÇÃO DE FAR-
DÕES PARA OS MEM-
BROS DA ACADEMIA
BRASILEIRA



PRAÇA GETULIO
VARGAS, 2
ED. ODEON - S. 618
TEL.: 22-8760

ALFAIATARIA
PENA
O ALFAIATE DOS IMORTAIS

EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS

daquêle órgão: — Paschoal Pisani Perrone (indústria de cimento), Companhia Industrial da Bahia S. A. (indústria de óleos vegetais) e Indústrias Itacal S. A. — Materiais e Produtos Químicos (indústria de cal). Dentro em breve deverá ser assinado o contrato com a Viação Férrea Federal Leste Brasileiro, para a venda do gás a ser consumido na futura usina termo-elétrica desta ferrovia, de acôrdo com os respectivos planos de eletrificação das linhas.

O campo de Aratú está localizado a quinze quilômetros ao norte da cidade do Salvador e conta atualmente com dois poços produtores de óleo e sete produtores de gás, atingindo as reservas comprovadas de gás ao apreciável volume de cerca de um bilhão, de metros cúbicos. O gás apresenta-se na bôca dos poços com a pressão aproximada de 1.000 libras por polegada quadrada (70 quilômetros) e possui o poder calorífico médio de 9.200 calorías por metro cúbico ou seja mais do dôbro que o do gás fornecido à cidade do Rio de Janeiro para uso doméstico, que gira em torno de 4.300 calorías por m³.

Entretanto, o campo de Aratú não é único produtor de gás naquela região. O de Itaparica, por exemplo, na ilha do mesmo nome dispõe de alguns reservatórios naturais dêsse combustível da ordem de 300 milhões de metros cúbicos cujo aproveitamento na iluminação da ilha está sendo objeto de estudos por parte do govêrno estadual, com a anuência do Conselho Nacional do Petróleo. Aliás, já existe em Itaparica pequeno consumo de gás, a título precário, numa fábrica de tecidos.

Dos estudos procedidos pelos órgãos técnicos do Consêlho, com base nas despesas já realizadas e a realizar para a completação do campo e bem assim na comparação com outros combustíveis em uso naquela região, resultou para o gás de Aratú o reço mínimo de vinte centavos por metro cúbico, pelo qual poderia ser vendido, em quantidade diária não excedente de 130.000 metros cúbicos, por um período relativamente longo, dada a natureza da jazida.

Em sessão realizada a 21 de Outubro do ano passado, o Plenário do Conselho aprovou os estudos efetuados e determinou a abertura de concorrência pública para a venda do gás de Aratú, sob determinadas condições e exclusivamente para fins indústrias, a qual, realizada a 12 de Abril do corrente ano foi aprovada em sessão de 6 de agosto último, seguindo-se a assinatura dos respectivos contratos com os concorrentes classificados. Nesses contratos o gás foi estipulado ao preço de vinte centavos por m³.

SEGURANÇA

PARA SUA FAMÍLIA



Quando alguém bate à porta de sua casa, esse alguém tanto pode ser uma pessoa amiga como um salteador.

Para que sua família fique a seguro desse perigo, instale em sua casa o visor GORDON.

O visor GORDON é de fácil colocação, perfeita visibilidade e grande raio visual!

DISTRIBUIDORES:

ALFREDO, LIMA & CIA

RUA BUENOS AYRES, 161 - TELS. 23-6088 e 236094

BARATA

Fazendas Leves



CASAS PERNAMBUCANAS

A MAIOR ORGANIZAÇÃO EM TECIDOS DA AMÉRICA DO SUL!



ESPORTE E ELEGANCIA | **Flagrante colhido no prado do Jockey Club Brasileiro quando das ultimas corridas ali realizadas.**

De um "Carnet" Mundano

CONCLUSÃO

Ministro Daniel de Carvalho, Ministro Sylvio de Noronha, Ministro Armando Trompowsky, Prefeito Angelo Mendes de Moraes, Governador Edmundo de Macedo Soares, Senador Ivo de Aquino, Deputado Novelli Junior, Deputado Cyrillo Junior, Deputado Edgard Baptista Pereira, Deputado José Armando Affonseca, Princesa D. Maria de Orleans e Bragança, Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Ernesto G. Fontes, Carlos Guinle, Pedro Brando, Herbert Moses, Elmano Cardim, Carlos Delgado de Carvalho, Rubens Antunes Maciel, Condessa de Pompeiro, Luiz Sparano, Octavio Guinle, Eduardo Guinle Filho, Comandante Mario Colazzo Pittaluga, Aprigio dos Anjos, Antonio Leite Garcia, Antonio Sanchez Larragoiti Júnior, Manoel de Abreu, Tte. Coronel Napoleão Alencastro Guimarães, Coronel Cardido Torres Guimarães, Ranulfo Bocayuva Cunha, Roberto Assunção, Adhemar de Faria, Prof. Pedro Calmon, Viuva Rodolfo Jozetti, Paulo Sampaio, Agostinho Leão Ju-

nior, Geraldo Baptista, Cecil H'ime, José Thomaz Nabuco, Jorge Godoy, Xavier Pedroza, Pierre Moreau, Luiz Simões Lopes, Eduardo Chermont de Brito, Alfredo de Paula, Nestor Moura Brasil, Luiz Capriglioni, Luiz de La Saigne, Fernando Falcão, Oswaldo Rangel, Epitacio Pessoa Cavalcanti, Horacio Carvalho, Francisco Elyseo Pinheiro Guimarães, Leão Gondim de Oliveira, Martinelli, Fernando Guaraná, Malvina Dolabella Portella, Walter de Barros.

Senhoritas: Yvette Vargas Tateh, Beatriz de Miranda Jordão, Thereza de Souza, Lygia Pinto, Maria Cecilia Ribas Carneiro.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Senhoras: Lucia de Macedo Soares, Plinio José de Carvalho, Luiz Frias, Octavio Willemsens, Roberta de Macedo Soares. Senhorita: Maria Cecilia da Motta Maia.

Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul Ltda.

(CONCLUSÃO)

executar-se esse serviço de maneira eficaz. A *Cruzeiro do Sul*, compreendendo o fenômeno, põe todo o capricho em, também neste sentido, servir o Brasil com todo entusiasmo.

DIRETORIA ATUAL

A diretoria atual da Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul é a seguinte:

Diretor-Presidente:
Dr. J. Bento Ribeiro Dantas
Diretor-Superintendente:
Cel. J. C. Muricy Filho
Diretor-Secretário:
Dr. Cicero Leite
Diretor-Legal:
Dr. Eurico F. Valle

Diretor-Comercial:
Sr. J. Q. Vieira de Carvalho
Diretor de Tráfego:
Dr. Alcides Feijó Raupp
Diretor de Manutenção:
Dr. L. C. do Amorim Filho
Diretor de Operações:
Cel. Franklin A. Rocha.

As sucursais e agências no país e fora do país são em número de sete dezenas. E cerca de três mil funcionários e técnicos de todas as categorias servem a Companhia em sua sede central, no Rio, à Avenida Rio Branco n. 128, nessas agências e sucursais, nas estações de Rádio, nas bases numerosas junto aos campos de pouso, nas oficinas do Cajú.

CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

**Galeria
Santo Antonio**
Rua da Quitanda, 25
ESPECIALISTA EM RESTAURA-
ÇÕES DE QUADROS A ÓLEO

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
Limpa os póros — Modela o rosto
À VENDA EM TODA A PARTE

DR. UBALDO VEIGA
ESPECIALISTA EM
DOENÇAS DA PELE E SÍFILIS
Chefe desta clínica na Beneficência Portuguesa.
Consultas: Rua do Ouvidor, 183 5.º andar — sala 504 — nas 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras, das 16 às 17,30 horas.

DR. FRIDEL
MOLESTIAS DAS CRIANÇAS
(CHEFE DA CLINICA DR. WITTRÖCK)
Tratamento dos vômitos, diarreia, anemia, fastio, tuberculose sífilis e moléstias da pele.
RAIOS ULTRA-VIOLETA
Av. Rio Branco, 114 - 13.º andar
Telefone: — 22-0713
Residência: Tel. 25-6692



EM
D
E
Z
E
M
B
R
O
!

ALMANAQUE
D'O TICO-TICO



PARA
1949

Centenas de páginas dedicadas à mulher e aos seus problemas, divididas em seções que tratam de todos os assuntos femininos. Sendo um belo álbum a que não faltam lindas fotografias de artistas, poesias escolhidas, boa literatura sentimental e lírica bem ao gosto do sentimentalismo feminino, contém sugestões e soluções sobre arranjo caseiro, arte culinária, problemas de beleza, bordados finos, lingerie, vestidos para noiva etc.

É um conselheiro perfeito para a jovem e utilíssimo auxiliar para a dona de casa. Páginas da maior beleza, escolhidas cuidadosamente para agradar à sensibilidade feminina.

O "Anuário das Senhoras" custa apenas Cr\$15,00, em tôdas as livrarias, ou na S.A. "O MALHO", à rua Senador Dantas, 15,-5.º andar — Rio — que também atende a pedidos para qualquer cidade do país, pelo Serviço de Reembolso Postal.